



---

**SEBASTIÃO ROSA DA SILVA FILHO**

**CAMINHANDO E LENDO O CENTRO HISTÓRICO DE PIRACURUCA: ENSINO DE  
HISTÓRIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI**

**PARNAÍBA - 2025**



**SEBASTIÃO ROSA DA SILVA FILHO**

**CAMINHANDO E LENDO O CENTRO HISTÓRICO DE PIRACURUCA: ENSINO  
DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL**

Dissertação apresentada à Banca de defesa do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA, da Universidade Estadual do Piauí, Campus Parnaíba, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ensino de História (Área de concentração: Ensino de História)

Orientador(a): Professora Doutora Mary Angélica Costa Tourinho.

**PARNAÍBA - 2025**

S586c Silva Filho, Sebastião Rosa da.

Caminhando e lendo o centro histórico de Piracuruca: ensino de história e educação patrimonial / Sebastião Rosa da Silva Filho. - 2025.

165 f.: il.

Dissertação (mestrado) - Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA, Universidade Estadual do Piauí, 2025.

"Área de Concentração: Ensino de História".

"Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Mary Angélica Costa Tourinho".

1. Ensino de História. 2. Aula-passeio. 3. Educação Patrimonial. 4. Piracuruca-PI. I. Tourinho, Mary Angélica Costa . II. Título.

CDD 981.22

Ficha elaborada pelo Serviço de Catalogação da Biblioteca da UESPI  
Francisca Carine Farias Costa (Bibliotecário) CRB-3<sup>a</sup>/1637

# **SEBASTIÃO ROSA DA SILVA FILHO**

## **CAMINHANDO E LENDO O CENTRO HISTÓRICO DE PIRACURUCA: ENSINO DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL**

Dissertação apresentada à Banca de defesa do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA, da Universidade Estadual do Piauí, Campus Parnaíba, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ensino de História  
(Área de concentração: Ensino de História) sob a orientação da Professora Doutora Mary Angélica Costa Tourinho.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof(a) Dr.(a) Mary Angélica Costa Tourinho – Universidade Estadual do Piauí - Uespi  
(orientador/a)

---

Prof(a) Dr.(a) Danilo Alves Bezerra – Universidade Estadual do Piauí - UESPI

---

Prof(a) Dr.(a) Júlia Constança Pereira Camêlo - Universidade Estadual do Maranhão - UEMA



Dedico *in memoriam* de meus pais Maria Enedina Pereira Vieira e Sebastião Rosa da Silva, pois como diria Sir. Isaac Newton “Se vi mais longe, foi por estar sobre ombros de gigantes”. E eu vi, aprendi e caminhei adiante com seus ensinamentos. Hoje, tento ser o gigante para os meus filhos. A benção pai! A benção mãe!

*“Liberdade, essa palavra  
que o sonho humano alimenta,  
que não há ninguém que explique  
e ninguém que não entenda”*

Cecília Meireles

## **AGRADECIMENTOS**

Grato ao Senhor, meu Pai, pela oportunidade da vida, dessa caminhada aos longos desses 40 anos, por vezes tortuosos outrora risonhos, mas sempre com fé.

Grato a meus pais, Maria Enedina Pereira Vieira e Sebastião Rosa da Silva a quem na vida me fizeram gente, acolheram no meu segundo dia de vida, me dando instrução, conforto, alimento, afeto e acima de tudo amor. Obrigado!

Grato à Maria Alcione Fontenele de Brito pelos anos de vida juntos, pelos ensinamentos, cuidados e acima de tudo, por nossos filhos Lise Marie Rosa de Brito e Lucas Maximus Rosa de Brito que são expressão máxima de nossa convivência e todos os dias luto para garanti-lhes o futuro pelo trabalho da educação, obrigado!

Grato à Jean Paulo Nascimento, amigo, compadre e a quem, teimosamente desde 2018, tentamos o ProfHistória. Passamos pela pandemia de Covid-19 onde você conseguiu seu mestrado brilhantemente em História pela UFMA. Eu segui firme com suas palavras de incentivo, e cá estou realizando esse sonho também. Por todo o incentivo, obrigado!

Grato à Mária Jéssica, a quem a vida em surpreendeu cruzando nossos caminhos. São dias difíceis, de luta árdua e constante, numa batalha simplória pelo básico, pela vida e por futuro digno para nós e para os nossos. Por tudo que vivemos e pelo que tem me ajudado, obrigado!

Grato enormemente à professora Doutora Mary Angélica, minha orientadora, modelo de resiliência na vida pessoal, de profissional amável e que sempre me colocou nos trilhos quando eu achando que sabia, podia e escrevia, ela me pegou pela mão e apontou a direção correta. Saúde, prosperidade e muitos anos de vida professora, obrigado!

## RESUMO

O debate sobre patrimônio cultural no Brasil tem avançado de forma substancial nesse primeiro quarto do século XXI. Do ponto de vista político, a subida ao Planalto do presidente Lula em 2003 e a nomeação para Ministério da Cultura de Gilberto Gil trouxe grande relevância para o tema educação patrimonial. O tema dessa pesquisa é o Centro Histórico e Paisagístico de Piracuruca, sendo que a ideia recai sobre como o Centro Histórico pode ser utilizado como ferramenta no Ensino de História a partir dos subsídios teóricos da Educação Patrimonial. Foram analisados trabalhos que tratam sobre conceitos como: patrimônio, Educação Patrimonial e Ensino de História, que permitiram analisar o espaço considerado como Centro Histórico de Piracuruca, além de orientar a produção de material pedagógico que venha auxiliar o professor da educação básica (6º ao 9º ano do ensino fundamental) na preparação, execução e avaliação de uma aula-passeio pelo Centro Histórico de Piracuruca. Tendo com área de concentração o Ensino de História e a Linha de Pesquisa os Saberes Históricos em diferentes espaços de memória, a relação do tema com a sala de aula resultam de que pensam sobre como professores/as da educação básica podem elaborar uma aula-passeio pelo Centro Histórico de uma cidade, de modo mais específico na cidade de Piracuruca; os materiais ou recursos que permitem a elaboração da aula; quais fontes estão disponíveis para pesquisa? Qual bibliografia básica para leitura? E se o professor precisar montar um projeto escrito, qual passo inicial? O que será proposto no Produto Educacional é um roteiro que abarca apenas parte do centro histórico e que possa se adequar de acordo com o interesse do professor. Além do roteiro de aula-passeio, a composição do Produto Educacional vai trazer subsídios que serão produzidos para ajudar o professor tanto na preparação, quanto no desenvolvimento da aula.

**Palavras-chaves:** Ensino de História. Aula-passeio. Educação Patrimonial. Piracuruca-PI

## ABSTRACT

The debate on cultural heritage in Brazil has advanced substantially in the quarter of the 21st century. From a political point of view, President Lula's rise to power in 2003 and the appointment of Gilberto Gil as Minister of Culture brought great relevance to the topic of heritage education. The theme of this research is the Historic and Scenic Center of Piracuruca, and the idea is to understand how the Historic Center can be used as a tool in the Teaching of History based on the theoretical framework of Heritage Education. Studies that deal with concepts such as heritage, Heritage Education and History Teaching were analyzed, which allowed us to analyze the space considered as the Historic Center of Piracuruca, in addition to guiding the production of pedagogical material that can assist basic education teacher (6th to 9th grade elementary school) in the preparation, execution and evaluation of a field trip through the Historic Center of Piracuruca. With the area concentration being History Teaching the Line of Research being Historical Knowledge in different spaces of memory, the relationship between the theme and the classroom results from thinking about how elementary school teachers can prepare a field trip through the Historic Center of city, more specifically in the city of Piracuruca; the materials or resources that allow the preparation of the class; what sources are available for research? What basic bibliography for Reading? And if the teacher needs to put together a written project, what is the first step? What will be proposed in the Education Product is script that only part of the historic center and that can be adapted according to the teacher's interests. In addition to the field trip script, the composition of the Education Product will bring subsidies that will be produced to help the teacher both in the preparation and in the development of the class.

**Keywords:** History Teaching. Field trip. Heritage Education. Piracuruca-pi.

## LISTA DE IMAGENS

|  |    |
|--|----|
| <b>Imagem 1.</b> Mapa do município de Piracuruca atualmente.....   | 10 |
| <b>Imagem 2.</b> Parque Nacional de Sete Cidades – Cachoeira do Riachão.....   | 11 |
| <b>Imagem 3.</b> Franciso Gerson Meneses e o Projeto Artes do Bitorocaia.....  | 12 |
| <b>Imagem 4.</b> Barragem de Piracuruca.....   | 12 |
| <b>Imagem 5.</b> Igreja de Nossa Senhora do Carmo.....   | 19 |
| <b>Imagem 6.</b> Detalhe do frontispício da Igreja de Nossa Senhora do Carmo.....  | 23 |
| <b>Imagem 7.</b> Ilustração de Leonardo das Dores diante da Igreja de N. S. do Carmo.....  | 23 |
| <b>Imagem 8.</b> Trecho da Viação Férrea Cearense – Ramal Amarração.....   | 33 |
| <b>Imagem 9.</b> Estação Ferroviária de Piracuruca na chegada do trem.....   | 35 |
| <b>Imagem 10.</b> Lista de Bens Culturais Inscritos nos Livros do Tombo (1938 – 2012).....   | 37 |
| <b>Imagem 11.</b> Antiga Casa de Intendência.....  | 38 |
| <b>Imagem 12.</b> Casarão Padre Sá Palácio.....  | 39 |
| <b>Imagem 13.</b> Interior do Casarão Padre Sá Palácio.....  | 39 |
| <b>Imagem 14.</b> Mapa do Conjunto Histórico e Paisagístico de Piracuruca com as poligonais de tombamento em azul e as poligonais de entorno em verde no formato planta baixa..... | 41 |
| <b>Imagem 15.</b> Mapa do Conjunto Histórico e Paisagístico de Piracuruca com as poligonais de tombamento em azul e as poligonais de entorno em verde com imagens de satélits..... | 42 |
| <b>Imagem 16.</b> Unidade Escolar Anísio Brito.....  | 43 |
| <b>Imagem 17.</b> Cemitério Campo da Saudade.....  | 43 |
| <b>Imagem 18.</b> Igreja de Santo Antônio.....   | 44 |
| <b>Imagem 19.</b> Mercado Público de Piracuruca.....   | 44 |
| <b>Imagem 20.</b> Quantidade de lições de História no Colégio Pedro II em 1828.....  | 54 |
| <b>Imagem 21.</b> Ruas do roteiro da aula-passeio.....   | 69 |
| <b>Imagem 22.</b> Ruas do roteiro da aula-passeio (imagem área) .....  | 69 |
| <b>Imagem 23.</b> Mapa das áreas de tombamento e entorno.....  | 70 |
| <b>Imagem 24.</b> Turmas 8º e 9º ano da E. M. Argemiro Urquiza.....  | 71 |
| <b>Imagem 25.</b> Conversa inicial com alunos na Praça Irmãos Dantas.....  | 72 |
| <b>Imagem 26.</b> Vista da Praça Irmãos Dantas de frente para Igreja de N. S. do Carmo.....  | 73 |
| <b>Imagem 27.</b> Conversa inicial com alunos na Praça Irmãos Dantas.....  | 74 |
| <b>Imagem 28.</b> Antiga Casa Paroquial.....   | 75 |
| <b>Imagem 29.</b> Câmara de vereadores de Piracuruca.....  | 76 |
| <b>Imagem 30.</b> Câmara de vereadores de Piracuruca.....  | 77 |
| <b>Imagem 31.</b> Cemitério Campo da Saudade.....  | 78 |
| <b>Imagem 32.</b> Frente da Igreja de N. S. do Carmo.....  | 79 |
| <b>Imagem 33.</b> Igreja de N. S. do Carmo.....  | 80 |
| <b>Imagem 34.</b> Escadaria lateral da Igreja de N. S. do Carmo.....   | 81 |
| <b>Imagem 35.</b> Casarão Espaço Jovem.....  | 82 |
| <b>Imagem 36.</b> Corredor principal do Casarão Espaço Jovem.....  | 83 |
| <b>Imagem 37.</b> Mosaico: saída localidade Santa Rosa; almoço dos alunos em Piracuruca.....   | 84 |

## LISTA DE TABELAS

|   |    |
|---|----|
| <b>Tabela 1.</b> Ruas e poligonais de tombamento..... | 45 |
| <b>Tabela 2.</b> Ruas e poligonais de entorno.....    | 46 |

## SUMÁRIO

|   |            |
|---|------------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>12</b>  |
| <b>CAPÍTULO 1 – PIRACURUCA: ENTRE HISTÓRIAS DE EXALTAÇÃO E INVISIBILIZAÇÃO.....</b>   | <b>17</b>  |
| 1.1 – Breve apresentação de Piracuruca atualmente.....  | 17         |
| 1.2 – Piracuruca: a terra dos Irmãos Dantas construída pelos relatos dos memorialistas.....   | 21         |
| 1.3 – A construção da Igreja de Nossa Senhora do Carmo – pedra sobre pedra, encobertas com palavras.....  | 25         |
| 1.4 – Genocídio indígena constituindo fazendas de gado e uma freguesia em nome da fé cristã.....  | 35         |
| 1.5 – Do ouro branco da carnaúba, riqueza da terra aos trilhos do progresso.....  | 38         |
| <b>CAPÍTULO 2 – O CENTRO HISTÓRICO E PAISAGÍSTICO DE PIRACURUCA.....</b>  | <b>44</b>  |
| 2.1 – O Centro Histórico e Paisagístico de Piracuruca: as razões do tombamento pelo IPHAN.....  | 44         |
| 2.2 – O Centro Histórico e Paisagístico de Piracuruca: as delimitações das poligonais de tombamento e entorno.....                                | 48         |
| <b>CAPÍTULO 3 – O ENSINO DE HISTÓRIA, EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E AULA-PASSEIO: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS PARA MONTAGEM DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....</b> | <b>56</b>  |
| 3.1 – Ensino de História.....   | 56         |
| 3.2 – Educação Patrimonial.....   | 65         |
| 3.3 – Uma proposta de sequência didática para ser colocada em prática no Centro Histórico de Piracuruca.....                                      | 70         |
| 3.4 – Aula-passeio: conceitos.....  | 72         |
| <b>CONCLUSÃO.....</b>   | <b>98</b>  |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>100</b> |
| <b>APÊNDICE – SEQUÊNCIA DIDÁTICA: ROTEIRO DE AULA PELO CENTRO HISTÓRICO DE PIRACURUCA.....</b>  | <b>105</b> |



## INTRODUÇÃO

O debate sobre patrimônio cultural no Brasil tem avançado de forma substancial nesse primeiro quarto de século XXI. Do ponto de vista político, a subida ao Planalto do presidente Lula em 2003 e a nomeação para Ministério da Cultura de Gilberto Gil trouxe grande relevância para o tema educação patrimonial “haja vista sua recorrência nos programas governamentais Mais Educação, Mais Cultura nas Escolas e Cultura Viva” (Silva 2015).

O surgimento do ProfHistória em 2012 foi um incentivo para que debates e trabalhos nessa área, se voltassem para observar o patrimônio integrado ao cotidiano dos estudantes das escolas em que os discentes deste programa, atuavam, pois, o ProfHistória por meio de sua proposta pedagógica, pensa o docente como professor-autor. Não cabe aqui nenhuma comparação em termos de juízo de valor entre ProfHistória e os mestrados acadêmicos, pois cada um carrega seu valor para a sociedade em termos de produção de conhecimento, porém, a metodologia desta pós-graduação abre portas para trabalhos significativos na área da docência e ensino de história.

Especificamente sobre minha experiência no mundo docente e a escolha do meu tema, tem muito a ver com as inquietações de um Sebastião ainda adolescente, que muitas vezes se pôs diante da praça Irmãos Dantas, a principal da cidade de Piracuruca, construída em frente a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo. Sempre me intrigou aquele velho relógio da igreja que quase nunca funcionava, onde o número quatro em algarismo romano eram “quatro pausinhos”, esse era o meu olhar de criança, também encantado com as pedras que ainda compõe as colunas das duas torres da igreja.

Sempre ficava pensando sobre como aquelas pedras foram trazidas e empilhadas ali; que engenharia havia sido usada para tirar, lapidar e depois construir aqueles detalhes lindos que compunha aquela frente da igreja. E aqueles casarões ao redor da praça, todos com cara de coisa antiga. Tudo aquilo me apaixonava. Pensar quem foram as pessoas que ali viveram, suas histórias, suas alegrias e tristezas, quantas almas por ali passaram? Batia uma tristeza ver como parte daquelas casas não iam demorar a tombar ao sabor do tempo e do abandono. Esse pensar, essa aflição de olhar um “lugar de memória” e enxergar as palavras nítidas de Pierre Nora (2012) que “a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente”

Os anos se passaram, e essa paixão guardei comigo e formado em História pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI no ano de 2010, iniciei minha vida docente. Passei pelos sufocos que a grande maioria dos professores recém-formados passam: escolas

particulares que pagam muito pouco, cursinhos pré Enem, estudar para concursos, e até aquela vontade enorme de largar tudo e virar pedreiro. Mas a perseverança, o casamento e uma filha para criar falaram mais alto enquanto motivos para continuar.

Mais alguns anos de estudos e aprovação no concurso da Secretaria Estadual de Educação – SEDUC/PI de 2014, sendo apenas nomeado em 2018, me deram a estabilidade e relativa segurança para pensar em continuar nos estudos. Exatamente nesse ano minha primeira tentativa de passar no ProfHistória na cidade do Crato/CE, uma epopeia a bordo de uma Guanabara e mais de 12 horas de viagem do norte do Piauí ao sul do Ceará. A não aprovação naquele ano não me abalou, ainda tentando em outras duas oportunidades antes da seleção de 2023.

Cursando o mestrado em Parnaíba, tive um choque de realidade, como deve ser para a maioria dos egressos que já havia concluído a graduação com um lapso de tempo grande. Para além das questões de atualizações teóricas, produção acadêmica, leituras e leituras, o ProfHistória trouxe uma série de ensinamentos que extrapolam a esfera acadêmica. Mostrou que o professor, mesmo estando ali em sala de aula, tem uma bagagem gigantesca e importante de conhecimento para produção, reflexão e compartilhamento de saberes e experiências tão valiosas quantos os livros dos teóricos do mundo acadêmico mais conceituados.

Outro fator marcante nessa trajetória foi cursar a disciplina de Educação Patrimonial e Ensino de História, que a propósito, deveria ser disciplina obrigatória na grade. Desde o início do curso, meu interesse pairou sobre a ideia do que produzir sobre o Centro Histórico e Paisagístico de Piracuruca, desde sempre o tenho visto como um diamante a ser lapidado, no sentido simples que há tanto para se pesquisar, produzir e divulgar cientificamente sobre o mesmo.

O Centro Histórico de Piracuruca foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN em 2012 e abrange a Igreja Matriz de Nossa do Carmo e uma série de casarões que representam momentos distintos da história do Brasil Colônia e Império, passando por fatos históricos como o grande enriquecimento de parte dos homens de posse de Piracuruca quando houve a chegada do trem e a grande valorização internacional da cera de carnaúba, dois fatores que combinados, na década de 1930, vão repaginar a cidade de Piracuruca, mas ainda mantendo muitos das características do século XVIII.

Vale ressaltar que a Igreja de Nossa Senhora do Carmo já havia passado pelo processo anterior de tombamento em 1937 pelo órgão Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, sendo umas das primeiras iniciativas concretas por parte do Estado

brasileiras de proteção do patrimônio cultural nacional. A referida igreja de Piracuruca foi fundada em 1743 é a segunda mais antiga do estado do Piauí, ficando atrás apenas da igreja de Nossa Senhora da Vitória de Oeiras, fundada em 1733 e em terceiro está a igreja de Nossa Senhora das Graças em Parnaíba, fundada em 1770.

Após aprovado na seleção do ProfHistória, não foi difícil ressuscitar aquela antiga paixão pelos casarões, pelas praças, placas de ruas com homenagens às pessoas tidas como ilustres da terra, pela imponente Igreja de Nossa Senhora do Carmo e fazer desse caldeirão de informações meu tema de pesquisa. Inclusive, deixo expresso que esse “olhar apaixonado e inocente” foi quebrado pela visão de minha orientadora, que muito me alertou sobre o perigo de escrever apaixonadamente como os memorialistas e suas obras sobre a cidade, que minha escrita, mesmo bem-intencionada, não fosse mais um recorte propagador de uma visão europeia. Esse olhar e essa escrita pautada mais no questionamento dessas estruturas de poder é que tenho tentado colocar em prática, juntamente com a orientação da professora Mary Angélica.

No entanto, dentro dos aportes do Projeto de Pesquisa, para além do espetacular conjunto arquitetônico do centro histórico de Piracuruca, foi pensado sobre como a Educação Patrimonial pode ajudar o professor de história a ampliar suas opções aula? É possível unir o ensino de história aos conceitos de Educação Patrimonial fazendo uso do Centro Histórico de Piracuruca?

As respostas que parecem tão simplórias à primeira vista, trazem na verdade uma complexidade ligada a quantidade enorme de possibilidades de usar o Centro Histórico de Piracuruca para fins educativos. Entendendo que a Educação Patrimonial consiste na implementação de ações educativas onde existe a valorização, apropriação e preservação do Patrimônio cultural. Essas ações educativas devem atender ao que Paulo Freire (2005) sugere como função da educação: “desenvolver o caráter libertador”. Uma educação que não prende, ou faz uso de amarras, mas ao contrário, liberta e dá autonomia para se buscar uma sociedade melhor para todo/as.

De tantas possibilidades que a Educação Patrimonial permite, optei pelo uso dos roteiros de aula-passeio pelo Centro Histórico de Piracuruca como forma de apropriação e observação mais dinâmica de parte da cidade. O roteiro é mais que somente bater pernas sem significado. O conceito de aula-passeio deve estar alinhado com os propósitos da Educação Patrimonial, vista como uma ferramenta na construção da cidadania. Faz com que essa prática pedagógica, traga o educando para desempenhar um papel ativo no processo de construção do conhecimento e aprendizagem. O educando aqui não é visto apenas como agente passivo do

processo educacional, mero recebedor de ensinamentos, como problematiza Paulo Freire (2005) com seu conceito de “educação bancária” onde no fim de cada mês, o aluno devolve o extrato da conta (prova) para o professor. Tal proposta se processa pelo olhar sobre a cidade, caminhando pelo patrimônio histórico construído, que tanto o educador quanto educando, tenham consciência do lugar onde vivem. Onde passam, e possam questionar certas estruturas sociais postas como verdadeiras e inquestionáveis. A título de exemplo: “por qual razão, das mais de 30 ruas do centro histórico de Piracuruca, apenas uma tem nome de mulher? quem escolheu esses nomes? qual interesse em escolher aqueles nomes?” São inúmeros questionamentos possíveis quando a partir de um novo olhar e de uma práxis e da humanização de si e dos outros.

Por fim é preciso deixar claro que o tema da pesquisa é o Centro Histórico e Paisagístico de Piracuruca – PI, sendo que a ideia global recai sobre como o Centro Histórico pode ser utilizado como ferramenta no Ensino de História a partir dos subsídios teóricos da Educação Patrimonial. Para tanto, serão utilizados autores como Nora (2012), Pollack (1989) e Reis (2012) para auxiliar na formulação dos conceitos sobre Educação Patrimonial propostos no decorrer do trabalho.

O foco da pesquisa por um lado é a leitura, análise e produção conceitual sobre patrimônio, Educação Patrimonial e Ensino de História e de outro lado, a produção de material que venha auxiliar o professor da educação básica na preparação, execução e avaliação de uma aula-passeio pelo Centro Histórico de Piracuruca. Tendo com área de concentração o Ensino de História e a Linha de Pesquisa os saberes históricos em diferentes espaços de memória.

A relação do tema com a sala de aula vem dos seguintes questionamentos: se hoje, um professor da educação básica quiser fazer uma aula-passeio pelo Centro Histórico de Piracuruca, quais os materiais ou recursos ele dispõe para preparar a aula? Quais fontes estão disponíveis para pesquisa? Qual bibliografia básica para leitura? E se o professor precisar montar um projeto escrito, qual passo inicial?

Com relação a como o trabalho foi desenvolvido, no *capítulo 1 – Piracuruca entre histórias de exaltação e invisibilidade*, iremos conhecer parte da história de Piracuruca, passando por sua fundação creditada ao irmãos Dantas, contada nas obras dos memorialistas piracuruquenses, e a versão histórica onde a cidade, que nos seus primórdios, era corredor de passagem entre Ceará e Maranhão, ocupada vastamente por indígenas, seus verdadeiros donos, e que posteriormente, terá a formação do núcleo da cidade em torno das fazendas de

gado e da construção da Igreja de Nossa Senhora do Carmo à beira do Rio Piracuruca, que dá nome à cidade.

No *capítulo 2 – O Centro Histórico e Paisagístico de Piracuruca* vamos conhecer e entender o que é Centro Histórico, as razões de seu tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN e suas ruas poligonais de tombamento e ruas poligonais de entorno. Já no *capítulo 3 – O ensino de História, educação patrimonial e aula-passeio: pressupostos teóricos para montagem de uma sequência didática* veremos autores que embasam a construção de uma sequência didática para montagem de uma aula-passeio que contemple os temas educação patrimonial e ensino de história. Traremos ainda no capítulo 3 o projeto de aula-passeio e os planejamentos executados no ano de 2023 na Escola Municipal Argemiro Urquiza, comunidade Santa Rosa, na Zona Rural do município de Piripiri, com turmas de 8º e 9º ano do ensino fundamental e que serviu de inspiração para construção do Produto Educacional desse trabalho. É possível observar que o projeto executado tem muitos erros, feito sem orientação e com pouco conhecimento teórico. Foi a partir desse trabalho na Escola Argemiro Urquiza que partiu todos os questionamentos e a temática que balizaram a construção dessa dissertação.

No apêndice A traremos o Produto Educacional intitulado *Sequência Didática: Roteiro de aula-passeio pelo Centro Histórico de Piracuruca* com uma proposta que abarca parte de Centro Histórico, mais precisamente a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, os casarões do entorno e a própria Praça Irmãos Dantas, trazendo textos ilustrativos de preparação, atividades de reflexão que antecedem o passeio.

## **CAPÍTULO 1 – PIRACURUCA: ENTRE HISTÓRIAS DE EXALTAÇÃO E INVISIBILIZAÇÃO**

### **1.1 – Breve apresentação de Piracuruca**

Nesse primeiro momento, para que se possa entender como se formou o objeto aqui estudado, buscou-se uma apresentação sucinta da cidade de Piracuruca do ponto de vista da sua atual configuração e formação histórica, trazendo um panorama de como a cidade tomou a proporção e o significado de importância na construção do atual território piauiense e consequentemente nacional. Também será posto uma visão geral do atual Centro Histórico e Paisagístico de Piracuruca.

Para tanto, como uma reflexão inicial, quero deixar essas palavras de forma a parafrasear Bertold Brecht, perguntando as pedras pelos trabalhadores

Quem construiu a Igreja de Nossa Senhora do Carmo?

Nos livros estão os nomes dos irmãos Dantas; eles carregaram as pedras?

Quem foram os pedreiros, serventes, seus filhos e esposas, essas mulheres que cozinham, limpavam e cuidavam? Delas, quem se lembra?

Suas paredes tantas vezes reformadas, pintadas, teto limpo, piso lavado! Quem cuidava sempre?

Quantas missas, festejos, casamentos, batizados! Apenas o padre, os coroinhas ou o bispo celebrava sozinhos?

Para a análise histórica sobre a cidade, recorreremos tanto ao conceito de história local com autores como Luís Resnik (2008), Marcelo Abreu (2016) dentre outros. Utilizaremos memorialistas que construíram narrativas sobre a cidade, como Anísio Brito (1922), Jurenir Machado Bitencourt (1989) e Maria do Carmo de Britto (2002), que se propuseram a escrever sobre a Piracuruca, além da documentação produzida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, responsáveis pelo processo de tombamento do Centro Histórico e Paisagístico de Piracuruca, além de outras publicações produzidas por esta instituição.

A cidade de Piracuruca está localizada no norte do estado do Piauí, a uma média de distância de 196 km da capital Teresina, sendo a principal via de acesso a BR – 343. Atualmente, segundo os dados do último censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, a cidade com sua área territorial de 2.368,935 km<sup>2</sup> e uma população residente de 28.846 pessoas, figurando como o 224º em tamanho em relação aos demais



denominada de Riachão. No período chuvoso do início do ano, as formações naturais como as piscinas e Cachoeira do Riachão recebem um fluxo muito grande de pessoas da cidade e regiões vizinhas. No registro abaixo, o autor se valeu de uma segunda-feira pela manhã para desfrutar de um banho gelado nas águas calmas da cachoeira.

Ressalta-se que o Parque Nacional de Sete Cidades, dispõe de uma boa infraestrutura com ampla sinalização para garantir a segurança nas trilhas, que são limpas, dispondo de um sistema de acesso organizado.

**Imagem 2.** Parque Nacional de Sete Cidade - Cachoeira do Riachão



**Fonte:** Compilação do autor (2024)

Na imagem 2 mostra uma compilação de imagens na Cachoeira do Riachão no Parque Nacional de Sete Cidades. Para além do conjunto de pinturas rupestres catalogadas oficialmente no Parque Nacional de Sete Cidades, o município tem em seu território uma quantidade considerável de sítios espalhados não catalogados. Pela iniciativa do pesquisador Doutor Francisco Gerson Meneses, que também é idealizador do site Portal Piracuruca<sup>2</sup> e ativo colunista do mesmo, (imagem 3), e outros estudiosos, através do Projeto Artes do Bitorocaia<sup>3</sup>, fazem o trabalho de catalogação e divulgação da arte rupestre de Piracuruca e do Piauí. O projeto foi iniciado em novembro de 2018 e até o momento já catalogou cerca de 1400 imagens em mais de 100 sítios arqueológicos distribuídos em 15 municípios e 2 Parques Nacionais do Piauí. Sendo que o objetivo principal do projeto é disseminar ações de preservação, valorização e pesquisa. A princípio, o mapeamento ocorria nos sítios arqueológicos com pinturas rupestres existentes na bacia do rio Piracuruca. No entanto, o escopo das visitas foi estendido para todo o estado o Piauí.

<sup>2</sup> Portal Piracuruca - <https://portalpiracuruca.com/>

<sup>3</sup> Link do site com matéria sobre o projeto - <https://portalpiracuruca.com/arqueologia-etnografia-e-pre-historia/projeto-artes-do-bitorocaia-completa-5-anos-mapeando-sitios-com-arte-rupestre-no-piaui/>



**Imagem 3.** Francisco Gerson Meneses e o Projeto Artes do Bitoroaia



**Fonte:** portampiracuruca.com

A barragem de Piracuruca é outro potencial do município, a terceira maior do estado do Piauí, com capacidade máxima de 250 milhões de metros cúbicos de água, ocupando uma área de 4.159 hectares, pois, seu grande reservatório de água permite ao mesmo tempo: o abastecimento de água potável, geração de emprego e renda aos que vivem em suas margens e sobrevivem da agricultura e piscicultura. A sua construção tem por finalidade manter a perenidade do rio Piracuruca, ou seja, para que o rio mantenha volume de água corrente o ano todo, mesmo em períodos de estiagem. Na imagem 4 temos imagem área da barragem de Piracuruca, parte de seu espelho d'água, no canto superior direito observam-se plantações. É perceptível grande área de mata preservada e um grande volume de água, mesmo não sendo período chuvoso retratado na imagem, a conclusão pode ser tirada pelo sangrador no canto inferior esquerdo.

**Imagem 4.** Barragem de Piracuruca



**Fonte:** Youtube/GimalJr

## 1.2 - Piracuruca: a terra dos Irmãos Dantas construída pelos relatos dos memorialistas

Os autores memorialistas tem papel fundamental como aporte para a construção da historiografia de uma cidade. Aqui não cabe a necessidade de juízo de valor ou sobre o não rigor científico na formatação desses trabalhos. É preciso pensar que as obras memorialistas “foram escritas a partir de um conceito de memória que compreende este tipo de produção como uma espécie de remate da existência” (Maciel, 2013). Os memorialistas se portam como os olhos que “viram” e/ou ouvidos que “ouviram”, responsáveis por documentar tal passado pelo recorte do seu olhar de escritor, se colocando como detentores da verdade da “história”, mas não a História disciplina, nem necessariamente a história, objeto da História, mas a versão que conta tudo e é toda verdadeira sempre.

Memorialistas fazem suas produções pensando em deixar seu legado escrito, eles escrevem a história que eles querem contar e deixar para as próximas gerações, sem grandes preocupações metodológicas. Maciel (2013), tratando sobre essa modalidade de escrita, diz o seguinte: “o autor memorialista dispõe dessa dupla possibilidade: suas memórias são uma visão da história, mas uma visão personalizada, uma espécie de ‘micro-história’ – visão particularizada da História”. O memorialista procura em seu relato trazer detalhes e descrições da realidade que ele viu e viveu, passando a ideia de alguém que foi testemunha viva de um período histórico (Silva, 2015).

Trazemos algumas obras desses/as autores/as memorialistas em ordem cronológica, para esse texto dissertativo. Anísio Brito e a obra *O município de Piracuruca (Separata do “O Piahy no Centenário de sua Independência”)* o livro foi editado e publicado pela primeira vez em 1922 pela Papellaria Piauhuyense de Teresina – Piauí. É dividido em duas grades partes sobre a História (7 capítulos) e Geografia (11 capítulos). Pode-se supor pelo título que a ideia do autor era fazer um panorama geral da cidade de Piracuruca contando sua visão sobre como se deu a formação do município.

O livro não está de acordo com os rigores de uma publicação científica. Não traz, por exemplo, ficha catalográfica, introdução e nem uma análise crítica sobre o contexto de formação desse espaço, sob o ponto de vista social. E para além das informações nos capítulos, o autor deixa parte de sua intenção na conclusão quando afirma “Escritas em poucos dias as linhas acima, nas vésperas das festas do centenário de nossa independência, quando se resolveu a publicação de um livro sobre as coisas do Piauí, - de muitas falhas se ressentem, além dos erros de revisão.”

O trecho acima explicita parte da simplicidade de como foi formatado e construído o livro. Não havia aparentemente uma preocupação com referenciais sobre as informações. No entanto, não cabe o juízo de valor sobre esse detalhe ou a diminuição da importância da obra para a historiografia da cidade de Piracuruca. Nota-se ainda na obra, a citação de alguns dados estáticos sobre documentos oficiais do estado do Piauí, mas não o fazendo de forma organizada com referências bibliográficas ao final do livro. Porém, é válido lembrar que por muitos anos, Anísio Brito foi diretor do Arquivo Público do Piauí, tendo acesso a farta documentação que balizaria seu trabalho.

Jurenir Machado Bitencourt e a obra “Apontamentos Históricos da Piracuruca” de 1989. Jurenir Machado Bitencourt nasceu em Piracuruca, em 03 de setembro de 1942, filho de Francisca de Brito Machado Bittencourt e José Bittencourt Pereira, cursou o primário em escolas públicas em Piracuruca, como no Liceu Piracuruquense, onde seu pai lecionava. Na década de 1960, aos 18 anos, mudou-se para Campina Grande na Paraíba, onde após desistir do curso de direito, se forma no curso de Comunicação Social pela Universidade Estadual da Paraíba. Falece em 27 de abril de 1999 em João Pessoa na Paraíba.

O memorialista Jurenir Bitencourt na nota introdutória de seu livro *Apontamentos Históricos da Piracuruca* deixa claro que sua intenção inicial com a obra, não era um livro sobre a história de Piracuruca:

As informações contidas neste trabalho não objetivavam, inicialmente, à preparação de um livro sobre os antecedentes históricos da Piracuruca; destinavam-se, sim, a orientar a preparação de um roteiro cinematográfico para a produção de um documentário sobre os caminhos da boiada pelas terras do Norte do Piauí.

[...]

A escolha do título desde trabalho recaía, quase sempre, na determinação da palavra “História” para sintetizar um conteúdo codificador do passado remoto da Piracuruca; optou-se pela designação de Apontamentos numa intenção clara de demonstrar-se que o autor não pretende dar por encerrada a missão de revisar o passado. (Bitencourt, 1989, p. 11)

Publicado em 1989 em comemoração aos 100 anos de emancipação da cidade, Bitencourt (1989) especifica que o livro é uma encomenda do prefeito da época Adelino Fortes de Moraes Melo<sup>4</sup>, diz ainda o autor que o projeto inicial de sua parte, era um documentário sobre o “ciclo do couro” e os “caminhos da boiadas pelas terras do Norte do Piauí”. O livro é um condensado de informações com certa organização cronológica, mas nenhum rigor acadêmico, observa-se algumas referências a historiadores renomados da historiografia piauiense como Odilon Numes (1961) e Barbosa Lima Sobrinho (1946) dentre

---

<sup>4</sup> Conhecido pelo apelido de Linin, Adelino Fortes de Moraes Melo foi o 38º prefeito de Piracuruca tendo exercido seu mandato de 1989 a 1992.

outros. Apesar do pouco rigor acadêmico, o livro conta com uma sessão intitulada Bibliografia consultada (página 179) com apenas os nomes dos autores e das respectivas obras, sendo que muitas delas não estão explícitas no corpo da obra. Entende-se que as referências foram usadas de alguma forma, mas não estão sinalizadas.

Maria do Carmo Fortes de Britto e a obra “Remexendo o baú”, foi publicada em 2002 pela Gráfica e Editora Ideal de Piripiri - Piauí. Percebe-se o tom do livro pela leitura do prefácio escrito pelo professor e historiador Francisco Augusto de Alcobaça Brito onde ele deixa evidente:

Quando recebemos, em primeira mão, o anteprojeto da obra, que muito bem se intitula “Remexendo o baú”, percebemos que sua autora não tinha, como proposta, apresentar os relatos das “coisas” da sua terra seguindo ordenações lógicas, previsíveis. O conteúdo do trabalho, aliás, transcende a qualquer regra ou previsibilidade. As histórias ditas oficiais, oferece uma diversidade de nuances, uma gama de detalhes, sempre curiosos. A autora escreve os fatos à sua gente, buscando enfatizar as manifestações culturais populares e informais. Evidência, com grande generosidade, os credos, os símbolos, os ritos, os costumes... Busca a alma de seu povo.

A presente obra é profusa de sentimentos e de opiniões. Cita as bravuras sem omitir as bravatas. Junto às querelas e tricas históricas, entrelaçadas pela teia do tempo, propõe parcerias... Ousa conspirar junto a seus personagens... Insiste em estabelecer, com eles, uma relação pessoal, de cumplicidade. (Britto, 2002, p. 21).

O livro é fartamente recheado de informações sobre Piracuruca em um tomo volumoso de 338 páginas, com uma narrativa próximo à crônica, em uma divisão de 23 capítulos e com a sessão Bibliografia trazendo basicamente o nome do autor e da obra, não estando adequada as normas acadêmicas.

Essas obras são a base que fundamenta a historiografia sobre a cidade de Piracuruca. Os memorialistas fazem suas obras pela pesquisa informal e catalogação das informações da forma que podem, mas ainda assim o sentido de seu trabalho é proporcionar material para contar a história de seu lugar, amigos, familiares, enfim, algo que tenha relação direta com suas vivências. As obras dos memorialistas Bitencourt (1989) e Britto (2002) tem esse viés de propagar como construtores da cidade de Piracuruca apenas uma família em específico. Toda a narrativa política descortinada nas obras gira em torno dos Britos e seus feitos políticos. Para Nataniél Dal Moro (2012) os memorialistas têm poder de criação, de “edificação de um passado glorioso” e constroem a história da forma que lhes convêm, quando são eles pertencente a uma elite de determinado local ou estão a serviço dessa elite:

Os agentes ou sujeitos sociais, então, quando possuem controle sobre o espaço social, podem construir as suas histórias e dar os contornos que mais lhes agradam. Isso não deixa de ser, ao mesmo tempo, uma luta por memórias. Quando um grupo constrói a sua “história” diante de outros, materializa também a sua “memória”

frente a outras histórias e memórias. Trata-se então, para o trabalho do historiador, de tentar pensar a história desta forma política de representar o passado, que tratou de enaltecer a presença de uns sujeitos e de seus feitos. (Moro, 2012, p. 29).

O que os memorialistas descrevem são determinados aspectos da cidade que são de importância para seu olhar sobre a mesma, pois: “trata-se de uma invenção de um determinado momento da cidade através destes relatos memorialistas” (Brefe, 1993).

De forma análoga, a memorialista Maria do Carmo Britto (2002), na apresentação de seu livro *Remexendo o Baú*, evidencia a intenção da sua produção, trazendo um tom descontraído de escrever, para falar diretamente com seu leitor, como se estivesse em uma conversa:

Acredito que para se amar é preciso conhecer o que amamos. Você concorda? E por pensar assim, resolvi contar um pedacinho de nossa História, alguns fatos pitorescos e outros cruéis que Piracuruca viveu.  
Nem de longe tenho a pretensão de escrever em linguagem literária. Sou consciente de que não possuo capacidade nem talento para ser escritora, muitos menos historiadora, mas... não custa nada tentar falar um pouquinho com você.  
Vamos dar um passeio pelo nosso passado, reler nossa história, conhecer um pouco mais como nascemos e como nos tornamos a Piracuruca de hoje! (Britto, 2002, p. 21).

A autora deixa claro sua intenção que vai além do relato histórico: “resolvi contar um pedacinho de nossa História”, aqui expõe de forma implícita, não quer abarcar toda a história, apenas parte dela, que escolhe ao seu jeito, o que lhe tem como interessante contar. Ainda é mais enfática quando diz “vamos dar um passeio pelo nosso passado”, transforma esse passado parado, estático, perdido no tempo, em algo que se pode visitar.

O arcabouço dessas produções feitas pelos memorialistas em diferentes épocas e trazidas à tona como material de subsídio para construção de um saber acadêmico, lhe remetem à sua real importância como a produção de memória: “que é uma forma de elaboração humana em que o homem, textualizando e significando o real, também se significa e se reconhece” (Maciel, 2013). Os memorialistas têm noção do papel enquanto construtores de uma história, de uma narrativa dos fatos que eles recortam como realidade concreta e que dão um sentimento de pertencimento ao lugar.

Esses “sentimentos de pertencimento e dos vínculos afetivos que agregam homens, mulheres e crianças na partilha de valores comuns, no gosto de se sentir ligado a um grupo” (Reznik, 2008) é que os memorialistas reforçam com suas obras na construção de uma história local, de uma cidade como lugar de imitação da metrópole portuguesa, tendo seus fundadores como grandes homens de virtudes.

Na produção desses materiais e conteúdos que perpetuam visões de mundo por vezes ambíguas, os memorialistas replicam modelos europeizados, patriarcais e que se reproduzem enquanto discurso daquilo posto como a verdade a ser lida e incorporada. A alcunha de “terra dos irmãos Dantas” vem da sua origem “lendária” propagada pelas obras desses memorialistas e descreve a visão eurocêntrica de “desbravadores” europeus brancos, os irmãos Manuel e José Dantas Correia, que usavam o corredor de passagem de onde depois vai ser tornar o núcleo de origem de Piracuruca e buscavam riquezas.

Aprisionados por índios “antropófagos”, portanto, “comedores de gente” (Bitencourt, 1989), tem na religião, na fé católica fervorosa a salvação: fazem uma promessa a sua santa de devoção Nossa Senhora do Carmo, que se libertos do cativeiro, vão erguer ali um templo em sua homenagem. Segundo as narrativas memorialísticas, atendidos seus clamores, libertos das garras dos sanguinários animais da mata, iniciam ali não somente a construção do grande e imponente templo, mas também suas tomadas de terras, estabelecimento e construções de seus currais de gado, grandes propriedades com pasto e carnaubais.

Toda essa trama acima descrita pelas letras dos memorialistas onde o português europeu, branco, herói, desbravador se embrenha nos sertões piauienses em busca de riqueza e se digladiava num esforço amparado pelos santos católicos com o indígena, dito selvagem, “comedor de gente”, antropófago será esmiuçada à luz de alguns trabalhos acadêmicos que buscam uma análise crítica dessas produções.

### **1.3 – A Igreja de Nossa Senhora do Carmo – pedra sobre pedra, encobertas com palavras**

É preciso destacar a importância da Igreja de Nossa Senhora do Carmo dentro do cenário do Centro Histórico de Piracuruca, assim como muitas cidades coloniais do Brasil que tiveram sua ocupação inicial puxada pelo catolicismo, sendo as suas igrejas símbolos de balizas iniciais de ocupação europeia e elemento agregador urbano.

Juntamente com as fazendas e seus currais de gado, a Igreja de Nossa Senhora do Carmo será núcleo de estabelecimento aglomerador de gente. Sendo muitas das vezes as histórias desses primeiros núcleos contadas a partir do estabelecimento e organização eclesiástica e seus instrumentos como as freguesias, as paróquias e os bispados.

Segundo os relatos dos memorialistas de Piracuruca os irmãos Manuel Dantas Correa e José Dantas Correa teriam iniciado a construção da base da igreja, como forma de pagar uma promessa pelo livramento do aprisionamento por indígenas antropófagos. O primeiro

relato sobre os Irmãos Dantas do qual todos os demais autores se baseiam para falar da lenda que dá origem à construção da igreja de Nossa do Carmo vem de Anísio de Brito Melo (1922):

E a hoje cidade de Piracuruca remonta suas origens, a um desses lances de audácia, por parte de dois indivíduos que, em arriscada aventura, percorriam os sertões piauienses. Dois portugueses – Manoel Dantas Correia e José Dantas Correia, em princípios do século XVIII, se internaram nos sertões piauienses, explorando o vasto território da então capitania ainda sem autonomia. Riquíssimos, os dois aventureiros, depois de muito andarem e sem que receassem perigos sem conta, que lhes poderiam sobrevir, caíram inesperadamente em mãos dos selvagens que os aprisionaram. Eram índios antropófagos, habitantes do litoral, e, logo, os dois prisioneiros consideraram sobre a miserável sorte a que eram destinados, prisioneiros que estavam, daqueles bárbaros. Na emergência, desenhando-se-lhe na imaginação o momento lúgubre em que iriam servir de repasto, sem outro recurso para reaver a suspirada liberdade, volveram-se aos braços consoladores, e, às vezes, infalíveis da fé: fizeram um voto a N. S. do Carmo de lhe mandarem construir majestoso templo, naquele local, onde se achavam prisioneiros, si a excelsa virgem lhe salvasse a vida. A virgem operou milagre: recuperaram a liberdade os Irmãos Dantas. E a construção do templo teve início em 1743, sendo a mais suntuosa, mais bela, mais bem construída e mais estética do Piauí. (Brito, 1922, p. 4)

Os memorialistas, portanto, tendem a replicar o discurso do europeu superior, branco, católico, dotado de uma missão civilizatória, que chegando ao novo mundo e se deparando com elemento indígena, visto inicialmente como potencial colaborador, se torna um obstáculo a ser vencido. O discurso é perpetuado ao longo dos tempos, conforme observado na citação acima, em pleno século XX mostra o indígena com tributos historicamente construídos: “selvagem”, “índios, antropófagos” e “bárbaros” sendo o vilão que se encontra em contraposição aos portugueses “audaciosos”, “aventureiros” e heróis da narrativa.

Outro ponto a ser observado na narrativa memorialista, é quando a santa Nossa Senhora do Carmo, funcionando como elemento *deus ex machina*<sup>5</sup>, surgindo no momento de perigo, onde os portugueses, se valendo de uma fé inestimável, dos “braços consoladores” e “infalíveis da fé” rogam à santa por sua liberdade, sendo atendidos os pedidos, o que demonstra a profunda relação da religiosidade com a legitimação da imagem de homens brancos e cristãos como merecedores e detentores do poder.

Tal poder lhes legitimam como os bons em detrimento ao indígena “selvagem”, sendo que esse poder não vai se limitar somente as relações formais de dominação ou exploração colonial, mas também se articulam através de posições de domínio e subalternidade, sendo

---

<sup>5</sup> “Procedimento que se origina no teatro grego da Antiguidade Clássica. Trata-se do surgimento de uma personagem inesperada que ao solucionar uma situação intricada suscita o fim da história. O conceito de *deus ex machina* pode referir-se não somente a uma personagem divina, mas também a uma força inexplicável e sobrenatural.” (PAVIS, 2008)

observado seus traços ao longo dos tempos tanto em relação a forma como os povos se definem, ou seu senso comum, nas relações de aprendizagem e como sua produção memorialista registram sua visão de mundo em suas obras.

Na imagem 5 temos em destaque a Igreja de Nossa Senhora do Carmo no período que antecede o novenário de festejos da padroeira de Piracuruca que vão do dia 06 de julho a 16 de julho. O templo religioso é o terceiro mais antigo do Piauí e é em torno da sua construção que as obras dos memorialistas locais construíram a narrativa de fundação da cidade.

**Imagem 5.** Igreja de Nossa Senhora do Carmo



**Fonte:** De autoria própria (2024)

Bitencourt (1989) assim relata sobre uma verdadeira saga dos irmãos Dantas, desde sua motivação, a “viagem aventureira em busca de ouro e pedras preciosas pelo interior da selva”, passando pelo contato com indígenas classificados como “índios antropófagos”, até a intervenção milagrosa da “santa de quem eram devotos, Nossa Senhora do Carmo”. Notoriamente se observa que tem como base a obra de Brito (1922) fazendo a mesma narrativa, apenas fazendo jogo de palavras diferentes:

Anizio de Brito, historiador e cronista refere-se aos Irmãos Manuel e José Dantas Correia como protagonistas de uma aventura na qual resultou uma situação dramática. Em viagem aventureira em busca de ouro e pedras preciosas pelo interior da selva, foram os dois portugueses aprisionados por índios antropófagos; conscientes do perigo que passavam, apelaram para a fé. Suplicaram salvação à santa de quem eram devotos, Nossa Senhora do Carmo comprometendo-se, ambos, a construírem um templo em sinal de gratidão, caso fossem liberados pelos índios. Como foram salvos, trataram de cumprir a promessa. O ano referido por Anizio de Brito para a chegada dos Irmãos Dantas à Piracuruca é 1743. (Bitencourt, 1989, p. 57).



No *site* do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN que se refere ao tombamento do Centro Histórico de Piracuruca existe a seguinte descrição do fato da chegada dos Irmãos Manuel e José Dantas e construção da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, que segue a mesma tradição narrativa dos memorialistas:

Quando os dois irmãos portugueses José e Manuel Dantas Correia chegaram à região havia um povoado e rebanhos de gado em fazendas, e os moradores praticavam agricultura de subsistência. Presume-se que Manuel e José fossem “irmãos leigos” da Companhia de Jesus. Na localidade, existia uma capela onde eram feitos os serviços religiosos da freguesia. Os irmãos, recém-chegados de Portugal, andavam pelas cercanias do rio Piracuruca em busca de minas e outras riquezas, mas foram aprisionados por índios Cariri, permanecendo por algum tempo em cativeiro. Desesperados, fizeram uma promessa para Nossa Senhora do Carmo: se saíssem com vida, construiriam uma igreja de pedra em homenagem à santa, sem utilizar argamassa. Depois de libertos, iniciaram a construção, em 1718, e a concluíram muitos anos depois. Das margens do rio Piracuruca, os irmãos Dantas retiraram as lajes de pedra que sustentariam a igreja, e o corte regular e as reentrâncias em ângulo reto das pedras são o testemunho do esforço feito na época para erguer o templo. É possível observar as marcas vagas dos pedaços retirados que deram firmeza e forma à igreja matriz. As pedras estão presentes na vida de Piracuruca. A construção da igreja – considerada o mais belo templo religioso do Piauí – contribuiu para aumentar e consolidar o povoamento nas proximidades da Fazenda Sítio (depois Piracuruca). José Dantas Correia deixou Piracuruca no processo de edificação do prédio da igreja, sendo ignorado seu destino. Manuel Dantas Correia prosseguiu sozinho o seu trabalho e, quando morreu, por volta de 1743, o templo ainda não estava totalmente concluído: faltava a cobertura, feita após 1772. (IPHAN, 2015)

Além do *site*, o dossiê de tombamento do centro histórico de Piracuruca intitulado de *Cidades do Piauí testemunhas da ocupação do interior do Brasil durante o século XVIII - Centro Histórico e Paisagístico de Piracuruca* (2008) produzido pelo IPHAN como subsídio para o tombamento em 2012, traz nas suas referências bibliográficas os mesmos memorialistas citados acima, ou seja, perpetua a visão colonizadora. É necessário questionar essa “colonialidade do saber” (Quijano, 2005) que se perpetua não somente nas obras memorialistas, mas no campo oficial da produção historiográfica, que juntas ainda propagam a colonização das perspectivas cognitivas, dos sentidos e das subjetividades (Dulci; Malheiros, 2021).

É preciso observar que não há registros conhecidos até o momento, que liguem a construção do templo religioso à figura dos Irmãos Dantas. O que Bitencourt (1989) traz como hipótese é que os Irmãos Dantas construíram o templo com patrocínio e orientação da Companhia de Jesus, evidenciando que: “infelizmente não há nenhum indício que sirva para repor a memória daqueles acontecimentos” e caso existiram “é fácil supor que foram confiscados pelas autoridades visitantes”, presume o memorialista.

Bittencourt (1989) exalta o templo religioso citando acontecimentos como uma visita a Igreja de Nossa Senhora do Carmo em Piracuruca do governador da Capitania do Piauí, João Pereira Caldas e sua comitiva composta pelo ouvidor, Luiz José Duarte Freire e o conselheiro da Casa de Suplicação de Portugal, Francisco Marcelino Gouveia, que na data de 16 de agosto de 1762. Oficialmente a visita era para assinatura da elevação de Parnaíba para condição de Vila, como atesta Pereira da Costa (1974):

Tem lugar o ato solene de instalação da vila de São João da Parnaíba, na igreja matriz de Piracuruca, pelo governador da capitania João Pereira Caldas, achando-se também presentes o conselheiro do Conselho Ultramarino Francisco Marcelino de Gouveia, e o desembargador ouvidor-geral Luís José Duarte Freire, sendo o território constitutivo do termo da carta da nova vila desmembrado de Piracuruca (Costa, 1974, p. 150).

A narrativa de Costa (1974) indica que a comitiva do governador Pereira, além do ato oficial de elevação de Parnaíba a vila tinha interesse em verificar as dependências da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, agora patrimônio da Coroa Portuguesa, sendo que a visita acontece três anos após a expulsão dos jesuítas do Brasil (1759) e já nesse ano foi a nomeação de João Pereira Caldas para cargo de governador da capitania do Piauí e seu primeiro ato é a tomada dos bens dos padres e lhes mandarem presos para Bahia.

Nestas circunstâncias baixou a C. R. de 29 de julho de 1759, e por patente de 21 de agosto do mesmo ano foi nomeado governador João Pereira Caldas, que então servia no Pará, o qual em 20 de setembro do ano seguinte tomou as rédeas da administração da capitania, sendo seu primeiro ato ordenar o sequestro dos bens dos jesuítas e os remeter presos para a Bahia. (Costa, 1974, p. 132).

O ato de assinatura da elevação de Parnaíba a vila dentro da Igreja de Nossa Senhora do Carmo tem grande significado, pois era recebimento da maior autoridade administrativa da província do Piauí para uma modificação nas estruturas políticas e ainda reconhecimento do patrimônio agora agregado ao governo português. Bittencourt assim relata parte sobre a vinda de João Pereira Caldas:

As averiguações mandadas proceder incluíram a Igreja de Nossa Senhora do Carmo de Piracuruca, visitada em 16 de agosto de 1762 pelo governador João Pereira Caldas, pelo conselheiro da Casa de Suplicação (de Portugal) Francisco Marcelino de Gouveia e pelo ouvidor Luiz José Duarte Freire. A oportunidade da visita serviu também para criação da Vila de São João da Parnaíba num ato solene ocorrido no próprio ambiente daquele templo.

Essa visita à freguesia de Piracuruca reforça a hipótese de que os Irmãos Dantas tinham vínculos com os jesuítas e que a Igreja de N. S. do Carmo foi incluída na lista dos estabelecimentos construídos segundo projeto elaborado pela Companhia de Jesus. Infelizmente não há nenhum indício que sirva para repor a memória

daqueles acontecimentos, se haviam documentos, é fácil supor que foram confiscados pelas autoridades visitantes (Bitencourt, 1989, p. 63)

Observava-se que existe um fio condutor dessa narrativa que é propagada ao longo dos tempos pelos memorialistas de Piracuruca, onde o elemento superior europeu é representado pelos Irmãos Dantas com sua missão colonizadora pelos interiores dos sertões em busca de riqueza. Tem-se o elemento indígena pintado com as cores da vilania, portanto, inimigos a serem vencidos a todo custo, seja pela catequese, seja pela “guerra justa”.

Por fim, o elemento sacro e resultante de toda essa narrativa: a construção da Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Essa visão propagada nas obras memorialistas onde o indígena é tido como o lado negativo da narrativa, é analisado por Walter Mignolo (2003) pelas lentes do conceito de “colonialidade do ser” onde se busca tratar os efeitos da colonialidade vivenciada pelos sujeitos subalternos. A “colonialidade do ser” refere-se à experiência vivida dos seres tomados como inferiores, processo que naturaliza as violências físicas e simbólicas (Dulci; Malheiros, 2021). Essa naturalização das violências físicas e simbólicas é perceptível na forma como retratados os indígenas na historiografia e nas obras dos memorialistas e seu completo desaparecimento de referências pela cidade.

É necessário o questionamento sobre o papel do indígena nessa narrativa sombria que se propaga continuamente tanto nas obras dos memorialistas quanto nos documentos de registro do IPHAN, dentre outros, onde é preciso deixar claro a violência da ação colonial sobre os povos da África, América e Ásia. Georges Balandier assim se refere a situação colonial e como ela afetou os povos onde os europeus se puseram como conquistadores e donos, e como sua violência ultrapassou o campo físico para impregnar uma narrativa fortemente abusadora, o caso específico da narrativa do surgimento da cidade de Piracuruca, onde os Irmãos Dantas são brancos desbravadores e heróis e elemento indígena, notoriamente dito “selvagem”, é o vilão:

Um dos elementos mais marcantes da história recente da humanidade é a expansão, pelo globo, da maioria dos povos europeus. Isso provocou a perseguição – quando não o desaparecimento – de quase todos os povos ditos atrasados, arcaicos ou primitivos. A ação colonial, ao longo dos séculos XIX, é a forma mais importante, a mais repleta de consequências, tomada por esta expansão europeia. Ela perturbou brutalmente a história dos povos a ela submetidos, impondo-lhes, ao se estabilizar, uma situação de um tipo bem particular. (Balandier, 2014, p. 33)

Outro ponto observado na leitura dos memorialistas aqui trabalhados é sobre a data de 1743 que aparece gravada no frontispício da igreja em algarismos romanos. Para Anísio

Brito (1922): “a construção do templo teve início em 1743, sendo a mais suntuosa, mais bela, mais bem construída e mais estética do Piauí”.

Para Bitencourt “o ano referido por Anizio de Britto para a chegada dos Irmãos Dantas à Piracuruca é 1743”. O documento de tombamento do Centro Histórico e Paisagístico de Piracuruca, produzido pelo IPHAN em 2008, demonstra a seguinte proposição: “Manuel Dantas Correia prosseguiu sozinho o seu trabalho e, quando morreu, por volta de 1743, o templo ainda não estava totalmente concluído: faltava a cobertura, feita após 1772”. Não havendo ainda unanimidade sobre a razão e qual o significado da data estampada na entrada do templo religioso, MDCCXLIII, que em algarismo romano corresponde ao ano de 1743, ainda carecendo de estudos mais apurados para identificação da mesma, sendo provavelmente alusão a uma data comemorativa.

**Imagem 6.** Detalhe do frontispício da Igreja de Nossa Senhora do Carmo



Fonte: De autoria própria (2024)

Para além de todo debate sobre o trabalho de construção da Igreja de Nossa Senhora do Carmo e o papel dos Irmãos Dantas é preciso questionar os memorialistas, mesmo que eles/elas, expressem uma forma de escrever e entender o mundo em que estavam inseridos em sua época, desconsideram a mão de obra que ergueu o templo religioso. Fazendo uso do trecho inicial desse tópico, onde parafraseamos Bertolt Brecht, “perguntando as pedras pelos trabalhadores” o exercício imaginativo foge daquilo que os memorialistas sempre se propuseram, escrever uma história de Piracuruca exaltando os feitos dos Irmãos Dantas, de ascendência europeia, brancos, heróis e desbravadores. Mas vale questionar: eles ergueram sozinhos tantas pedras, madeiras e ferramentas?

A escassez até o momento de documentação relativo à construção já responde aos questionamentos. No entanto, para as gerações desse momento e futuras, é preciso olhar nosso

patrimônio e enxergar para além da narrativa oficial dos memorialistas e suas produções. É preciso questionar onde foram parar os indígenas que aqui habitavam. Foram todos dizimados pelo fio do facão e a pólvora dos “heróis” que construíram fazendas, alargando as dominações de Portugal? Terão fugido alguns deles? Para onde? Restaram alguns? Difícil dar conta de tantos questionamentos, no entanto é preciso insistir.

A Igreja de Nossa Senhora do Carmo foi cenário de episódios marcantes na história do Brasil Colônia e Imperial. Segundo Costa (1974) foi dentro da matriz de Nossa Senhora do Carmo no dia 16 de agosto de 1762 que o primeiro governador da capitania, João Pereira Caldas assina o decreto de instalação da vila de São João da Parnaíba. Como já mencionado anteriormente o ato de assinatura da elevação de Parnaíba a vila dentro da Igreja de Nossa Senhora do Carmo tem significado muito amplo de importância, pois era recebimento da maior autoridade administrativa da província do Piauí.

Em 1823, sendo rota de passagem das tropas de Fidié<sup>6</sup> entre a capital à época, Oeiras e a cidade Parnaíba, debaixo dos portais da igreja, Leonardo<sup>7</sup> conclama Piracuruca a aderir à independência do Brasil. Na narrativa desses episódios, grafada pelos memorialistas no: “dia 22 de janeiro de 1823, Leonardo entrara em Piracuruca, prendera o destacamento de Fidié ali deixado, e proclamou, em frente à Igreja de Nossa Senhora do Carmo, a independência do Brasil”. Santos (2012, p. 77). A imagem 7 abaixo faz parte do livro de história em quadrinhos *Foices e Facões: a Batalha do Jepipapo* dos autores Bernardo Aurélio e Caio Oliveira (2018) que retrata de forma de quadrinhos o episódio considerado mais sangrento das batalhas de independência do Brasil. A imagem 7 ilustra Leonardo das Dores em frente à Igreja de Nossa Senhora do Carmo no dia 22 de janeiro de 1823 quando toma a freguesia de Piracuruca, “prendendo o destacamento que Fidié ali deixara, ele proclama, pela segunda vez, em ato público, em frente à Igreja de Nossa Senhora do Carmo, a independência do Brasil.” (Santos; Kruehl, 2018).

---

<sup>6</sup> João José da Cunha Fidié, governador de armas da província do Piauí, sua “missão era conservar o Maranhão e sua zona de influência fiéis a Lisboa” (Santos, 2018) à época das guerras pela independência do Brasil.

<sup>7</sup> Leonardo de Carvalho Castello Branco, teve papel ativo nas guerras pela independência do Brasil na província do Piauí arregimentando tropas, conclamando a população a aderir ao movimento emancipatório, como ocorreu em Piracuruca em 24 de janeiro de 1823.

**Imagem 7.** Ilustração de Leonardo das Dores diante da Igreja de Nossa Senhora do Carmo



**Fonte:** Aurélio; Caio (2018)

Dois dias depois da proclamação em público em frente à igreja, portanto, dia 24 de janeiro de 1823, Leonardo das Dores distribui cópias escritas em forma de panfleto em Piracuruca, onde reforça o sentimento antilusitano e de defesa ao processo de independência desencadeado no Rio de Janeiro. A seguir, temos um trecho do panfleto que demonstra a argumentação forte de Leonardo das Dores (Santos; Kruehl, 2018):

Queridos irmãos que habitais as fecundas margens do caudaloso Parnaíba, por um e outro lado: dignai-vos atender às Sinceras vozes de Patrício vosso, que todo unicamente se dedica ao vosso bem presente e ainda mesmo futuro. Ah? Que maligna e espessa nuvem ofuscam as luzes do vosso entendimento? Pois vós sois brasileiros e recusais a obedecer ao Sr. Dom Pedro, Imperador Constitucional do Brasil, e seu perpétuo defensor? Não sois europeus, e seguis seus partidos, com perigo evidente da vossa vida, e com perda da vossa honra, e o Patriotismo Brasilienses? Onde a honra? E onde o dever? ... O meu Coração se vê dilaracerado pelo punhal da mais intensa dor! Irmãos! Irmãos! Quereis [...] por violência obtenha, o que o dever, a honra, e o Patriotismo em vão até agora vos tem tão instantaneamente e cordialmente persuadido? Que lástima! Que afronta! Que vergonha! (Santos; Kruehl, 2018, p. 59.).

Outro acontecimento histórico de grande relevância é quando o movimento da Balaiada (1838-1841) que reverbera em solo piauiense trazendo grandes problemas de ordem social e violência contra a população sertaneja. O historiador Johny Santana de Araújo define nitidamente a situação da seguinte forma:

Em meados do século XIX, o Piauí foi sacudido ainda pela balaiada, cujas fronteiras haviam sido transportadas do Maranhão, trazendo o caos quase completo a toda província, agravando seriamente a economia e fragilizando mais ainda as tênues relações sociais, cujas identidades ainda estavam em processo de consolidação (Araújo, 2020, p. 84)

Enquanto um texto acadêmico, a análise de Johny Araújo, busca um fluxo mais nítido de informação, em um tom mais objetivo, observando-se uma abordagem diferente dos memorialistas. Podemos perceber essa diferença no relato de Brito (1922), em sua obra *O município de Piracuruca (Separata do “O Piahy no Centenário de sua Independência”)*, onde o autor deixa clara a opção de recorte para sua narrativa:

As causas? Múltiplas, e variavam de província em província e porque, segundo o plano que demos a este modesto estudo, não comporte, aqui, apontá-los, nem mesmo quanto a revolução de Bento Gonçalves – a maior, mais longa e mais importante de todas, trataremos, apenas, minuciosamente, da sedição maranhense denominada da Balaiada e em especial da repercussão da mesma no Piauí, e, particularmente, em Piracuruca. (Brito, 1922, p. 11)

Os acontecimentos da Batalha do Jenipapo (1823) ainda eram recentes na história do Piauí quando Piracuruca foi sacudida pelo movimento dos balaaios em seu território. Bitencourt (1989) relata que em “setembro de 1839, um grupo de 56 balaaios invadiu a povoação de Matões (território de Piracuruca e futuro município de Pedro II) assassinando o alferes que ali comandava o destacamento”. Tanto balaaios quanto a resistência oficial do governo da Província tiveram vários embates nas imediações de Piracuruca. Para além das tropas armadas, parte da população piracuruquense se propôs em pegar em armas para ajudar na contenção do movimento balaio. Bitencourt (1989) continua narrando sobre o acontecimento:

Enquanto a tropa do major Joaquim Ribeiro dava combate aos balaaios na fazenda Bebedouro, a vila de Piracuruca, ficou entregue a velhos, mulheres e crianças; houve enorme expectativa. Famílias inteiras desocuparam suas casas buscando esconderijos nas matas e nas beiras-de-rio. Os pouquíssimos homens que restaram na área urbana armaram-se para a eventualidade de um assalto (Bitencourt, 1989, p. 97).

Nota-se pela narrativa do memorialista, que o contexto não aparece, transparecendo uma resistência gloriosa popular que foi além do reforço às colunas oficiais das tropas militares. Observa que os mesmos se organizaram na sede da vila e que parte da população assustada, sem saber como lidar com tal situação, foram tomados pelo medo do combate, fugiram de suas casas e procuraram abrigo à beira do rio Piracuruca. E dentro de toda essa movimentação, é no interior da igreja de Nossa Senhora do Carmo que o Padre Sá Palácio, pároco responsável pelo templo, organiza parte da defesa da população que ficou na sede. A igreja novamente aparece como centro do relato memorialista de Bitencourt (1989):

O padre Sá Palácio organizou um plano rápido de defesa utilizando o interior da Igreja de Nossa Senhora do Carmo como ponto de concentração para quem quisesse

ali se refugiar; as grossas portas do templo foram travadas por dentro. Foram providenciados víveres e reserva de água. Na parte mais alta do telhado da igreja, junto ao enorme cruzeiro de pedra, posicionaram-se vigias para fiscalizar, do alto, as entradas da vila; convencionou-se que o alarme seria dado com repiques do sino. Os preparativos do vigário foram além desses cuidados prosaicos; ele próprio, esquecendo por instantes a suas funções clericais, equipou-se com arma de fogo disposto a resistir bravamente em caso de necessidade. (Bitencourt, 1989, p. 97).

A atitude do padre Sá Palácio demonstra que para além daquilo que o templo religioso representa “o sagrado sobre a terra”, fosse o edifício mais seguro da freguesia de Piracuruca, tendo seu papel de destaque no núcleo urbano seguindo o “simbolismo cristão, pelo qual a igreja deve ser alocada em posição de destaque: na parte mais elevada do relevo com uma praça a sua frente” (Silva, 2007).

Observando com esses três episódios históricos descritos acima, que para além das funções de templo religioso, a Igreja de Nossa Senhora do Carmo desempenhou papel como cenário de importantes movimentos do Piauí Colônia e Império. Tendo notório destaque tanto na assinatura da elevação de Parnaíba a categoria de Vila (1762), quanto do movimento de adesão de Piracuruca ao movimento de independência do Brasil (1823) ao movimento de resistência popular piracuruquense aos balaíos (1839).

Construiu-se uma memória significativa desse templo religioso que no relato memorialístico, acaba sendo o canalizador dos acontecimentos e isso deve ser considerado na elaboração de um roteiro base de aula-passeio pelo Centro Histórico de Piracuruca, pois, a partir dela, podemos organizar uma série de caminhos, inclusive questionadores do modelo colonizador que invisibiliza diversos sujeitos históricos que foram apagados da história local, como por exemplo, os indígenas.

#### **1.4 - Genocídio indígena constituindo fazendas de gado e uma freguesia em nome da fé cristã**

Até meados do século XVI ainda não havia Piauí enquanto capitania sendo apenas uma das regiões dos sertões do Maranhão se entremeando com terras do Ceará. A ocupação do Piauí por europeus portugueses, se deu pela ocupação dos fazendeiros e bandeirantes que cruzavam esses caminhos entre Ceará e Maranhão como afirma Vicente Miranda (2001). Essas terras, que em tempos de inverno, abundantes em água, atraíram fazendeiros que procuravam se estabelecer através da criação do gado.



No processo de ocupação das terras, quem chegava primeiro ocupava os vales úmidos dos rios e riachos, levando vantagem na instalação das fazendas e currais pela oferta da água.

Como não poderia deixar de ser, pesava na concessão de sesmarias a pessoa requerente. Os poderosos, justificando que poderiam tornar as terras povoadas e produtivas em benefício da real fazenda, recebiam grandes latifúndios – causa primeira da injustiça questão agrária nacional. (Miranda, 2001, p. 33)

No início de século XVIII, essas fazendas de gado, muitas delas propriedade de famílias do sertão de Coreaú e Viçosa no Ceará vão se firmar nas regiões vizinhas, principalmente próximas e banhadas pelo rio Jacarei. À época, essas terras localizadas abaixo da Serra da Ibiapaba, estava sob a jurisdição do Governo Geral do Maranhão. Cabe observar a completa desconsideração à existência de populações no local, ao se tratar a terra como lugar de ninguém: “quem chegava primeiro ocupava...” (Miranda, 2001)

Intensamente ocupadas pelos nativos, os conquistadores de forma predatória, foram subjugadas ou exterminadas as populações já existentes nesses espaços dos sertões, por meio das guerras, aprisionamento e implantação de fazendas de gado, fazendo uso da mão de obra escrava inicialmente do indígena e posteriormente africana. A grande maioria dessas fazendas foi construída nas ribeiras dos rios, tendo abundância de água e na maioria das vezes em terras planas e com pastos fartos. Francisco Helton de Araujo Oliveira Filho (2016), mestre em História pela Universidade Estadual do Ceará complementa a descrição desse cenário da seguinte forma:

Ao longo das rotas abertas pela passagem do gado e homens, iam se estabelecendo as casas de fazendas e currais. Nesse aspecto, a freguesia de Piracuruca apresenta elementos que marcaram a formação das vilas e cidades do Piauí: fazendas, capelas e aberturas de caminhos. Na lida com o gado, estavam os escravizados, a princípio os índios, negros e homens livres, trabalhando lado a lado. (Oliveira Filho, 2016, p. 40)

A ocupação territorial desse modo foi alargando os domínios da Coroa sertão adentro e sendo os currais de gado os pontos de referências fronteiriças e de descanso dentro dos longos percursos de acesso para Maranhão e Ceará. Logo, quando da construção da Igreja de Nossa Senhora do Carmo já havia um processo em andamento de ocupação territorial promovida pelas implantações das fazendas e currais de gado.

Dentro da narrativa descrita anteriormente pelos memorialistas sobre o início da construção a igreja de Nossa Senhora do Carmo está a figura do indígena como antagonista no duelo pelo espaço em solo piauiense em relação ao elemento branco, sempre visto como herói e desbravador. Uma das características marcantes no início da colonização da capitania do Piauí foi a implantação de fazendas dedicadas à criação de gado, tendo como grande vantagem os extensos pastos e a demanda crescente pela carne bovina e uso de tração animal

nos engenhos do Maranhão, Bahia e posteriormente em Minas Gerais na segunda metade do século XVIII. Segundo o padre Miguel de Carvalho é entorno dos afluentes principais do Rio Parnaíba, limite natural entre as capitanias do Piauí e Maranhão que surgem as primeiras fazendas da região. Sendo que muitas das tentativas iniciais de povoação fracassaram pelo motivo:

[...] alguns moradores meteram lá gados e se retiraram com medo e os que moram nas fazendas acima ditas andam sempre em contínua guerra e muitos perderam as vidas nas mãos daqueles bárbaros por cuja causa se não tem aumentado muito esta povoação pelas beiras daqueles famosos rios Parnaíba e Gurgéia [...]. Esta abundância faz com naquela terra habitem muitos Tapuias, os mais bravos e guerreiros que se acharam no Brasil. (Carvalho, 1938, p. 386)

Tidos como mais bravos e guerreiros, lutaram por suas terras em desvantagens materiais, sendo que a descrição do padre Carvalho exalta o perfil indígena dos Tapuias, que segundo Fernanda Aires Bombardi (2020) essa: “classificação dos índios do sertão piauiense como Tapuias objetivava dar certa unidade, construída nas relações de alteridade próprias da experiência colonial, a uma diversidade de grupos que se opunham à colonização.” Ou seja, a experiência de contato entre os brancos invasores e os povos originários foi marcada pela violência impositiva regida pela violência tanto secular quanto religiosa.

Especificamente sobre a questão indígena em Piracuruca, recorremos novamente ao memorialista Bitencourt (1989) e sua obra *Apontamentos Históricos da Piracuruca* para falar do processo “a ocupação do solo da Piracuruca não ocorreu de formas diferenciadas daquelas praticadas no devassamento geral dos grandes sertões nordestinos. A combinação clássica dos elementos terra+índio+currais manteve-se inalterada” e “a ocupação das terras no Norte do Piauí não foi ato pacífico. O devassamento foi precedido de violenta campanha contra os índios, para obrigá-los à submissão, à convivência pacífica com seus dominadores”. Notoriamente o termo “devassamento” usado pelo memorialista esconde o verdadeiro genocídio praticado contra os povos indígenas. É Gambini (2000) que traz uma reflexão forte sobre como igreja e administração portuguesa, juntas lavaram suas mãos com sangue indígena quando diz “daí a cruz ter sido trazida para ser carregada pelos originários da terra, e nunca pelos que a trouxeram; daí a espada que atravessou não apenas o corpo dos antepassados, mas também o seu espírito.”

Fica evidente que o modelo de ocupação branca das terras de Piracuruca seguiu o mesmo modelo de violência praticado no restante da colônia brasileira, fazendo-se uso de extrema violência contra os povos indígenas. Sobre tal situação Bitencourt (1989) observa o seguinte: “a guerra contra o gentio teve desdobramentos permanentes até a completa limpeza

da região; desapareceram da Piracuruca os grupos Tocarijus e Alongas, referidos com nomes diferentes, mas, provavelmente, integrantes de uma só tribo”. Muito mais que o extermínio pela violência das baionetas e facões dos desbravadores, homens católicos e responsáveis pelo desbravamento do território piauiense, existe notoriamente o extermínio da história dos povos indígenas.

Nas obras dos memorialistas os indígenas aparecem como personagens do outro lado da história, as vezes como sanguinários, ou como um empecilho para expansão das fazendas de gados; noutras são vistos como algo exótico, distante da realidade atual dos brancos, como se vivenciem sempre em contos de fadas afastados da sociedade capitalista, como se não houvesse lugar para eles aqui e agora. A historiografia piracuruquense carece muito de estudo sobre as populações indígenas que habitavam o atual território de Piracuruca, sendo essa visibilidade necessária para completar a forma de contar a história do povo piracuruquense.

### **1.5 – Do ouro branco da carnaúba, riqueza da terra, aos trilhos do progresso**

Dentro da proposta de Produto Educacional a ser desenvolvimento nesse trabalho está a criação de um roteiro de aula-passeio pelo Centro Histórico e Paisagístico de Piracuruca. O seu tombamento no ano de 2012 teve como iniciativa principal ser uma das cidades testemunhas da ocupação do interior do Brasil no século XVIII.

Para além desse fato, a cidade de Piracuruca passa por modificações no decorrer dos anos em grande parte de seu centro histórico no início do século XX em decorrência de dois acontecimentos que imbricados, vão dar uma roupagem complementar não somente para centro histórico, mas para a cidade em geral. Um desses acontecimentos é grande demanda internacional pela cera de carnaúba, produto abundante em Piracuruca, e o outro é a chegada do trem e toda sua carga de progresso e oportunidades para a população em geral, mas principalmente aos comerciantes.

Essa observação pelo centro da cidade do que é construção remanescente do século XVIII, como a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, a antiga Casa de Intendência e outros exemplares, assim como os novos casarões e estruturas de prédios públicos construídos com os lucros das vendas da cera de carnaúba é literalmente um caminho a ser percorrido e enquanto estudo de análise para servir de subsídios tanto para a criação do roteiro de aula-passeio, quanto para a criação de matérias extras para os professores que farão uso do roteiro.

Ainda em meados do século XIX, Piracuruca, seguindo uma lógica agroexportadora, vai entrar no mercado mundial com o início do ciclo de extrativismo da carnaúba. A

carnaubeira (*copernicia prunifera*) é uma árvore típica da região Nordeste, tendo ocorrência na sua forma com produção de cera somente no Brasil e ocorre principalmente às margens dos rios e riachos, nas baixadas, nas várzeas e campos locais de areia e barro, ou simplesmente massapê. Segundo Santos (1979) a carnaúba possui crescimento lento, propagando-se com enorme fecundidade por sementação, que ocorre logo após a frutificação.

Em relação ao seu aproveitamento pode-se dizer que tudo se utiliza: suas folhas estão o grande ouro branco, seu maior valor comercial, a cera que tem utilidades várias para indústria em geral, ainda podendo ser reaproveitada após a extração do pó para cobertura de casas, montagem de vassouras, chapéus que tanto se vale o sertanejo para se proteger do sol e ainda confecção de peças de artesanato das mais variadas formas.

Seu tronco serve de base para a construção de tetos desde as vigas e linhas mestras, como caibros e ripas e ainda na construção de cercas e currais. Sua raiz tem uso medicinal baseado nos conhecidos da cultura caboclo na forma de chá e por último, se pó é matéria-prima de grande destaque na indústria mundial em setores como a indústria de componentes de informática e de cosméticos (Carvalho; Gomes, 2009).

Nas palavras de Avelino (2003), a extração econômica com viés de exportação se dá pelo final do século XIX objetivando de todas os produtos possíveis, o fabrico da cera de carnaúba. Na contramão de seu grande potencial econômico, a falta de infraestrutura para escoamento da produção, não somente da cera de carnaúba, de Piracuruca para Parnaíba, onde se localiza o porto e a grande porta de saída dos produtos.

Corroborando com o autor citado acima Bitencourt (1989) observa que: “Nos anos de 1915-1916 a cidade experimentou o sucesso das exportações de cera de carnaúba rumo ao porto de Parnaíba, descobrindo o grande entrave da inexistência de meios de comunicação e transportes, como causas comprometedoras do seu futuro”. O detalhe sobre a infraestrutura de transportes de mercadorias e pessoas, será resolvido com a chegada da Linha Férrea Central do Piauí em 1923 à Piracuruca, Bitencourt (1989) complementa dessa forma:

Com o adensamento do transporte ferroviário e construção de rodovias carroçáveis, delineou-se a formação de um ciclo econômico marcado pela comercialização da cera de carnaúba, [...]. Piracuruca exercia seu comércio exportador, quase sempre, através de Parnaíba onde estavam instaladas as grandes firmas compradoras. (op. cit., 1989, p. 158)

Mas adiante nesse trabalho, voltaremos ao ponto que trata da chegada da Estrada de Ferro Central do Piauí à Piracuruca, pois juntamente com apogeu econômico do extrativismo da cera de carnaúba e suas mudanças no cenário urbana da cidade, vão configurar uma parte do temos do atual Centro Histórico de Piracuruca.

O apogeu da atividade extrativista se dá em 1930, trazendo a cidade consequências positivas do ponto de vista urbanístico e de modernização. As fortunas geradas com a riqueza da terra, serão aplicadas em parte na própria sede. O importante desse momento histórico é a transformação, ou complementação do processo arquitetônico que configura atualmente a cidade. Testemunho de uma época de riquezas, de exploração dos recursos naturais, do uso da mão-de-obra barata e abundante na região. Sobre o auge da produção na extração da carnaúba, Bitencourt (1989) afirma:

Às vésperas do ano revolucionário de 1930, Piracuruca experimentou o ingresso definitivo num processo de modernização urbana e de desenvolvimento econômico induzido pelo surto de comercialização internacional da cera da carnaúba e seus derivados. A década de 30 marcou para Piracuruca a substituição do “ciclo do couro” pelo “ciclo da carnaúba” corresponde essa mudança a um grande salto para o futuro. (op. cit., 1989, p. 154)

A aplicação dos lucros gerados com a riqueza da venda da cera de carnaúba trará para Piracuruca grandes efeitos nos hábitos locais, sobretudo no formato da arquitetura da cidade e na formação de uma elite. Sobre esse período, Avelino (2003) assim se manifesta:

A cidade de Piracuruca passou então a apresentar-se como um espaço onde a contradição entre o tradicional e o moderno tornou-se vida, uma vez que símbolos dessas novas dimensões se entrecruzavam continuamente. Imaginemos, por exemplo, uma manhã de feira em que disputavam espaço à frente do mercado público jumentos, bicicletas, cavalos e automóveis. (Avelino, 2003. p. 05)

O adensamento principal se dá em torno da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo no centro da cidade e onde os grandes proprietários vão investir os altos lucros aferidos com a venda da carnaúba no mercado internacional. Segundo Escórcio (2002)

Andando pelas ruas Piracuruca é possível conhecer de perto a história da arquitetura piauiense. Com vários estilos que marcaram época, suas edificações mostram os períodos de prosperidade, dificuldade e superação da sociedade piracuruquense. Os exemplos mais marcantes da arquitetura de Piracuruca estão presentes no entorno da praça da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo [...] em estilo barroco, em torno dela surgiu o povoado que deu origem à vila e a cidade. [...] A maioria das edificações no entorno da praça Irmãos Dantas e da Igreja de Nossa Senhora do Carmo tem sua construção marcada por dois momentos distintos: antes e durante o ciclo econômico da carnaúba. (Escorcio, 2003)

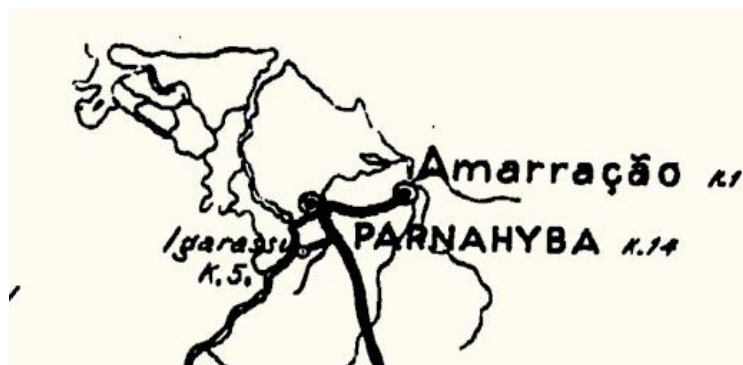
Como exemplos de proprietários de algumas das residências de produtores e comerciantes podemos citar Manoel de Sousa, Ademar Machado e Francisco Paulo de Cerqueira.

A chegada da estrada de ferro em Piracuruca coincide com o grande momento proporcionado pelo ciclo da carnaúba entre a 1920 e 1940. No entanto é preciso relatar que o

projeto de trazer a linha férrea ao município já era buscado desde o final do século XIX pelas lideranças políticas da cidade, como por exemplo o Coronel Gervásio de Brito Passos, que na oportunidade de seu mandato de senador da recém criada república do Brasil, fez grandes esforços para concretizar a obra. Mas não pode vê-la terminada, pois veio a falecer dia 07 de fevereiro de 1923 a apenas alguns meses da inauguração da mesma.

Seria com José Pires Rebelo deputado federal piauiense (1918 a 1923) natural da vizinha cidade de Piripiri, engenheiro e professor a dá continuidade ao trabalho de pedir verbas e liberação para construção do ramal no Piauí. Havia uma espécie de mal querer por parte do estado do Ceará em relação à construção do ramal no estado vizinho, já que ter um trecho em solo piauiense significava diminuição dos negócios no Ceará, havia notório desejo de manter o monopólio comercial e político da região. Nessa época, o Piauí fazia parte da Viação Férrea Cearense, distribuída em três trechos: o primeiro é a linha Cedro a Lavras, o segundo, Fortaleza-Soure e o terceiro, o ramal férreo da Amarração.

**Imagem 8** – Trecho da Viação Férrea Cearense – ramal da Amarração



**Fonte:** site Centro-Oeste Brasil

Bitencourt (1989) evidencia a importância do trabalho de Pires Rebelo, destacando parte do discurso do político:

Julgo-me dispensado de dizer mais alguma coisa nesse sentido. Bastando as palavras que proferi para mostrar a injustiça com que está sendo tratado o Piauí, injustiça tanto que atualmente se constrói lá é o ramal férreo da Amarração a Campo Maior, e este ligado à Viação Férrea Cearense, que lhe suga toda a seiva e toda a possibilidade de vida. (Bitencourt, 1989. p. 59)

A partir dos apelos e insistências de Peres Rebelo a nível federal, paulatinamente acontece o desligamento da Viação Férrea do Ceará e inicia de fato a construção da Estrada de Ferro Central do Piauí – EFCP. A ideia geral é que com a chegada do trem traria muitas mudanças significativas para o cenário piauiense como um todo, pois a ponta de linha vinda

até Piracuruca, seria apenas o início da integração do Piauí com o mercado nacional de forma mais efetiva, pois com o tempo, a linha férrea se expandiria até a capital Teresina, levando conseqüentemente o mesmo nível de desenvolvimento às demais localidades por onde o trem passasse. Brito (1922) nos traz a exata noção dos anseios da população para com a chegada da linha férrea:

Piracuruca é servida pelo telegrafo e correio. O serviço postal é assaz demorado e não satisfaz, por isso, a necessidade da população. Com o serviço da Estrada de Ferro Central do Piauí, ora em construção, ficará a cidade ligada ao único porto marítimo do Estado que é Amarração. Atualmente, o transporte é ainda primitivo, feito em animais, apesar das grandes distancias a percorrer. (Brito, 1922, p. 30)

Todo o escoamento da produção da região, antes da construção da estrada de ferro, era feito pelos tropeiros nos caminhos da mata até o litoral. Pó e a cera de carnaúba, a cera de abelha, couro de boi e caprinos, tucum, pedra de pequi e outros produtos eram transportados em tempo longo de ida e as mesmas tropas eram responsáveis pelo abastecimento fazendo a rota de trazer os produtos comprados principalmente em Parnaíba, o grande coração econômico do Piauí.

Esse período anterior ao início da construção da estrada de ferro em Piracuruca já é de grande intensidade econômica proporcionada principalmente pelo extrativismo da carnaúba em Piracuruca. O tropeirismo tem sua importância, não obstante o fato de ser a única forma de escoamento e abastecimento para a região, vai ser substituído pela grande invenção do século XIX e uma das molas propulsoras da Revolução Industrial que modificar para sempre as bases da economia mundial.

O trem para além de toda sua importância de potencializar a leva e busca de mercadorias, vai significar também a entrada de mais dinheiro, mais mercadorias e outros negócios que podem instalados em Piracuruca. Brito (1922) ressalta que “Durante os anos de 1915 e 1916 a cidade experimentou o sucesso das exportações de cera de carnaúba rumo ao Porto de Parnaíba, porém a inexistência de meios de transportes e de comunicação mais eficazes comprometiam o futuro das exportações” (Brito, 1922, p.31)

A inauguração do ramal da Estrada de Ferro do Piauí que liga Piracuruca à Parnaíba e à Amarração foi no dia 19 de novembro de 1923 às 11h da manhã. Brito (2002) relata assim o dia da inauguração na estação de Piracuruca:

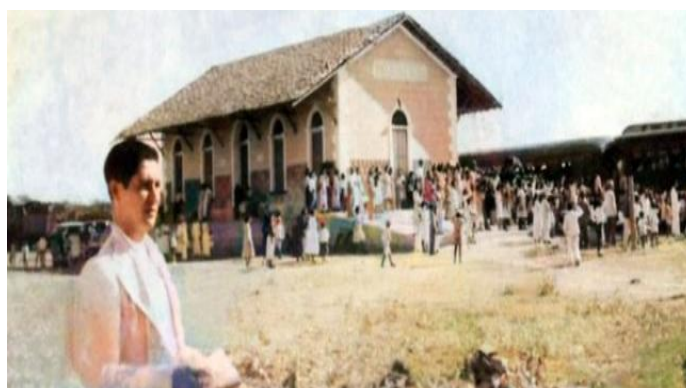
O dia esperado chegou. Uma locomotiva movida a lenha, por muitos anos aguarda, fez sua triunfal entrada na estação ferroviária de Piracuruca pela primeira vez, a 19 de novembro de 1923. O vão da estação, repleto de convidados ilustres, personalidades do mundo social, político, financeiro do Estado do Piauí e a população do Município, que esperavam ansiosos por aquele momento histórico. A chegada foi precedida por hinos vibrantes, executados pela Lira Senador Gervásio, alegres apitos

e um foguetório ensurdecedor. Quando na curva da linha de ferro, ela apareceu, toda enfeitada de fitas e bandeirolas, a vibração dos presentes transformou-se em emoção e, envolvida pela alegria geral e ao som do pipocar do champanhe, foi ela festivamente recebida às onze horas, daquele memorável dia por todos que ali estavam para lhe dar as boas-vindas. A um exportador e a um produtor de cera coube a honra de segurar um saco do produto e coloca-lo no vagão de carga, simbolizando o momento que começaria a partir dali. (Brito, 2002, p. 60-61).

É de se pensar que um acontecimento desse porte traga uma movimentação tanto da elite da cidade quanto da população em geral. No entanto, nota-se claramente, sem muito susto que o relato da memorialista contempla apenas a classe rica da cidade. Inclusive a continuação do relato das comemorações:

Para homenagear os construtores das estradas de ferro e personalidades presentes, um almoço e um baile aconteceram nos salões da Intendência velha (Casarão Pe. Sá Palácio). A animação ficou a cargo da Lira Senador Gervásio. Até um serviço de porcelana inglesa foi adquirido e, por muito tempo, pertenceu à família do Sr. Josias Mello. O baile comemorativo foi qualquer coisa de muito chique. Os vestidos de algumas damas vieram do Rio de Janeiro. Dizia D. Maroquinha Fortes, D. Franci Machado e diz Seu Branco, eles que participaram daquele evento, que “nada se comparava à elegância dos convivas, à alegria e ao prazer de participar daqueles acontecimentos. (Brito, 2002, p. 61)

**Imagem 9.** Estação Ferroviária de Piracuruca na chegada do trem



**Fonte:** site Portal Piracuruca, 2023.

Vale acrescentar que a imagem acima não é do dia da inauguração da estação férrea em Piracuruca, no entanto, demonstra a grande movimentação em torno do prédio. Havia uma grande surpresa para com o “grande mostro feito de ferro”, pois para além da questão econômica, escoamento da produção de mercadorias da região e do abastecimento interno de Piracuruca, o trem acelerava a chegada de correspondências e meios de notícias como jornais e revistas. Outro aspecto para se salientar é a oportunidade das pessoas de viajar com mais conforto com deslocamento para longas distâncias.



## **CAPÍTULO 02 - O CENTRO HISTÓRICO E PAISAGÍSTICO DE PIRACURUCA**

### **2.1 – O Centro Histórico e Paisagístico de Piracuruca: as razões do tombamento pelo IPHAN**

O Centro Histórico e Paisagístico de Piracuruca foi tombado pelo IPHAN no ano de 2012 e teve como iniciativa principal por ser uma das cidades testemunhas da ocupação do interior do Brasil no século XVIII. O dossiê intitulado “Cidades do Piauí testemunhas da ocupação do interior do Brasil durante o século XVIII” é um documento produzido pelo IPHAN – Superintendência Regional do Piauí produzidos como subsídios de justificativa para reconhecer diversos processos históricos, sociais e culturais que formaram o Patrimônio Cultural Brasileiro.

O documento traz a proposta e as justificativas do tombamento. O trabalho foi finalizado em 2008 sendo um dos instrumentos normativos dentre os muitos estudos feitos pelo IPHAN. O processo de tombamento em Piracuruca acontece no ano de 2012 sendo o segundo no Piauí. O primeiro foi em Parnaíba, mas há outras propostas e processos de tombamento em andamento no estado. Segundo a descrição do dossiê a justificativa do tombamento se dá, pois:

Razões históricas não faltariam para Piracuruca fosse reconhecida como Patrimônio Nacional Brasileiro, pois compõe, juntamente com Parnaíba, Oeiras e outras cidades que certamente serão incluídas nesse rol, um conjunto de bens que testemunharam e materializam a história da ocupação do Brasil durante o século XVIII. Estas cidades estão ligadas ao ciclo do gado no Nordeste e a uma política oficial da Coroa portuguesa de domínio do território através da fundação de vilas e cidades, fatores determinantes para a atual conformação do país, pois influenciaram diretamente a integração das duas colônias portuguesas na América: a do Brasil e a do Maranhão (IPHAN, 2008, p. 87).

As justificativas para o tombamento do Centro Histórico de Piracuruca como atesta no documento do Iphan é que “apesar da origem comum, Piracuruca apresenta especificidades que a diferenciam das demais vilas da época” como por exemplo, já citado nesse trabalho a construção da Igreja de Nossa Senhora do Carmo e seu papel como ponto centralizador urbano e de organização da futura cidade, pois a estruturação de suas quadras segue métricas que obedecem ao tamanho da igreja. Outros pontos de justificativa foram o ciclo da carnaúba e a chegada da malha ferroviária à cidade. A riqueza e disponibilidade de transporte e locomoção proporcionada por esses fatores, já que agora era muito mais fácil transitar entre Piauí, Ceará e Maranhão, fizeram com que aquele núcleo urbano inicial experimentasse

mudanças urbanísticas significativas. A construção do que hoje é dito como Centro Histórico é fruto de várias mudanças arquitetônicas que são parte das testemunhas históricas. Aí reside sua importância como fonte histórica e sua possibilidade de servir como roteiro de aula-passeio.

Antes de adentrarmos especificamente na descrição do atual Centro Histórico e Paisagístico de Piracuruca é preciso falar que a Igreja de Nossa Senhora do Carmo já havia passado por um processo de proteção patrimonial em 1937, na Era Vargas, quando por meio da Inspetoria de Monumentos Nacionais foi considerado Monumento Nacional Brasileiro. Adiante, no ano de 1940 o órgão federal de Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), que mais tarde se tornaria o atual IPHAN, faz o processo de tombamento do templo pelo seu “valor artístico e histórico”, sendo que o tombamento abarca todo o seu acervo, desde as pinturas, esculturas e obras de talha, dentre outras.

**Imagem 10.** Detalhe documento Lista dos bens Culturais Inscritos nos Livros do Tombo (1938-2012)

| <b>Piracuruca</b>        |   |
|--------------------------|---|
| <b>→ Bem / Inscrição</b> | <b>Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo</b>  |
| <i>Outras denom.</i>     | Igreja de Nossa Senhora do Carmo  |
| <i>Nº Processo</i>       | 0224-T-40   |
| <i>Livro Belas Artes</i> | <i>Nº inscr.: 288 ; Vol. 1 ; F. 049 ; Data: 15/08/1940</i>  |
| <i>Livro Histórico</i>   | <i>Nº inscr.: 142 ; Vol. 1 ; F. 024 ; Data: 15/08/1940</i>  |
| <i>OBS.:</i>             | “O tombamento inclui todo o seu acervo, de acordo com a Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Proc. Administ. nº 13/85/SPHAN”. |

**Fonte:** Iphan, 2013

Piracuruca em seu processo de formação urbana se inicia enquanto núcleo populacional inicial praticamente da mesma data das formações mais antigas do Piauí e se conecta pelo mesmo processo de “interiorização da ocupação do território a partir da expansão do gado no litoral para o sertão, iniciada ainda no século XVI a partir de Salvador e Pernambuco e logo, a exportação de carne e couro” (Iphan, 2008)

Os núcleos urbanos nascem das fazendas de gado e toda uma estrutura que se forma em torno delas como capelas, cemitério e casas mais simples. Com o passar do tempo, elas vão aumentar em quantidade pelos sertões adentro sendo um ponto tanto de agregação de gente, ponto de parada, corredor de passagem de gado, mercadorias e comunicações oficial do reino português e a igreja católica. Esses serão os elementos agregadores populacionais que vão contribuir para consolidar e expandir o império português na América.

Como já citado anteriormente é a Igreja de Nossa Senhora do Carmo responsável em grande parte pela organização da cidade, pois seu posicionamento de frente para o rio

Piracuruca e o formato da praça central vai determinar a organização e tamanho das quadras ao redor o templo. Sendo que as características desses primeiros edifícios remetem ao estilo colonial e tendo como exemplos dessa arquitetura o templo religioso e a antiga Casa de Intendência.

**Imagem 11.** Antiga Casa da Intendência



**Fonte:** Iphan, 2008.

As imagens 11 e 12 são do prédio Padre Sá Palácio, localizado na Avenida Landri Sales número 156 e compõem o conjunto de bens arquitetônicos tombados do Centro Histórico e Paisagístico de Piracuruca, sendo que a imagens 12 retrata o estado do prédio na década de 1980 quando não havia uso do mesmo e estando em total abandono, já a imagem 13 mostra atualmente tendo uso pela administração pública municipal. No próximo capítulo se propõe trabalhar os conceitos sobre patrimônio, a evolução dos conceitos, a importância da preservação e outros conceitos tão importantes para a Educação Patrimonial e Ensino de História. Nesse momento, as imagens trazem a reflexão sobre a diferença que existem sobre a preservação do patrimônio histórico quando ele pertence à administração pública e por outro lado, quando pertence ao setor privado. Não obstante o fato que o exemplo acima por vezes é a exceção à regra.

A data da sua construção é incerta, variando entre 1812 a 1831, sendo obra do Padre Sá Palácio. Vai ser adquirida pela família do Pedro de Brito Passos que vai doa-la para ser usada como primeira sede do governo municipal (prefeitura) quando da sua instalação em 23 de dezembro de 1833 em cumprimento ao decreto da Regência que elevou Piracuruca a condição de Vila em 06 de julho de 1832.

**Imagem 12.** Casarão Padre Sá Palácio - antiga Casa de Intendência



**Fonte:** De autoria própria (2024)

Do ponto de vista estrutural, as reformas no prédio têm respeitado as características arquitetônicas originais o que traz aos olhos do observador uma alegria em ver um prédio com tanta história tendo uma nova utilização. O prédio Casarão Sá Palácio atualmente está sendo utilizado pela Secretaria Municipal da Juventude com a designação de Espaço Jovem, atendendo a população com serviços que vão desde emissão de carteira de identidade, alistamento militar, curso de informática, academia de musculação, biblioteca e outros.

Outro ponto que chama atenção é no corredor de entrada do prédio onde existe uma galeria com fotos e textos sobre a cidade, em um resumo simplista, mas sucinto de parte da história do casarão em questão. A imagem 13 mostra parte da galeria com imagens e textos e ainda a estrutura da parede de pedras da grande construção do século XIX.

**Imagem 13.** Interior do Casarão Padre Sá Palácio



**Fonte:** De autoria própria (2024)

Do ponto de vista econômico, no início do século XIX, Piracuruca vai continuar atrelado à atividade da pecuária, agricultura de subsistência ou à obra de construção da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, tendo assim um momento de pouco crescimento por causa da polarização entre Piripiri e Parnaíba. Esse panorama irá mudar, pois no final do século XIX e início do século XX “é que a cidade conheceu uma expansão significativa, associada, sobretudo, à prosperidade decorrente do cultivo, beneficiamento e exportação da carnaúba e do babaçu.” (IPHAN, 2008). Profundas e significativas mudanças vão acontecer nos padrões de comportamento, hábitos e costumes, modificando sensíveis aspectos da cultura local, como comenta Bitencourt:

Começaram a roda pelas ruas da cidade os automóveis particulares, substituindo cabriolés, charretes e as centenas de montarias que foram intensamente usadas para transporte individual. O nível de vida dos cidadãos ricos passou a ser marcado pela posse ou não das “Cafuringas” (automóveis Ford) dos caminhões e bicicletas, vitrolas e rádios. (Bitencourt, 1989, p. 158)

Essas mudanças também surgiram no campo da arquitetura, pois a maioria dos prédios construídos em torno da praça da igreja matriz vão passar por modificações estruturais, principalmente no estilo eclético, casas com um ou dois pavimentos, recuo e afastamento laterais e novas técnicas e materiais de construção. Essas residências de propriedade de produtores e comerciantes enriquecidos com extrativismo e comércio da carnaúba, estão além do entorno do largo da igreja, um pouco mais distante e até mesmo, algumas delas fora da área de tombamento do Centro Histórico.

## **2.2 – O Centro Histórico e Paisagístico de Piracuruca e as delimitações das poligonais de proteção**

Em relação à delimitação geográfica, o dossiê de tombamento do Iphan usa as denominações “poligonais de proteção” para se referir ao contorno. O documento oficial diz:

A área selecionada para proteção federal engloba o perímetro urbano inicial da cidade de Piracuruca e suas expansões, até por volta da metade do século XX, após o fim da Segunda Guerra Mundial. A partir daí, a decadência do comércio de derivados da carnaúba ocasionou uma quase estagnação do processo de desenvolvimento urbano que a cidade vinha tendo. (Iphan, 2008, p. 90)

Observando o mapa a seguir, nota-se uma área circundada em tons verde claro que é o chamado Entorno de Tombamento e dentro dela, em azul “[...], mais restrita, que

corresponde à região onde ainda se mantêm preservadas a maior parte das edificações de valor histórico e paisagístico para o conjunto, que corresponde ao Conjunto Tombado.”

**Imagem 14.** Mapa do Conjunto Histórico e Paisagístico de Piracuruca com as poligonais de tombamento em azul e poligonais de entorno em verde no formato de planta baixa



**Fonte:** Iphan, 2008.

A imagem 15 faz uso de imagens de satélite para demonstrar a mesma área de tombamento a partir de uma visão aérea e destacando as poligonais de tombamento e poligonais de entorno. Sendo que a observação dos dois mapas traz uma ideia geral de toda a área protegida pelo tombamento.



**Imagem 15.** Mapa do Conjunto Histórico e Paisagístico de Piracuruca com a poligonal de tombamento em azul e poligonal de entorno em verde com imagens de satélite



Fonte: Iphan, 2008.

Em suma, o Conjunto Tombado inclui, para além da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, a praça Irmãos Dantas situada em frente a Igreja com características mais recentes em relação ao templo religioso. Outra igreja incluída é a de Santo Antônio e o Mercado Municipal. O cemitério Campo da Saudade:

[...] uma poligonal fechada, [...], englobando a Praça Irmão Dantas, a Igreja de Nossa Senhora do Carmo e as expansões urbanas ocorridas até o início do século XX, onde se situam também a Igreja de Santo Antônio e o Mercado Municipal; o Cemitério Campo da Saudade e o traçado e a caixa da Rua João Martiniano, que faz a ligação entre a Igreja de Nossa Senhora do Carmo e o Cemitério, incluindo o edifício de nº 365, na Rua Coronel Joaquim Onofre de Cerqueira, na esquina com a Rua João Martiniano e que faz o enquadramento da porta do Cemitério a partir da Igreja de Nossa Senhora do Carmo; o terreno da Unidade Escolar Anísio Brito e seu respectivo edifício. (Iphan, 2008, p. 91)

**Imagem 16.** Unidade Escolar Anísio Brito



**Fonte:** De autoria própria (2024)

Na imagem 16 temos a Unidade Escolar Anísio Brito, homenagem ao professor e memorialista aqui já citado nesse trabalho e autor da obra *O município de Piracuruca Separata do “O Piahy no Centenário de sua Independência”*, fundada em 1933 inicialmente com o nome de Grupo Escolar Fernando Barcelar.

**Imagem 17.** Cemitério Campo da Saudade



**Fonte:** De autoria própria (2024)

Na imagem 17 retrata o Cemitério Campo da Saudade, fundado em 1856 e administrado pela Paróquia de Nossa Senhora do Carmo, atualmente está desativado para sepultamentos.



**Imagem 18.** Igreja de Santo Antonio



**Fonte:** De autoria própria (2024)

Na imagem 18 retrata a Igreja de Santo Antônio, considerada a segunda maior em importância em Piracuruca, fica somente a duas quadras da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo e teve lançamento da pedra fundamental de sua construção em 30 de setembro de 1894.

**Imagem 19.** Mercado Público de Piracuruca



**Fonte:** De autoria própria (2024)

Na imagem 19 mostra o Mercado Público Municipal de Piracuruca que teve sua construção iniciada no final da década de 30 e foi concluída em 1942.

Analisando o Poligonal de Tombamento e Entorno a partir das informações contidas no Dossiê de Tombamento juntamente com consulta ao aplicativo como Google Maps, pode-se observar quais ruas fazem parte e delimitam o Centro Histórico e Paisagístico de Piracuruca. As referências aqui colocadas são simplificações do documento citado. Ao total são 27 Poligonais de Tombamento e 16 Poligonais de Entorno.

| <b>Tabela 1 - Ruas e Poligonais de Tombamento</b> |   |
|---|---|
| T – 00  | Av. Aurélio Brito e Rua Senador Gervásio  |
| T – 01  | Av. Aurélio Brito e Rua José de Moraes  |
| T – 02  | Lotes da quadra 81, setor residencial 01 e Rua João Martiniano                                      |
| T – 03  | Rua Rui Barbosa e Lotes da quadra 81, setor residencial 01  |
| T – 04  | Rua Rui Barbosa e Rua Luiza Amélia  |
| T – 05  | Rua Luiza Amélia e Rua Cel. Joaquim Onofre de Cerqueira   |
| T – 06  | Rua Cel. Joaquim Onofre de Cerqueira e Rua Teófilo Brito  |
| T – 07  | Rua Teófilo Brito e Rua Rui Barbosa   |
| T – 08  | Rua Rui Barbosa e Rua Luiza Amélia  |
| T – 09  | Rua Luiza Amélia e Rua Senador Gervásio   |
| T – 10  | Rua Senador Gervásio e Rua Ten. Rui Brito   |
| T – 11  | Rua Ten. Rui Brito e Rua Odilon Araújo  |
| T – 12  | Rua Odilon Araújo e Rua Raimundo de Sousa   |
| T – 13  | Rua Raimundo de Sousa e Av. Clementino Escórcio de Cerqueira  |
| T – 14  | Av. Clementino Escórcio de Cerqueira e Lotes da Quadra 17 do Setor Residencial 2 e Rua Luiza Amélia |
| T – 15  | Lotes da Quadra 17 do Setor Residencial 2 e Rua João Facundo  |
| T – 16  | Rua João Facundo e Rua Ten. Rui Brito   |
| T – 17  | Rua Ten. Rui Brito e Rua Félix Gomes  |
| T – 18  | Rua Félix Gomes e Rua João Martiniano   |
| T – 19  | Rua João Martiniano e Lotes Quadra 14 do Setor Residencial 2 e Av. Clementino Escórcio de Cerqueira |
| T – 20  | Lotes Quadra 14 do Setor Residencial 2 e Rua Dr. Resende  |
| T – 21  | Rua Dr. Resende e Lotes da Quadra 21 do Setor Residencial 3 e Travessa Pedro Melquíades             |
| T – 22  | Lotes da Quadra 21 do Setor Residencial 3 e Lote 94 da mesma quadra e Travessa Pedro Melquíades     |
| T – 23  | Lotes da Quadra 21 do Setor Residencial 3 e Lote 94 da mesma quadra e Travessa Pedro Melquíades     |
| T – 24  | Travessa Pedro Melquíades a beira do Rio Piracuruca   |

|        |   |
|--------|---|
| T – 25 | Eixo do leito do rio e Rua Piauí e Ponte Murilo Resende |
| T – 26 | Rua Padre Sá Palácio                                    |
| T – 27 | Rua Senador Gervásio                                    |

Fonte: compilação do autor (2024)

| <b>Tabela 2 - Ruas e Poligonal de Entorno</b> |   |
|---|---|
| E – 00  | Av. Aurélio Brito e Rua Rui Barbosa   |
| E – 01  | Rua Luiza Amélia e Rua Diógenes Benício                                       |
| E – 02  | Rua Diógenes Benício e Rua Walter Spindola                                    |
| E – 03  | Rua Walter Spindola e Av. Cel Pedro de Brito                                  |
| E – 04  | Av. Cel Pedro de Brito e Rua Rui Barbosa                                      |
| E – 05  | Rua Rui Barbosa e Rua Abdias Neves  |
| E – 06  | Rua Abdias Neves e Rua João Facundo   |
| E – 07  | Rua João Facundo e Av. Cel Pedro de Brito                                     |
| E – 08  | Av. Cel Pedro de Brito e Av. Clementino Escórcio de Cerqueira                 |
| E – 09  | Av. Clementino Escórcio de Cerqueira e Rua Tertuliano Vieira                  |
| E – 10  | Rua Tertuliano Vieira e Rua João Facundo                                      |
| E – 11  | Rua João Facundo e Rua Raimundo de Sousa                                      |
| E – 12  | Rua Raimundo de Sousa e Rua 21 de abril                                       |
| E – 13  | Rua 21 de abril, cruza o Rio Piracuruca e Rua Arcênio Ramos de Carvalho       |
| E – 14  | Rua Arcênio Ramos de Carvalho, Rua Piauí, Rua Vereador José Alves Viana Filho |
| E – 15  | Rua Vereador José Alves Viana Filho e Rua Rui Barbosa                         |
| E – 16  | Rua Rui Barbosa e Av. Aurélio Brito   |

Fonte: compilação do autor (2024)

A catalogação das ruas poligonais de tombamento e entorno demonstradas nas tabelas 1 e 2 respectivamente tem como propósito dá subsídios para montagem de material didático que irá compor o produto educacional.

É possível observar que grande parte dos nomes das ruas, especificamente dentro do perímetro delimitado do Centro Histórico de Piracuruca, incluindo as poligonais de tombamento e entorno, são de pessoas que historicamente compõe a elite fundadora da

cidade, como por exemplo Rua Senador Gervásio, que corta a cidade de norte a sul, é uma homenagem a Gervásio de Brito Passos, nascido em 23 de julho de 1837, filho de Ana Machado Cerqueira e do coronel Pedro de Brito Passos, que a propósito é nome de uma das Avenidas contidas dentro do Centro Histórico. Ainda sobre o Senador Gervásio, passou inicialmente pelas patentes de capitão, major, tenente-coronel e durante a Guerra do Paraguai (1864-1870) ajudou no recrutamento de soldados no Piauí. Passou por vários mandatos legislativos na esfera municipal, estadual e federal, tendo exercido o cargo de senador de 1908 até 1915. Teve grande influência na construção do ramal ferroviário Luís Correia à Piracuruca. Faleceu em Piracuruca no dia 7 de fevereiro 1923.

Outro exemplo é a rua Pedro Melquíades, referente a um dos filhos de Gervásio de Brito Passos. Foi intendente (equivalente a prefeito) de Piracuruca em 1905 e na sua gestão foi construída a antiga ponte de tábua que ligava a Data Sítio (atual Centro) à Data Melancia (atual bairro Guarani). Assim como Teófilo Brito, outro filho do Senador Gervásio e irmão de Pedro Melquíades, obteve cargos políticos importantes muito em conta do poderio do pai.

Além de personalidades locais, as ruas de uma cidade tendem também a fazer homenagens as outros ícones que não somente da cidade. Podemos citar dentro do perímetro do Centro Histórico: Rui Barbosa (jurista, advogado, diplomata, escritor, filólogo, jornalista, tradutor, orador e político, quando de sua legislatura no senado, sendo contemporâneo do senador Gervásio); Abdias da Costa Neves (nascido em Teresina no dia 19 de novembro de 1876, foi juiz interino em Piracuruca entre os anos de 1902 a 1914, teve também larga carreira de escritor e jornalista, tendo publicado obras importantes para a literatura piauiense como a *Guerra de Fidié* de 1907, *O Piauí na Confederação do Equador* de 1921, dentre outros títulos), e Luiza Amélia (considerada a primeira poetiza do Piauí, carregando o título de *princesa da poesia romântica do Piauí*, nascida em Piracuruca e falecida em Parnaíba em 1898, sendo a primeira mulher a publicar um livro no Piauí, suas duas obras mais aclamadas e conhecidas são *Flores incultas* de 1875 e *Georgina* de 1894, também é patrona da Academia Piauiense de Letras).

## **CAPÍTULO 3 – O ENSINO DE HISTÓRIA, A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL, SEQUÊNCIA DIDÁTICA E AULA-PASSEIO: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS**

### **3.1 – O Ensino de História**

Antes de tratarmos na proposta de aula-passeio e no Produto Educacional propriamente dito, faremos um quadro geral sobre os temas centrais que norteiam esse trabalho, perpassando conceitos sobre o Ensino de História, Educação Patrimonial e aula-passeio. Posteriormente, para demonstrar como o professor pode usar as aulas passeio no Centro Histórico de Piracuruca como recurso para ensino de História através do planejamento de uma sequência didática e montagem de um roteiro.

As definições da palavra história são várias e ter uma única definição é tarefa árdua. Para Azevedo (2010) a história surge como narrativa imposta pela necessidade de entender e explicar uma origem, sendo o mito a forma inicial encontrada para essas explicações e depois de longos séculos, o mito será substituído como principal explicação pela filosofia erudita e usando a “razão” como síntese daquilo que é correto enquanto narrativa. Ainda assim, o tempo é a régua comum para todas as definições, concepções que mudam ao longo dos séculos, mas nunca estão postas como únicas e acabadas, estando sempre em estado de construção. Azevedo (2010) afirma que:

É possível afirmar que a função da história consiste em fornecer explicações para as sociedades, sobre suas origens e as transformações pelas quais a humanidade passa. Tais explicações, por mais diferentes e até mesmo contraditórias que sejam, são feitos sobre uma base comum – o tempo, a temporalidade. (Azevedo, 2010, p. 300).

Ter em mente que a definição de história é algo amplo, é uma tarefa que o professor de história deve carregar sempre consigo e compartilhar com seus alunos, fazendo-os questionar, pesquisar, debater e socializar seus conhecimentos. Nisso, é preciso ver a história não como uma “ciência do passado”, pois sua constante reescrita é função das inquietações e mudanças do dia a dia, do presente. Bloch (2001) diz notoriamente que a história é a ciência dos homens no tempo, onde o homem não é descrito pelo historiador de forma isolada:

Diz-se algumas vezes: “A história é a ciência do passado. É [no meu modo de ver] falar errado. [Pois, em primeiro lugar] a própria ideia de que o passado, enquanto tal possa ser objeto de ciência é absurda. Como, sem uma decantação prévia, poderíamos fazer, de fenômenos que não tem outra característica comum a não ser não terem sido contemporâneos, matéria de um conhecimento racional? Será possível imaginar, em contrapartida, uma ciência total do Universo, em seu estado presente? (Bloch, 2001, p. 52)

Refletindo sobre as palavras de Bloch, tão assertivas sobre a história, é possível pensar no papel do professor como formador de pessoas mais que pensantes, e que já trazem subsídios para aula de história e que, por meio desse conhecimento, o aluno possa construir um pensamento crítico. Essa construção pode ser engendrada tanto em sala de aula, quanto fora dos muros da escola, quando do planejamento e organização prévios das aulas que extrapolam os limites da escola convencional.

Essa mesma relação passada x presente é evidenciada por Pinsky e Pinsky (2010) quando observam que: “O passado deve ser interrogado a partir de questões que nos inquietam no presente (caso contrário, estudá-lo fica sem sentido). Portanto, as aulas de história serão muito melhores se conseguirem estabelecer um duplo compromisso: com o passado e o presente.” Segundo Rüsen (2006) “a história não pode ser dissociada do cotidiano, que a função do problema é fazer a relação vida prática com a disciplina, esse processo passa por uma elaboração didática”.

O professor precisa ter a consciência que seu olhar deve contemplar a vivência do aluno, de onde ele vem, onde passeia, onde convive com os demais grupos sociais da sua comunidade. Tudo isso deve ser levado em consideração no momento do planejamento e organização das práticas didáticas do professor, podendo ser ajustada segundo o cotidiano dos discentes. É preciso fugir da aula burocrática de conceitos redondos, perfeitos e inquestionáveis do livro didático, esses modos de como se dá aula de história perpetuados na “mecanização da prática de ensino” Rüsen (2006), visto que essa forma de ministrar aula deva ser combatido e reformulada.

A metodologia de instrução na sala de aula é um problema importante. Aqui a concentração no currículo tem sido predominante. Combinada com a hipótese de que existe uma teoria geral da instrução escolar (Unterrichtslehre), o ensino de história em sala de tem tendido a se tornar uma atividade mecânica. Ainda não se resolveu como a peculiaridade da consciência histórica – aquelas estruturas mentais e processos que constituem uma forma específica de atividade cultural humana – pode ser integrada nesse padrão de educação. (Rüsen, 2006, p. 13).

O professor precisa incorporar a noção de que o mundo extrassala de aula é uma grande oficina a ser explorada em seus detalhes políticos, econômicos, ambientais e socioculturais e que o mundo do aluno não está isolado do mundo externo, e que, tanto o mundo do discente, seja numa grande cidade, seja na longínqua zona rural de algum município brasileiro, se conecta em conceitos, desafios e oportunidades a serem apresentadas com os conteúdos estudados em sala de aula. Nesse momento, que “o passado deve ser interrogado a partir de questões que nos inquietam no presente” Pinsky (2010).

A história se aprende para além do horário escolar, lá fora no mundo exterior, onde o aluno vive, caminha, brinca e convive no seu meio social, como exemplifica Silva e Renato (2013, p. 67): “[...] aprendemos história o tempo todo, ela é componente inescapável da configuração de nossa existência no tempo e no lugar do mundo que habitamos e do qual identificamos como pertencentes”.

Ainda, sobre esse mesmo debate, Barros (2013) corrobora nesse contexto quando menciona que o ensino de história tem notória importância na formação do aluno como indivíduo, não somente nas suas relações pessoais com o grupo no qual estão inseridos, mas em toda coletividade, abarcando aspectos culturais e de vivências de tempos passados.

O aluno, com sua experiência, suas memórias, seus modos de vida, está inserido no contexto familiar de sua comunidade, construindo bens culturais. Sua formação como pessoa permitem o consumo de cultura, seja ouvindo música, lendo livros, assistindo uma peça teatral ou uma série nas mídias pagas ou esportes que praticam. Eles precisam ser vistos como detentores de memórias e peças importantes na engrenagem da sociedade que estão inseridos:

Os jovens sempre participaram, a seu modo, desse trabalho de memória, que sempre recria e interpreta o tempo e a história. Aprendem impressões dos contrastes das técnicas, dos detalhes das construções, dos traçados das ruas, dos contornos das paisagens, dos desenhos moldados pelas plantações, do abandono das ruínas, da desordem dos entulhos, das intenções dos monumentos, que remetem ora para o antigo, ora para o novo, ora para a sobreposição dos tempos, instigando-os a intuir, distinguir e a olhar o presente e o passado com os olhos da História. Aprendem que há lugares para guardar e preservação da memória, como museus, bibliotecas, arquivos, sítios arqueológicos. (Brasil, 1998, p. 38)

Trazendo para mais perto do aluno, sem deixar de dá importância ao macro, a história local/regional precisa ser enfatizada como um “ponto de partida para aprendizagem histórica” fazendo com que o aluno esteja mais próximo de sua realidade, fortalecendo as relações entre os múltiplos sujeitos históricos que estão nessa perspectiva de ensino, ou seja, trazendo o aluno no seu meio social para um contexto de aprendizagem muito mais próximo de seu convívio. Para Bittencourt (2009):

A história local tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de vivência – escola, casa, comunidade, trabalho e lazer -, e igualmente por situar os problemas significativos da história do presente. A história local geralmente se liga à história do cotidiano ao fazer as pessoas comuns participantes de uma história aparentemente desprovida de importância e estabelecer relações entre os grupos sociais de condições diversas que participaram de entrecruzamentos de histórias, tanto no presente como no passado. (Bittencourt, 2009, p. 168)

Existe nessa dinâmica de estudar a história local/regional, mais que apenas estudar, ler e conhecer que é poder mergulhar a fundo em questionamentos a partir dessa sua realidade. A função desse saber regional é o não esquecimento ou silenciamento dessa realidade do aluno tão clara no seu dia-dia, tão comum, tão aceita como justa e correta que por vezes não é questionada, planejada e apenas vivida. Os Parâmetros Curriculares Nacionais trazem essa questão da seguinte forma “questionar sua realidade, identificando alguns de seus problemas e refletindo sobre algumas de suas possíveis soluções, reconhecendo formas de atuação política e institucional e organizações coletivas da sociedade civil.” (PCN, 2001, p. 33).

Entendendo-se como participação política não somente a política por si só como nas eleições e a candidatura em tempos de escolha democrática nas eleições, mas também as demais formas de atuação no dia a dia dentro da sociedade em busca de melhorias para sua cidade ou comunidade, sendo que o início da fagulha desse despertar pode ser um debate em uma aula de história sobre a organização da cidade. Para além do debate político, outros pontos podem ser levantados, como a formação étnica das pessoas daquele lugar, os costumes, as festas religiosas e tantos outros aspectos particulares de cada lugar. Pois “identificar as ascendências e descendências das pessoas que pertencem à sua localidade, quanto à nacionalidade, etnia, língua, religião e costumes, contextualizando seus deslocamentos e confrontos culturais e étnicos, em diversos momentos históricos nacionais.” (Brasil, 2001, p. 41)

Certeau (2011) nos diz que “fazer história” é mobilizar um conjunto de práticas. “Se é verdade que a historiografia está vinculada a um lugar e a um tempo, isso ocorre, inicialmente, por causa de suas técnicas de produção, ou seja, nota-se que cada sociedade ‘se pensa historicamente’ com os instrumentos que lhe são próprios (Certeau, 2011, p. 63)

E esse “mobilizar um conjunto de práticas” como enfatiza o próprio ProfHistória, pode acontecer em uma sala de aula, ou fora dela, quando o professor munido de seus saberes acadêmicos, um planejamento prévio, uma temática cabível para a realidade dos seus docentes, ele consegue mobilizar os conhecimentos que os alunos já carregam consigo. Por exemplo, quando olhamos o Centro Histórico de Piracuruca, tombado em 2012 pelo IPHAN e perguntamos como uma essa realidade local de uma cidade interiorana do estado do Piauí pode servir de subsídio para uma aula de história?

Tantas são as respostas para essa indagação que é quase impossível esgotá-las todas nesse trabalho. No entanto, como já proposto no tema deste, uma das formas de inserir parte da história de Piracuruca na história regional do Piauí e na história do Brasil é trazendo o aluno para uma aula-passeio pelas ruas do Centro Histórico. A aula-passeio por si só não



consegue mobilizar todos os conhecimentos prévios do aluno e é preciso uma junção de metodologias para facilitar o processo de ensino-aprendizagem.

Juntamente com essas propostas de melhorias e mudanças na forma de ministrar aulas de história, com uso de metodologias inovadoras, vem as críticas à forma tradicional de “dá aula de história”. Bittencourt (2008) expõe a necessidade de renovar o ensino baseado em novas metodologias, que elas possam ser mais que apenas novidades em artigos acadêmicos, mas que possam ser usados de forma dinâmica pelos professores.

As críticas sobre os métodos de ensino levaram os educadores, no fim dos anos 60 do século XX, a dar maior ênfase a esse aspecto, e a renovação do ensino recaiu assim na questão metodológica favoreceu o surgimento de propostas que separavam os métodos de ensino dos conteúdos explícitos. Em várias propostas de renovação dos métodos, alguns educadores que seguiam as tendências herdadas da Escola Nova, prevalecia a concepção de que o conteúdo das disciplinas escolares era apenas um meio para atingir determinado tipo de aprendizado. (Bittencourt, 2008, p. 225)

E quando se remete as metodologias tradicionais, é Paulo Freire quem nos norteia naquilo que a Pedagogia do Oprimido mais expressa, sobre uma educação problematizadora, onde a construção proposta pelo professor em suas aulas seja de uma educação crítica e libertadora. Crítica não no sentido de ficar apontando erros e julgando fatos e feitos, mas uma crítica no sentido que o aluno faça uso do conhecimento histórico aprendido em sala de aula para embasar e entender sua situação no mundo em que vive. Libertadora, por fim, é fazer uso dessa nova consciência e agir, seja buscando soluções viáveis para problemas no seu meio social, seja propondo meios para que os demais também possam enxergar a luz através da educação. Freire (2017) assim nos diz:

Em verdade, não seria possível à educação problematizadora, que rompe com os esquemas verticais característicos da educação bancária, realizar-se como prática da liberdade, sem superar a contradição entre o educador e os educandos. Como também não lhe seria possível fazê-lo fora do diálogo. É através desde que se opera a superação de que resulta um termo novo: não mais educador do educando, não mais educando do educador, mas educador-educando com educando-educador. Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que enquanto educa, é educado com o educando que, ao ser educado, também educa. (Freire, 2017, p. 95-96).

Freire evidencia outro aspecto importante quando analisa todo o movimento envolto naquilo que é a antítese da educação bancária. Quando o professor, imbuído de novas metodologias, consegue mais que apenas transmitir conteúdos, que no fim do mês o aluno deve lhe entregar o extrato em forma de prova/avaliação, quando através de uma dinâmica, consegue trazer parte dos conhecimentos dos alunos para sala de aula, fazendo também que o

alunos possa reger esse universo de saberes dentro da sala de aula, o professor, segundo Freire (2017) também aprende, ele ensina e no mesmo movimento aprende, assim como seu aluno, que ao mesmo tempo que aprendi, ensina.

Esse entendimento é fantástico e revolucionário, apesar de muitas vezes criticado e expurgado dos debates sobre educação, pelo fato da classe dominante da sociedade não aceitar que as classes subalternas possam se posicionar diante das situações em que vivem. Outro ponto, que pode ser analisado da seguinte forma é que na educação, a terminologia usada é processo de ensino-aprendizagem, onde numa ponta (ensino) se concentra o professor e no outro lado, está o aluno passível, apenas recebendo (aprendizagem). É um processo vertical, de cima para baixo, o que nos propõe Freire não é anarquia, como seus críticos dizem, ele propõe dá voz e vez ao aluno “desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que enquanto educa, é educado com o educando que, ao ser educado também educa” (Freire, 2017). O que está proposto é a liberdade de pensar e agir de forma autônoma e responsável a partir de questões propostas em sala de aula, ter claro discernimento de situações importantes e tomar o rumo das decisões de forma coletiva, responsável e direta.

A grande dificuldade de entender as teorias freirianas está nos mais de um século de influência positivista na educação brasileira, que reproduz até os dias de hoje o sistema clássico de repetição e memorização na educação com ausência total de crítica. Assim Borges (1993) esclarece:

O positivismo como filosofia surge ligado às transformações da sociedade europeia ocidental na implantação de sua industrialização. Segundo essa forma de pensamento, cabe à história um levantamento “científico” dos fatos, sem procurar interpretá-los, deixando à sociologia sua interpretação. Para os historiadores positivistas, os fatos levantados se encadeiam como se mecânica e necessariamente, numa relação determinista de causas e consequências (ou seja, efeitos). A história por eles escrita é uma sucessão de acontecimentos isolados, relatando sobretudo os efeitos políticos de grandes heróis, os problemas dinásticos, as batalhas, os tratados políticos etc. (Borges, 1993, p. 34)

As marcas deixadas pelo positivismo são sentidas até os dias de hoje, ainda é propagada de forma velada no ensino de história onde os conteúdos/fatos são “encadeamentos, numa relação determinista de causas e consequências” (Borges, 1993). Porém, muito se tem mudado nessas concepções de ensino. Ainda sobre o positivismo, vai ser na França do século XX, precisamente em 1929 com Lucien Febvre e Marc Bloch que a escola dos Annales, vai surgir como a revolução no campo da história. Esse rompimento vai buscar instituir uma visão crítica da história, conhecida como Nova História. Pereira (2008) reflete dessa forma:

O imaginário, as mentalidades, o cotidiano, a vida privada, sensibilidades passam a fazer parte do universo da História e permitem aos historiadores montarem uma trama mais bela da vida dos povos e dos tempos passados. Também permite abandonar a velha história eurocêntrica e abordar a história dos povos africanos e indígenas, que outrora eram objetos de estudo quase exclusivos da Antropologia. (Pereira, 2008, p. 5)

O leque de oportunidades aberta com a Nova História para o professor traz uma série de vantagens e novas formas de trabalhar. Ela abre espaço em meio a hegemonia eurocêntrica para novas histórias a serem estudadas como estudo do continente africano e povos originários da América e outros. O trabalho com imaginário, mentalidades, cotidiano da vida privada, aproxima conteúdos antes vistos com certa distância ou medo, para uma realidade mais próxima do aluno. Imaginemos uma análise simples de como era a vida da mulher na Grécia Antiga comparada com a vida da mulher na atualidade! Pontos a serem analisados como as leis, os costumes e como a sociedade no geral enxergavam a mulher no decorrer da história até os dias atuais é um campo aberto de possibilidades de debate em sala de aula. Ainda sobre os Annales, Burke (2010) esboça um breve resumo do que foi a Revista Annales, criada em 1929:

A revista, que tem hoje mais de sessenta anos, foi fundada para promover uma nova espécie de história e continua, ainda hoje, a encorajar inovações. As ideias diretrizes da revista, que criou e excitou entusiasmo em muitos leitores, na França e no exterior, podem ser sumarizadas brevemente. Em primeiro lugar, a substituição da tradicional narrativa de acontecimentos por uma história-problema. Em segundo lugar, a história de todas as atividades humanas e não apenas história política. Em terceiro lugar, visando completar os dois primeiros objetivos, colaboração com outras disciplinas, tais como a geografia, a sociologia, a psicologia, a economia, a linguística, a antropologia social, e tantas outras. (Burke, 2010, p. 12)

Obviamente que as inovações se desdobraram em muitas outras, sendo que a primeira diz respeito a narrativa dos fatos, saindo da tradicional forma de sala de aula e surgindo como alternativa a história-problema, que em termos simples, era contra o historicismo retrogrado, sua solução é reconstruir o vivido através de problemas e motivações da época do próprio historiador, buscando não apenas retratar a história política, dos grandes feitos e dos grandes e notórios homens, mas de outras atividades humanas. Outra significativa inovação para a época: a colaboração com outras áreas do conhecimento tanto na forma de pesquisa, produção de conhecimento, quanto em sala de aula a nível de educação básica.

A História como disciplina escolar vai passar pelo processo de transformação dentro de um contexto muito específico dos séculos XVIII e XIX em uma França envolta por lutas burguesas reivindicando educação pública, gratuita, leiga e obrigatória. Para Nadai (1986, p. 106) “o século XIX acrescentou, paralelamente aos grandes movimentos que ocorreram

visando construir os Estados Nacionais sob a hegemonia burguesa, a necessidade de retornar-se ao passado, com o objetivo de identificar a “base comum” formadora da nacionalidade.”

Já no Brasil do século XIX a História surge nos bancos escolares praticamente dividida entre a dualidade História da Europa como base dos conhecimentos a serem ensinados e a História do Brasil relegada a um patamar inferior de importância, tendo como características muito peculiar o ensino dos vultos históricos que fizeram parte da construção do país como discorre Elza Nadai (1992-93):

Num primeiro momento e ensinou-se a História da Europa Ocidental, apresentada como a verdadeira História da civilização. A história pátria surgia como seu apêndice, sem um corpo autônomo e ocupando um papel extremamente secundário. Relegada aos anos finais do ginásio, com número ínfimo de aulas, sem uma estrutura própria, consistia em um repositório de biografias de homens ilustres, de datas e batalhas. (Nadai, 1992-93, p. 146)

É no Colégio Pedro II<sup>8</sup> que a disciplina entra no Regulamento nº 8, de 31 de janeiro de 1838. A imagem abaixo demonstra o número de lições que professor deveria repassar aos alunos. O regulamento no seu *Capítulo XIX – Do objeto de ensino no artigo 117 – Os estudos do Collegio são os constantes das Tabellas seguintes*<sup>9</sup>, página 78 demonstra a distribuição das lições por tabelas. Nota-se que em termos simples de quantidade de lições, a História, com 12 lições, só perde para latim com 50 lições e o grego com 18 lições.

**Imagem 20.** Quantidade de lições de História no Colégio Pedro II em 1828

Mapa das lições que devem haver em cada semana nas diversas aulas do Collegio, e a que se referem as tabellas de que trata o art. 117

| MATERIAS ESTUDADAS  | 1ª AULA | 2ª | 3ª | 4ª | 5ª | 6ª | 7ª | 8ª | TOTAL |
|---------------------|---------|----|----|----|----|----|----|----|-------|
| Grammatica Nacional |         |    |    |    |    |    | 5  | 5  | 10    |
| Latim               |         |    | 10 | 10 | 10 | 10 | 5  | 5  | 50    |
| Grego               |         |    | 5  | 5  | 5  | 3  |    |    | 18    |
| Francez             |         |    |    | 2  | 2  | 1  |    |    | 5     |
| Inglez              |         |    | 1  | 2  | 2  |    |    |    | 5     |
| Geographia          |         |    |    |    |    | 1  | 5  | 5  | 11    |
| Historia            | 2       | 2  | 2  | 2  | 2  | 2  |    |    | 12    |

**Fonte:** BRASIL, Coleções das Leis do Império do Brasil, 1838.

No entanto, apesar da Europa ser o centro das atenções curriculares no Brasil e ensinada como principal referência dos conteúdos de história, nota-se que a partir da década

<sup>8</sup> Colégio Dom Pedro II, antigo Colégio dos Órfãos de São Paulo, foi criado em 1837 por decreto do regente Pedro de Araújo Lima. Considerado um dos marcos da educação secundária brasileira, seus professores participaram da criação do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (quando era Distrito Federal), do Colégio Militar e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. (Cainelli; Schmidt, 2009)

<sup>9</sup> BRASIL, Coleções das Leis do Império do Brasil, 1838

de 1860, que escolas primárias e secundárias do país começaram a incluir rascunhos dessa pretensa história nacional nos currículos e programas. Bittencourt afirma que:

O número crescente de compêndios de história do Brasil editados, sobretudo a partir da década de sessenta do século XIX, comprova a incorporação dessa área do conhecimento histórico na cultura escolar do período, tanto para as escolas secundárias quanto para o ensino elementar. (Bittencourt, 1992-93, p. 209)

Já com a Proclamação da República em 1889, a intenção política é rascunhar uma história da nação, afinal o Brasil dá um salto qualitativo, saindo do império para uma formação política “perfeita” e o intuito agora é montar uma identidade nacional independente da figura de Portugal e sendo berço para cidadão brasileiro. A nacionalidade Brasil surge como manto para todos, em contraposição a isso, ela engole a todos e todas as diversidades, grupos étnicos e classes sociais variadas em nome de uma identidade comum: a nação brasileira.

É com a Revolução de 30, dentro da ainda recém e frágil República do Brasil, quando o gaúcho Getúlio Vargas, em meio a tantas agitações na política brasileira chega ao poder através de um golpe, e que no decorrer dos anos, o governo federal vai buscar usar a educação como ferramenta importante de formação do cidadão e para alavancar o desenvolvimento do país. O fato é que o governo revolucionário não tinha uma proposta política clara para a educação (Paim, 1982). Essa pretensa mudança vai ser puxada inicialmente pela Reforma Francisco Campos (1931) sendo que a grande intensão de Getúlio era de centralizar o poder nas suas mãos fazendo uma grande reforma na Constituição Federal e incluindo aí reformas educacionais dando um aspecto de coesão nacional. Sobre essas reformas, Rothen (2008) afirma que:

A educação superior brasileira tem como um dos primeiros marcos estruturais de regulação legislativa o decreto-lei n. 19.851, promulgado em 11 de abril de 1931, na gestão de Francisco Campos à frente do Ministério da Educação e Saúde Pública. O decreto-lei recebeu a denominação Estatuto das universidades brasileiras. Na mesma data, foram baixados mais dois decretos-lei: o n. 19.850, que criava o Conselho Nacional de Educação (CNE), e n. 19.852, que tratava da Organização da Universidade do Rio de Janeiro (URJ). Os três decretos estavam interligados: o estatuto defendia o modelo de universidade a ser adotado no Brasil; a Organização da Universidade do Rio de Janeiro foi por um lado, a primeira aplicação do modelo organizacional previsto no decreto, por outro, a definição dos “moldes” para o ensino nas diversas faculdades; e a “criação do CNE” apontava para a instalação de um “conselho técnico” com a atribuição de um órgão consultivo do ministério. (Rothen, 2008, p. 4)

Observa-se que a mudança aqui proposta da reforma foi no ensino superior e na formação dos professores. Se no século XIX o colégio Dom Pedro II teve a primazia de

implantar a disciplina de História nos currículos do que hoje se chama de Ensino Médio, a reforma do ministro Campos estabeleceu a modernização e a organização do ensino secundário brasileiro, dando efetividade com medidas como o aumento no número de anos do curso secundário e sua divisão em dois ciclos. Além disso, a Reforma Francisco Campos de 1931 trouxe garantias como a seriação do currículo, a obrigatoriedade da frequência dos alunos às aulas, implementou um sistema avaliativo detalhado dos alunos e deu efetividade a diversidade do ensino, buscando equilibrar a matriz dos currículos entre matérias de cunho científico e humanístico”

Ainda no governo de Getúlio, mas agora no período conhecido como Estado-Novo (1937 a 1945), outra mudança nos caminhos da educação brasileira acontece, é a Reforma Capanema de 1942, promulgada pelo então ministro da Saúde e Educação Gustavo Capanema e validada pelo Decreto-lei nº 4.244 de 9 de abril de 1942. Essa reforma demonstrava o reflexo claro do que acontecia politicamente nos bastidores dos debates sobre a educação no país, em meio a um regime populista e autoritário, que lutava pela nacionalização do ensino no país.

### **3.2 – Educação Patrimonial**

A Educação Patrimonial aliada com ensino de História tem funções sociais significativas na sociedade brasileira, juntas podem clarificar o papel que os alunos podem exercer na sua comunidade pelo bem comum de todos. São várias possibilidades abertas em termos de construção de memórias coletivas, identidades e noções sobre cidadania, direitos humanos, ética que o público alunado tem contato na escola. Sousa (2024) nos fala do quanto a Educação Patrimonial e Ensino de História andam juntas na construção de uma educação onde o aluno é privilegiado como sujeito histórico ativo:

Pensar no entrelaçamento entre Patrimônio Cultural e o ensino de História é buscar meios de trazer a realidade do aluno para a sala de aula, assim como revelar uma história na qual ele seja sujeito histórico, por meio das práticas culturais, participação política, relação com o meio ambiente e até mesmo pelas atividades socioeconômicas que participa ou realiza. O Patrimônio Cultural local, expresso e entendido por meio do Conjunto Histórico e Paisagístico de Piracuruca possibilita a abordagem de conteúdos curriculares e o desenvolvimento de habilidades propostas pela legislação escolar. (Sousa, 2024, p. 41-42)

A escola é o espaço de liberdades criativas, espaço para aberturas e desenvolvimento pedagógicos que vão além do currículo obrigatório imposto pelo sistema educacional. O

professor de história, mas não somente ele, fazendo uso das inúmeras possibilidades da Educação Patrimonial tem um grande arsenal para trabalhar dentro e fora da sala de aula. Reis (2012) diz que é na escola que se aprende a “compreender para valorizar” e:

A escola é uma instituição destinada a formar cidadãos, e não apenas a fornecer informações e teorias. Depois da família, a escola é o principal lugar de aprendizado e de sociabilidade das crianças e dos adolescentes. Assim, ela deve ser capaz de oferecer uma base cultural comum a todos os alunos. Na escola alunos formam suas identidades no âmbito individual e coletivo e estabelecem relações com diferentes grupos sociais. Por tudo isso o processo de ensino e aprendizagem deve, necessariamente, incluir possibilidades pedagógicas que estimulem um olhar mais abrangente sobre a diversidade cultural humana. (Reis, 2012, p. 07)

O Centro Histórico de Piracuruca se encaixa na definição de Pollak (1989) quanto pontos de referência que são como ligamentos que conectam as memórias de indivíduos com a memória coletiva. São similaridades que interligam estruturas soltas entre os indivíduos, mas que de alguma forma, tem pontos em comum.

Entre eles incluem-se evidentemente os monumentos, esses lugares da memória analisados por Pierre Nora, o patrimônio arquitetônico e seu estilo, que nos acompanham por toda nossa vida, as paisagens, as datas e personagens históricos cuja importância somos incessantemente lembrados, as tradições e costumes, certas regras de interação, o folclore e a música, e, por que não, as tradições culinárias (Pollak, 1989, p.1)

Por vezes, é pelo processo educacional convencional, que esses lugares de memória ganham notoriedade enquanto espaço de memória. Mesmo que para comunidade, sejam reconhecidos como tal, mas há uma disputa com outros espaços. Por exemplo, o Centro Histórico de Piracuruca tem como ponto central a igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo, nos dias 6 a 16 de julho de todos os anos, são comemorados os festejos da padroeira da cidade. O período recai exatamente nas férias escolares. A cidade se enche de pessoas da cidade, das cidades vizinhas, de quem um dia já viveu em Piracuruca.

No entanto, quando acaba o festejo, são outras festividades que vão mudar o foco da população. O lugar se esvazia. Mas a grande maioria dos que ali passam, por vezes não tem a dimensão da grandeza da construção da igreja Matriz. E aqui estamos falando do puro e simples ponto arquitetônico. Trazer esse reconhecimento a tona, formalmente é pela educação, pela sala de aula, ou por oficinas.

Só a partir disso, que o indivíduo vai fazer seu processo de seletividade, de negociar, inicialmente internamente, quando vai haver uma disputa entre a sua memória individual e a

coletiva, para depois externar suas escolhas. Na maioria das vezes, essas disputas tendem a alinhar o indivíduo com seu grupo. Pollak (1989) nos coloca que:

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e a outras para que a lembrança que as outras nos trazem possam ser reconstruídas sobre uma base comum. (Pollak, 1989, p. 1-2)

Ter essa percepção que o patrimônio cultural faz parte da sua história e do seu dia a dia dão ao aluno a oportunidade de vivenciar costumes locais, que por vezes passam despercebidos no cotidiano local, desenvolvendo um novo olhar sobre o seu lugar de vivência. Para além da análise e apreciação dos monumentos, museus e centros históricos como lugar de memória, é preciso também lembrar dos memorialistas, esses autores que estão do radar acadêmico, mas que dão visibilidade aos muitos esquecidos da história. Não obstante o fato de muitos desses memorialistas, por vezes intencionalmente, ou não, reforçarem a força dos estereótipos da família patriarcal brasileira. É Pollak (1989) quem nos lembra a importância de trazer a luz essas “minorias marginalizadas” que muitas das vezes estão à beira da “memória oficial” enquanto detentora do lugar de contar a “verdadeira história”.

[...] não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade. [...] Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressalta a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “memória oficial”. (Pollak, 1989, p.2)

O Centro Histórico de Piracuruca carrega a marca de lugar de memória muito em conta por seus casarões antigos, a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo, com data não precisa de sua conclusão, por suas ruas e praças que contam parte da história da cidade e do Piauí no processo de colonização da província. Pierre Nora (2012) nos mostra como a história consegue, mesmo com a “cara de coisa do passado” ser aquilo que nos trás parte do passado, sendo a “reconstrução sempre problemática e incompleta do que já não existe mais”, sendo a memória um “elo vivido no eterno presente”, Nora (2012) afirma que:

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos, em permanente evolução, aberta a dialética lembrança/esquecimento. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que já não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado, operação intelectual que sempre busca a análise e o discurso crítico. É justamente esse lado crítico que destrói a memória espontânea. (Nora, 2012, p. 14)



Nora (2012) consegue nos dá subsídios para entender como o Centro Histórico de Piracuruca se encaixa como lugar de memória. Pois o centro histórico é material (praças, ruas, casarões antigos e a Igreja de Nossa Senhora do Carmo); é simbólico (a Igreja de Nossa Senhora do Carmo já foi cenário de grandes mudanças na província Piauí, um exemplo foi a assinatura dentro da Igreja da lei que tornava Parnaíba uma vila independente, muito em conta sua importância econômica); e por é funcional, pois o Centro Histórico se encontra no centro da cidade, e seus casarões continuam com suas funções sociais: ser casa, as praças e ruas são totalmente trafegáveis. Eis o que Nora (2012) nos fala sobre:

São lugares com efeitos nos três sentidos, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diferentes. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivo, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio que parece um exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal que é serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre. (Nora, 2012, p. 21-22).

O trabalho com Educação Patrimonial, seja ele dentro ou fora dos muros da escola, está em plena consonância com a Lei de Diretrizes e Bases – LDB no seu 2º artigo quando especifica que “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 1996).

Nesse primeiro momento vamos passar vistos pelos marcos oficiais históricos da Educação Patrimonial no Brasil iniciados na década de 30 do século XX até os dias atuais. As ações descritas aqui são do órgão do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, no documento *Educação Patrimonial – Histórico, conceitos e processos de 2014*<sup>10</sup>.

Criado em 1937 com o nome de Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN. O Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, criado pela Lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937, tornou-se diretoria em 1946 (DPHAN), em 1970 assume a denominação de Instituto (IPHAN) e, em 1979, de Secretaria (novamente SPHAN). Em 1981, passa a Subsecretaria, mantendo a sigla SPHAN. Finalmente, em 1994 readquire a designação de Instituto e recebe a nomenclatura de IPHAN.

<sup>10</sup> Disponível para download em [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Educacao\\_Patrimonial.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Educacao_Patrimonial.pdf)

Os primórdios do órgão são de 1936 quando o então ministro da educação do Governo Vargas, Gustavo Capanema, pede ao literato Mário de Andrade, que naquele ano ocupava o cargo de diretor do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo que produzisse um anteprojeto com as bases de justificativa para montá-lo. O documento redigido por Mário de Andrade com o propósito de “organização dum serviço de fixação e defesa do patrimônio artístico e nacional” é tido como a síntese das diretrizes do futuro SPHAN.

A movimentação para criação de um órgão a nível federal partiu de ações como da própria prefeitura de São Paulo e manifestações públicas pela defesa do patrimônio histórico brasileiro por parte de outros intelectuais que assim como Mário de Andrade participaram da Semana de Arte Moderna em 1922. A relevância do anteprojeto está no olhar para museus e imagens com caráter pedagógico, sendo peças fundamentais onde o professor tem oportunidade de articular saberes dos alunos com conhecimentos.

Conhecido como fase heroica (1937-1967) o período em que Rodrigo Melo Franco de Andrade, bacharel em Direito, jornalista e funcionário do alto escalão da administração pública, foi presidente do IPHAN durante esses 30 anos, passando por governos de Getúlio Vargas, o período dos governos populistas (1945-1964) e os três primeiros anos da ditadura militar. Grande parte de suas ações se concentraram no tombamento de coleções e acervos artísticos e documentais, de exemplares de arquitetura religiosa, civil e militar e incentivando que houvesse publicações técnicas e divulgação nos meios jornalísticos, buscando dar maior visibilidade dessas ações ao público em geral.

Segundo Mário Chagas (2006) naquele instante, os museus são vistos como “espaços de agência educativa, como veículos de participação da coletividade e como área de convergência de esforços da sociedade civil e dos governos” (Chagas, 2006, p. 98). Os museus geralmente são vistos como lugar da alta sociedade onde passam pessoas de grande intelectualidade. O pensamento Mário de Andrade e Rodrigo de Melo ampliam essa noção e buscando fazer dos museus grandes repositórios da cultura brasileira e dinamizá-los enquanto espaços de aprendizagem para o maior número de pessoas, não somente para a elite do país, mas para uma educação popular, como o próprio Rodrigo de Melo deixava explícito da importância preservação e educação do cidadão para entender o valor do patrimônio cultural.

Em verdade, só há um meio eficaz de assegurar a defesa permanente do patrimônio de arte e de história do país: é o da educação popular. Ter-se-á de organizar e manter uma campanha urgente, visando a fazer o povo brasileiro compenetrar-se do valor inestimável dos monumentos que ficaram no passado. Se não se custou muito persuadir nossos concidadãos de que o petróleo do país é nosso, incutir-lhes a convicção de que o patrimônio histórico e artístico do Brasil é também deles, ou

nosso, será certamente praticável. (Ministério da Cultura, 1987, p. 64, apud Oliveira, 2011, p. 32)

Nota-se dentro do discurso de Rodrigo de Melo uma divisão social do Brasil no que diz respeito ao acesso aos museus que foram feitos para uma elite usufruir dos seus acervos, das coleções etc. A educação popular já traz no seu nome uma visão que abarca as classes populares. Outro ponto do discurso de Rodrigo é o comparativo com a demanda do petróleo no Brasil “se não se custou muito a persuadir nossos concidadãos de que o petróleo do país é nosso...”. Bem certo de que no geral, a proposta do dirigente do IPHAN é inovadora em termos de importância da educação patrimonial, ampliando as possibilidades educacionais como um todo.

Na década de 1970, a criação do Centro Nacional de Referência Cultural – CNRC, por iniciativa de Aloísio Magalhães juntamente com grupo de funcionários do alto escalão do governo federal e do Distrito Federal, professores da Universidade de Brasília – UnB, intermediado por convênio entre a Secretaria da Educação e Cultura do Distrito Federal e a Secretaria de Tecnologia Industrial do Ministério da Indústria e Comércio. O que propunha o CNRC era basicamente o alargamento da concepção de patrimônio, além de focar em pontos como a geração de renda com modelos de desenvolvimento econômico autônomo nos centros históricos com potencial turístico.

### **3.3 Aula-passeio: uma proposta de sequência didática para ser colocada em prática no Centro Histórico de Piracuruca**

Para que o trabalho docente seja exitoso, dentre os muitos fatores necessários, é preciso que haja a organização prévia dos fins educacionais que se deseja obter. Para nossa proposta de aula-passeio pelo Centro Histórico de Piracuruca indicamos uma proposta de sequência didática onde será desenvolvida uma aula passeio pelo Centro Histórico. Lembrando sempre que ela é apenas uma proposta, um modelo que pode e deve ser mudado, ampliado e reduzido, conforme a necessidade do professor que for aplicar.

Para tanto, vamos usar como base teórica de orientação para construção da sequência didática o autor Zabala (1998) e sua obra *A prática educativa: como ensinar*<sup>11</sup> e outros autores. A sequência didática é um encadeamento de atividades, também conhecida como “unidade didática”, “unidade de programação” ou “unidades de intervenção pedagógica” e

---

<sup>11</sup> ZABALA, A. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

todos terão um fim determinado de alcançar os objetivos educacionais específicos e propostos. É um modo de o professor ter uma organização das atividades de ensino em função de núcleos temáticos e procedimentais.

Segundo Araújo (2004, p. 327) “sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática” onde o trabalho docente se materializa enquanto planejamento dos passos a serem seguidos para condução do processo de ensino-aprendizado, “portanto, não se trata apenas de uma forma de organizar a aula [...], mas é, na verdade, a condução metodológica de uma série de fundamentos teóricos sobre o processo de ensino e aprendizagem” corrobora Peretti (2013).

A metodologia da sequência didática é um conjunto de atividades interligadas entre si, com planejamento para ensinar um conteúdo, etapa por etapa, organizadas com objetivos claros e sintéticos que o professor demonstra como alcançar a aprendizagem de seus alunos e envolvendo atividades de avaliação que podem levar dias, semanas ou mesmo durante todo o ano letivo. É uma forma de encaixar os conteúdos cobrados na grade curricular a um tema macro a ser desenvolvido.

Zabala (1998) define sequência didática como “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para realização de certos objetivos educacionais, que tem um princípio e um fim conhecidos tanto pelo professor como pelos alunos” (Zabala, 1998, p.18). Dentre as muitas características, para que se tenha uma sequência didática é necessário apresentar ao aluno atividades práticas, lúdicas com material concreto e diferenciado apresentando desafios cada vez maiores para os alunos, numa construção conjunta de conhecimentos.

No início da sequência didática, é preciso fazer um levantamento prévio dos conhecimentos dos alunos, essas informações vão ajudar no encaminhamento das atividades no decorrer do trabalho. Os conteúdos trabalhados pelo professor em consonância com parte do saber dos alunos vão contribuir na formação de cidadãos que posteriormente serão agentes de transformação da própria realidade.

É através de uma sequência didática que trabalhe com atividades investigativas, onde há a construção do conhecimento acontece de modo a possibilitar a experimentação, generalização, abstração e formação de significados (Lins; Gimenez, 2001). A sequência didática aqui proposta que dará corpo ao Produto Educacional (Apêndice A) busca sistematizar todo um planejamento prévio da aula-passeio pelo Centro Histórico de Piracuruca e os passos seguintes até a avaliação, que pode ser através de textos com respostas abertas ou uma socialização dos saberes e percepções dos alunos.

### **3.4 – Aula-passeio: a sequência didática colocada em prática na rua**

Um dos objetivos da aula-passeio é reunir a atividade pedagógica, voltada para o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo do aluno, e a ludicidade, encontrada naturalmente nos passeios. Nisso, se faz referência à aprendizagem prazerosa, aliada à ampliação do conhecimento, negando o prazer alienado e improdutivo (Vinha, 2005). Mas podemos questionar antes de organizar nossa aula passeio se ela é um método viável, se justifica usar como aliado na execução de ensino-aprendizagem. Enquanto discussão metodológica, as aula-passeio ainda estão sendo construídos os marcos teóricos, trabalhos acadêmicos com o intuito de debater e trazer à baila maiores conceitos. Como Ricacheski (2015) enfatiza em sua indagação, “diante disso, os educadores acreditam que as atividades extraclasse auxiliam os educandos na construção de novos saberes? Desse modo, é oportuno que novas pesquisas sejam realizadas referentes a este tema tão relevante e presente no cotidiano escolar”

Perinotto (2008) especifica que a aula-passeio é uma prática prazerosa que dificilmente é recusada pelos estudantes, que vão apreciar a possibilidades de participar de uma viagem ou um passeio nos arredores da escola, pela cidade ou uma excursão pela região. Visto assim, os objetivos didáticos da aprendizagem são alcançados de forma lúdica, pois as atividades pedagógicas são desenvolvidas com brincadeiras, entretenimento e outros métodos, mas sem perder o fio condutor da educação

Segue abaixo o projeto de aula-passeio pelo centro histórico de Piracuruca, feito com as turmas de 8º e 9º ano da Escola Municipal Argemiro Urquiza, comunidade Santa Rosa, zona rural de Piripiri-Piauí no ano de 2023. Também é disponibilizado os planejamentos onde o projeto foi inserido.

## **Projeto de aula-passeio**

### **ESCOLA MUNICIPAL ARGEMIRO URQUIZA**

“Educar para formar cidadãos”

COMP. CURRICULAR: História - PROFESSOR (A):

Sebastião Rosa



### **TEMA: PROJETO AULA-PASSEIO PELO CENTRO HISTÓRICO DE PIRACURUCA**

## **INTRODUÇÃO**

O presente projeto com o tema Aula-Passeio pelo Centro Histórico de Piracuruca é uma realização da referida escola Escola Municipal Argemiro Urquiza com recursos próprios da Secretaria Municipal de Educação de Piri-piri. A Escola Municipal Argemiro Urquiza, é situada na localidade Santa Rosa, Zona Rural de Piri-piri-Pi, foi fundada pelo agropecuarista Argemiro Urquiza, segundo relatos, foi um cidadão preocupado com a educação e enriquecimento cultural das crianças e dos jovens da região.

De acordo com relatos de moradores de Santa Rosa da supracitada localidade, no ano de 1952, Argemiro Urquiza vendo a necessidade de uma escola no seu povoado, criou com recursos próprios uma escola para ensinar seus filhos e toda comunidade. Em 1953 conseguiu junto ao Prefeito Aderson Alves Ferreira (período da gestão), a municipalização da escola, que funcionou durante anos em sua própria residência.

No ano de 1982, a pedido do vereador Antônio Felipe e Silva (Baué), foi construído uma escola a qual recebeu o nome de Escola Municipal Argemiro Urquiza. Atualmente a referida escola funciona em prédio próprio, nos turnos matutino e vespertino, pertencendo ao núcleo Santa Rosa. Composta por cinco (5) sala de aula, uma (1) secretaria, uma (1) área coberta, uma (1) cantina, (7) banheiros um (1) depósitos e uma (1) sala de apoio.

A escola oferece a Educação Básica com três modalidades de ensino: Educação Infantil com o total de quarenta e três alunos (43) e Ensino Fundamental

Anos iniciais (1º ao 5º ano) com o total de quarenta e nove (49) alunos, e Ensino Fundamental Anos finais (6º ao 9ºano) com o total de setenta e nove (79).

Quanto às atividades econômicas presentes na comunidade na qual a onde a Escola está se encontra, inserida, limita-se predomina a agricultura e pecuária. Também se observa a presença de tradições manifestações culturais e lazer, e tradições religiosas das mais diversas vertentes. Essa escola tem como entidade mantenedora a Prefeitura Municipal de Piripiri, situada na Avenida Deputado Raimundo Holanda Nº 573, Bloco B Centro Administrativo Bairro Canto das Palmas, tendo como prefeita atual Jovenília Alves de Oliveira Monteiro.

## **JUSTIFICATIVA**

O centro histórico de Piracuruca conta com um conjunto enorme de possibilidades para aulas passeio com a intenção de trabalhar a educação patrimonial. A fundação da cidade é centrada na lenda dos irmãos Dantas que por si só merece destaque como fio condutor para apresentação da cidade. Outro ponto interessante é a construção da Igreja matriz de Nossa Senhora do Carmo.

Foi dentro da matriz de Nossa Senhora do Carmo no ano de 1762 que o primeiro governador da capitania, João Pereira Caldas assina o decreto de instalação da vila de São João da Parnaíba. Já em 1823, sendo mais que rota de passagem das tropas de Fidié entre a capital Oeiras e a rebelde Parnaíba, debaixo dos portais da igreja, Leonardo conclama Piracuruca a aderir à independência do Brasil.

É já mais adiante, no movimento da Balaiada, o templo religioso serviu de abrigo para mulheres e crianças, enquanto adultos e até o padre pegou em armas para defender a população dos saqueadores que desciam a Serra da Ibiapaba. O tombamento do centro histórico no ano de 2012 gira em torno dessa edificação finalizada no século XVIII sendo a terceira mais antiga do Piauí.

Dentro dessa perspectiva histórica, social e de grande importância cultural, foi pensado um conjunto de ações educativas para que os alunos tenham contato diretamente com as fontes históricas. Sendo a primeira etapa uma oficina sobre educação patrimonial, onde será repassados conceitos básicos sobre o que é patrimônio histórico, a importância de conhecer a história local e preservar tais

locais, dentre outros conceitos. A segunda etapa consiste na aula-passeio pelo centro histórico de Piracuruca com roteiro previamente planejado.

### **OBJETIVOS GERAIS**

- Subsidiar aos alunos conceitos sobre educação patrimonial e histórica;
- Identificar e conhecer pontos do centro histórico de Piracuruca a partir da Igreja de Nossa Senhora do Carmo;
- Despertar nos alunos o interesse e curiosidade em conhecer de perto uma fonte histórica;

### **OBJETIVOS ESPECIFICOS**

- Promover ações educativas que despertem nos alunos interesses em conhecer lugares novos, interessantes;
- Proporcionar estudos e atividades práticas que levem os alunos a pensarem, refletir e conscientizar-se da importância de conhecer e preservar locais históricos;

### **DESENVOLVIMENTO**

#### **1ª ETAPA:**

O núcleo gestor da escola formado pelo diretor Jabes Góes da Silva e a coordenadora pedagógica Mária Jéssica Cavalcante Cerqueira Santos, juntamente com o professor de história Sebastião Rosa, fizeram a organização prévia da aula-passeio no que se diz respeito a itens como a comunicação com pais dos alunos pedindo autorização para viagem, já que a escola se localiza na zona rural do município de Piripiri e a aula-passeio aconteceu no município vizinho de Piracuruca, distante 42 km; O contrato de aluguel do micro ônibus para transporte dos alunos; a pesquisa prévia de preços na cidade de Piracuruca e a logística sobre local lanche, água, banheiro e almoço; a definição do roteiro do passeio e duração; dentre outros pontos.



Foi utilizada uma aula para falar sobre como seria a saída, o durante a aula e o depois e explanado de forma sintética sobre o que é educação patrimonial, abordando conceitos básicos sobre educação patrimonial e uma prévia apresentação do Centro Histórico de Piracuruca.

## **2ª ETAPA**

Os alunos saíram escola Argemiro Urquiza na Localidade Santa Rosa às 7 horas da manhã, chegando em Piracuruca às 8 horas na Praça da Igreja Matriz para uma conversa inicial, reiterando alguns pontos como a questão da segurança ao atravessar a rua, atenção aos comandos do professor e outras questões.

O ponto de partida do passeio foi a Praça Irmãos Dantas situada em frente a Igreja Matriz. (ponto 1), logo após uma breve conversa com alunos, todos se dirigiram à Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo (ponto 2) onde foram apresentadas algumas curiosidades sobre a mesma. Próximo destino foi uma volta pela Praça Irmãos Dantas observando as características dos casarões. Seguimos pela Rua João Martiniano (frente da Igreja de Nossa Senhora do Carmo) em direção ao Cemitério Campo da Saudade (ponto 9), tido como o mais antigo de Piracuruca, já desativado. No trajeto de volta, tivemos a oportunidade de passar pela Rodoviária Municipal (ponto 6), Prefeitura de Piracuruca (ponto 7), e adentrar a Câmara de Vereadores (ponto 8). Desses últimos 3 pontos, não houve registro fotográfico da Rodoviária (por esquecimento) e da Prefeitura (estava passando por dedetização sanitária). Retornando ao ponto de partida na Praça Irmãos Dantas, adentramos no Casarão Espaço Jovem (ponto 5) onde funciona uma repartição pública da administração municipal.

O prédio tem mais de cem anos de construído, tendo sido prefeitura, câmara de vereadores, cadeia pública, ter passado por um período de abandono e atualmente revitalizado, atende a população da cidade com uma série de serviços como: academia popular, biblioteca, aulas de informática, aulas de teoria musical, expedição de registro geral, dentre outros.

Terminado a aula-passeio, os alunos foram levados para um restaurante da cidade para o almoço, no entanto, como ainda era relativamente cedo, em torno de 10:30h da manhã, foi proposto a todos uma visita ao Santuário Mãe Rainha de Piracuruca que se localiza próximo da saída da cidade.

## **AVALIAÇÃO**

Será avaliado a participação, atenção, relacionamento entre os pares e por fim, um momento de socialização sobre a aula-passeio.

## 1- ROTEIRO DA AULA-PASSEIO

**Imagem 21.** Ruas do roteiro da aula-passeio

- 1 - Praça Irmãos Dantas**
  - 2 - Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo**
  - 3 - Antiga Casa Paroquial**
  - 4 - Atual Casa Paroquial**
  - 5 - Casarão Espaço Jovem**
  - 6 - Rodoviária Municipal**
  - 7 - Prefeitura**
  - 8 - Câmara de Vereadores**
  - 9 - Cemitério Campo da Saudade**
-  **Rua João Martiniano**
-  **Perímetro da Praça Irmãos Dantas**

**Fonte:** De autoria própria, 2023

**Imagem 22.** Ruas do roteiro de aula-passeio (imagem área)



**Fonte:** Google maps modificado pelo autor, 2023

**Descrição do roteiro da aula-passeio:** A imagem dá ênfase na Praça Irmãos Dantas, à Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo, à rua João Martiniano popularmente conhecida como Rua da Guela, por ser considerada a rua mais estreita da cidade indo até o Cemitério Campo da Saudade, passando pela Câmara dos Vereadores, Prefeitura e Rodoviária Municipal, retomando para Praça Irmãos Dantas adentrando a Igreja de Nossa Senhora do Carmo e Casarão Espaço Jovem.

**Imagem 23.** Mapa das áreas de tombamento e entorno



**Fonte:** Google maps modificado pelo autor, 2023.



A imagem acima é uma reprodução do site Portal Piracuruca mostrando o Centro Histórico de Piracuruca tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN em 2012. A cor azul é a área mais sensível e com as construções mais relevantes. A cor verde é área do entorno e serve como proteção adjacente.

**Imagem 24.** Turmas 8º e 9º ano da Escola Municipal Argemiro Urquiza



**Fonte:** De autoria própria, 2023

Na imagem acima parte das turmas do 8º e 9º ano da Escola Municipal Argemiro Urquiza – Zona Rural de Piripiri que vieram para aula-passeio na cidade de Piracuruca. Saíram da localidade Santa Rosa às 7 horas da manhã chegando em Piracuruca às 8 horas.

**Imagem 25.** Conversa inicial com alunos na Praça Irmãos Dantas



**Fonte:** De autoria própria, 2023

Momento onde foi conversado de forma reiterada sobre os motivos da aula-passeio, conceitos básicos sobre educação patrimonial, como os alunos seriam avaliados.

**Imagem 26.** Vista da Praça Irmãos Dantas de frente para Igreja de Nossa Senhora do Carmo



**Fonte:** De autoria própria, 2023

Vista do coreto central da Praça Irmãos Dantas com destaque para a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo à frente.



**Imagem 27:** Conversa inicial com alunos na Praça Irmãos Dantas

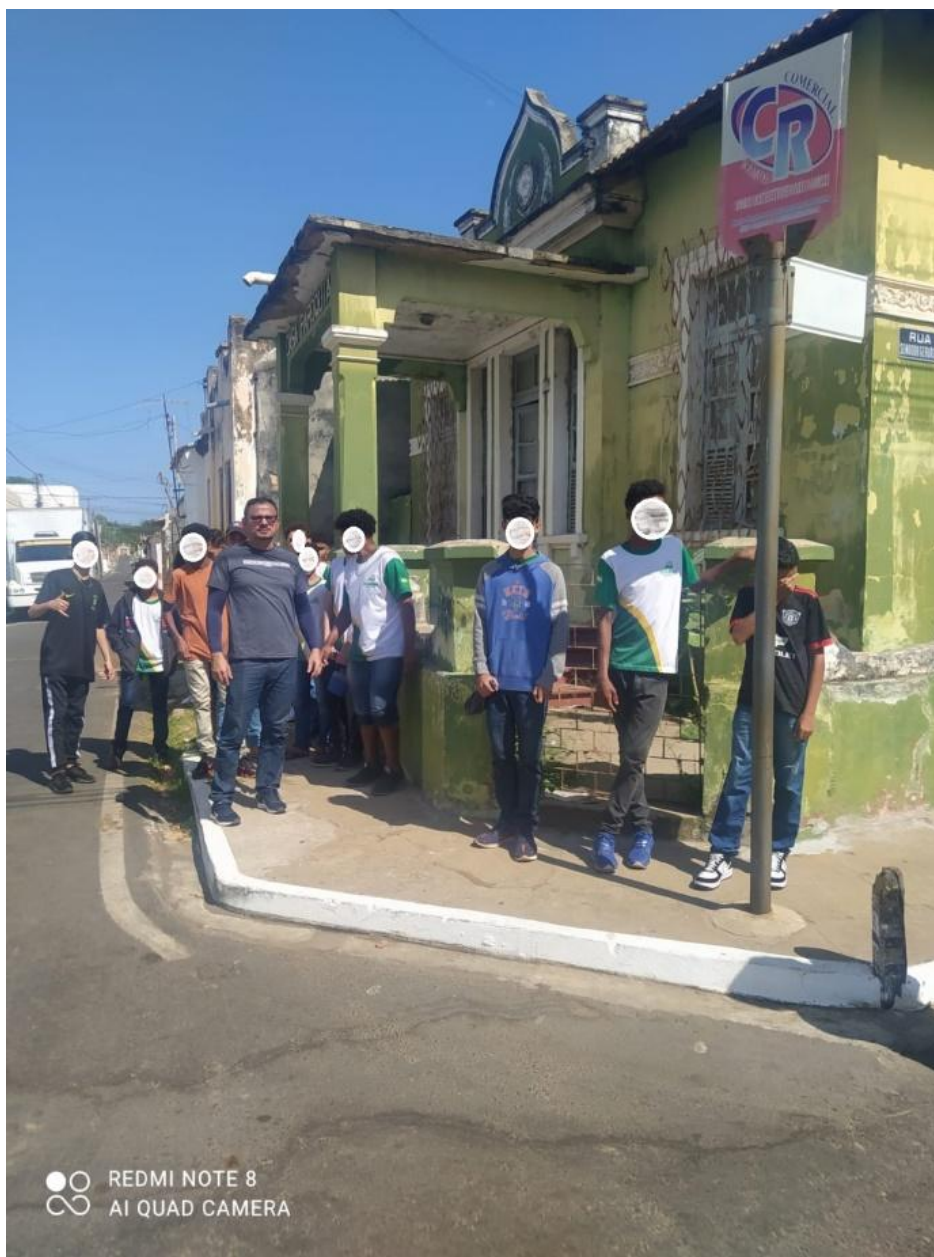


**Fonte:** De autoria própria, 2023

Explicação inicial sobre a história de Piracuruca, sobre seus monumentos como a Praça Irmãos Dantas, os casarões ao redor da praça, a Igreja de Nossa Senhora do Carmo e a história da fundação da cidade. Outros pontos foram conversados como questão dos horários, atenção na travessia das ruas, às conversas paralelas, ao que o professor fala e outros detalhes pertinentes ao passeio.



**Imagem 28:** Antiga Casa Paroquial



**Fonte:** De autoria própria, 2023

Caminhada pela rua João Martiniano (frente da Igreja de Nossa Senhora do Carmo). Parada diante da Antiga Casa Paroquial que fora vendida e atualmente se encontra abandonada.

**Imagem: 29:** Câmara de Vereadores de Piracuruca



**Fonte:** De autoria própria, 2023

Visita à Câmara de Vereadores de Piracuruca. Aproveitamos o espaço para entrarmos e conhecer um pouco desse espaço público. Os alunos tiveram a oportunidade de subir no Plenário onde os vereadores se reúnem dias de terça-feira.

**Imagem 30:** Câmara de Vereadores de Piracuruca

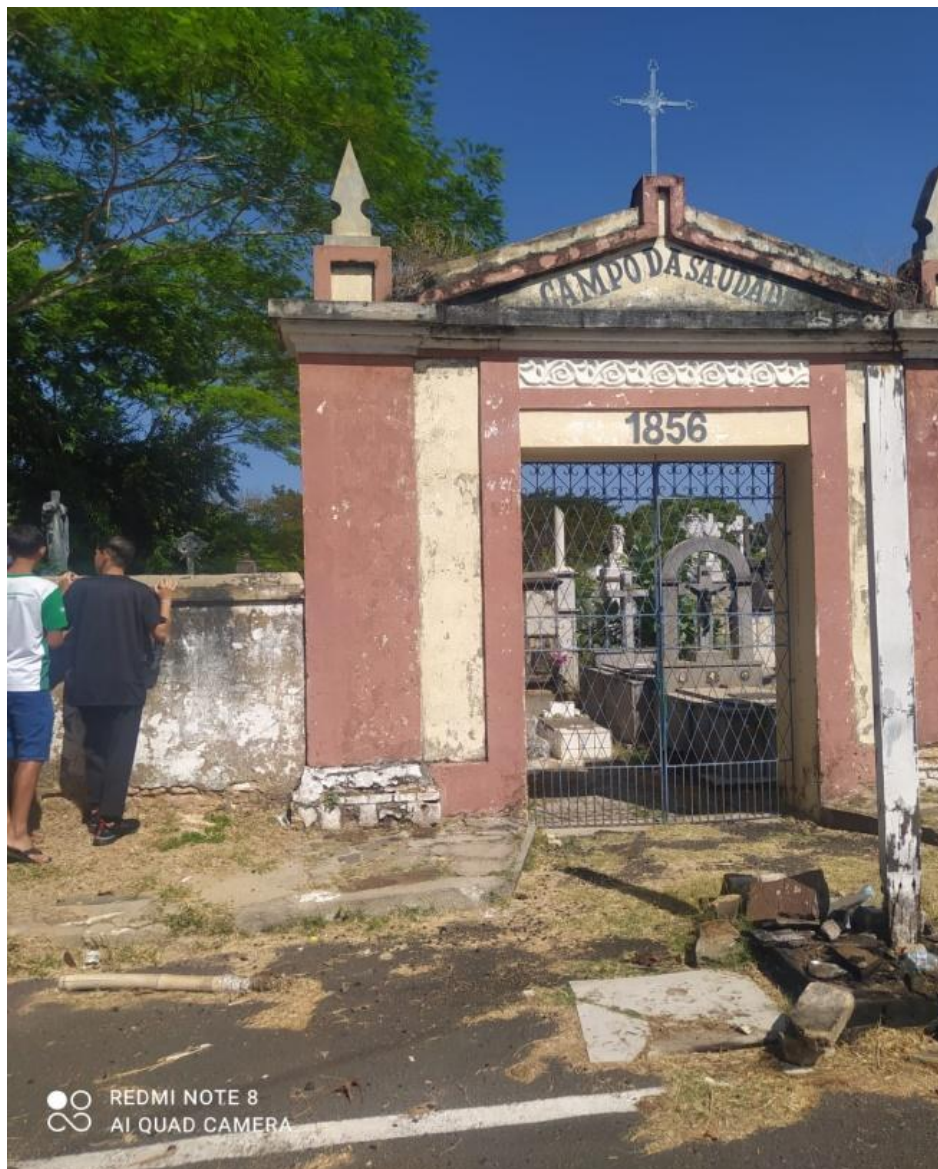


**Fonte:** De autoria própria, 2023

Os alunos sentados no espaço destinado ao público que vem assistir as sessões da Câmara de Vereadores de Piracuruca.



**Imagem 31:** Cemitério Campo da Saudade



**Fonte:** De autoria própria, 2023

Portão de entrada do Cemitério Campo da Saudade. Atualmente está desativado para novos enterros. É de responsabilidade e propriedade da Paroquia de Nossa Senhora do Carmo.

**Imagem 32:** Frente da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo



**Fonte:** De autoria própria, 2023

Imagem com os alunos diante da Igreja de Nossa Senhora do Carmo

**Imagem 33:** Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo



**Fonte:** De autoria própria, 2023



**Imagem 34:** Escadaria lateral da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo



**Fonte:** De autoria própria, 2023

Escadaria externa da Igreja de Nossa Senhora do Carmo.

**Imagem 35:** Casarão Espaço Jovem



**Fonte:** De autoria própria, 2023

Foto com Secretario da Juventude Emiliano Soares na frente do Casarão Espaço Jovem. O Espaço Jovem é um órgão ligado à Secretaria Municipal de Juventude e funciona atualmente no antigo prédio da Casa de Intendência. Oferece gratuitamente para a população da cidade serviços como academia, aulas de informática e música, biblioteca, emissão de Registro Geral, alistamento militar, dentre outros.



**Imagem 36:** Corredor principal do Casarão Espaço Jovem



**Fonte:** De autoria própria, 2023

No casarão Espaço Jovem os alunos foram recebidos pelo secretário de Juventude Emiliano Soares que explicou o funcionamento e quais serviços são disponibilizados para a população como: academia popular, biblioteca, aulas de informática, aulas de teoria musical, expedição de registro geral, dentre outros.

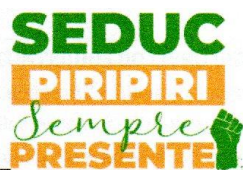
**Imagem 37:** Mosaico: saída localidade Santa Rosa; almoço em Piracuruca.



**Fonte:** De autoria própria, 2023

Saída dos alunos da Localidade Santa Rosa – Zona Rural de Piripiri. Almoço no Restaurante Zé Batata e outra imagem do Santuário Mãe Rainha em Piracuruca.





SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE PIRIPIRI

**FICHA DE PLANEJAMENTO – ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

ESCOLA: Municipal Argemiro Urquiza/Santa Rosa

PROFESSOR (A): Sebastião Rosa COMPONENTE CURRICULAR: História

ANO / ETAPA: 8º TURMA(S): U

PERÍODO: 04/09/2023 à 06/10/2023

| HABILIDADES  | OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM  | OBJETOS DE CONHECIMENTO   | ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS   |
|--|--|---|---|
| (EF08HI19)<br>Formular questionamentos sobre o legado da escravidão nas Américas, com base na seleção e consulta de fontes de diferentes naturezas.<br>(EF08HI20)<br>Identificar e relacionar aspectos das estruturas sociais da atualidade com os legados da escravidão no Brasil e discutir a importância de ações afirmativas.<br>(EF08HI22)<br>Discutir o papel das culturas letradas, não letradas e das artes na produção das identidades no Brasil do século XIX. | Formular questionamentos sobre o legado da escravidão nas Américas, com base na seleção e consulta de fontes de diferentes naturezas.<br>Identificar e relacionar aspectos das estruturas sociais da atualidade com os legados da escravidão no Brasil e discutir a importância de ações afirmativas.<br>Discutir o papel das culturas letradas, não letradas e das artes na produção das identidades no Brasil do século XIX. | O escravismo no Brasil do século XIX: plantations e revoltas de escravos, abolicionismo e políticas migratórias no Brasil Imperial<br><br>Políticas de extermínios do indígena durante o Império<br><br>A produção do imaginário nacional brasileiro: cultura popular, representações visuais, letras e o Romantismo no Brasil. | Aulas expositiva;<br>Leitura e debate do capítulo do livro;<br>Anotações no quadro das ideias principais;<br>Resolução das atividades;<br>Propostas de leitura.<br><br>Execução projeto<br><b>TEMA: AULA PASSEIO PELO CENTRO HISTÓRICO DE PIRACURUCA – em anexo</b> |

| <b>CONTEÚDOS DO LIVRO DIDÁTICO E/OU LIVROS COMPLEMENTARES</b>  |   |
|--|---|
| Capítulo 12 – Abolição, imigração, e indigenismo no império, 203.<br>Boulos Júnior, Alfredo. História sociedade & cidadania : 8º ano : ensino fundamental : anos finais / Alfredo Boulos Júnior. — 4. ed. — São Paulo : FTD, 2018. |   |
| <b>MATERIAL DE APOIO (RECURSOS)</b>  | Livro didático para exposição e debate das ideias principais do assunto;<br>Quadro branco e pincéis;<br>Apostila com questões para resolução e debate.      |
| <b>AValiação</b>   | Avaliação quantitativa: Prova escrita com questões objetivas e subjetivas;<br>Avaliação qualitativa: participação, resolução das atividades, comportamento. |

DATA DE ENTREGA DO PLANEJAMENTO: 28 / 08 /2023

**HABILIDADE:** Aplicação prática de uma determinada competência para resolver uma situação complexa.

Simplificando bem, é o aluno saber fazer. Habilidade de acordo com o currículo.

**OBJETIVO DE APRENDIZAGEM:** O que o professor espera que o aluno adquira no processo de ensino.

**OBJETOS DE CONHECIMENTO** - São os conteúdos, conceitos e processos abordados nas habilidades.

**ESTRATÉGIA METODOLÓGICA:** Diz respeito às atividades desenvolvidas pelo professor para o alcance do objetivo de aprendizagem. Descrever os meios através dos quais o professor alcança os alunos.

**CONTEÚDOS DO LIVRO DIDÁTICO E/OU LIVROS COMPLEMENTARES:** Norteador do planejamento do professor, sugerem caminhos e sequências lógicas para a aprendizagem, servem como ponto de apoio, tendo a liberdade de utilizar conteúdos de livros complementares para atingir os objetivos de aprendizagem.

**MATERIAL DE APOIO:** Recursos para aprimorar a qualidade das aulas. (Link, videoaula, arquivo PDF, livro didático, textos impressos, cartazes, jogos, etc.)

**AValiação:** Diversidade de instrumentais utilizados para verificar a aprendizagem dos alunos no ensino proposto. (Acompanhamento da realização das atividades, acesso ao material de estudo disponibilizado via internet, devolutivas das atividades propostas, avaliação mensal, participação no ambiente virtual e realização das atividades.)



SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE PIRIPIRI

**FICHA DE PLANEJAMENTO – ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**ESCOLA: Municipal Argemiro Urquiza/Santa RosaPROFESSOR (A): Sebastião Rosa COMPONENTE CURRICULAR: HistóriaANO / ETAPA: 9º TURMA(S): UPERÍODO: 04/09/2023 à 06/10/2023

| HABILIDADES  | OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM  | OBJETOS DE CONHECIMENTO   | ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS   |
|--|--|---|---|
| (EF09HI14) Caracterizar e discutir as dinâmicas do colonialismo no continente africano e asiático e as lógicas de resistência das populações locais diante das questões internacionais.<br>(EF09HI31) Descrever e avaliar os processos de descolonização na África e na Ásia.<br>(EF09HI17) Identificar e analisar processos sociais, econômicos, culturais e políticos do Brasil a partir de 1946.<br>(EF09HI18) Descrever e analisar as relações entre as transformações urbanas e seus impactos na cultura brasileira entre 1946 e 1964 e na produção das desigualdades regionais e sociais.<br>(EF09HI19) Identificar e compreender o processo que resultou na ditadura civil-militar no Brasil e discutir a emergência de questões relacionadas à | Caracterizar e discutir as dinâmicas do colonialismo no continente africano e asiático e as lógicas de resistência das populações locais diante das questões internacionais.<br>Descrever e avaliar os processos de descolonização na África e na Ásia.<br>Identificar e analisar processos sociais, econômicos, culturais e políticos do Brasil a partir de 1946.<br>Descrever e analisar as relações entre as transformações urbanas e seus impactos na cultura brasileira entre 1946 e 1964 e na produção das desigualdades regionais e sociais.<br>Identificar e compreender o processo que resultou na ditadura civil-militar no Brasil e discutir a emergência de questões relacionadas à memória e à justiça sobre os casos de violação dos direitos humanos. | O colonialismo na África<br>As guerras mundiais, a crise do colonialismo e o advento dos nacionalismos africanos e asiáticos.<br>Os processos de descolonização na África e na Ásia.<br>O Brasil da era JK e o ideal de uma nação moderna: a urbanização e seus desdobramentos em um país em transformação<br>Os anos 1960: revolução cultural? | Aulas expositiva;<br>Leitura e debate do capítulo do livro;<br>Anotações no quadro das ideias principais;<br>Resolução das atividades;<br>Propostas de leitura.<br><br>Execução projeto<br><b>TEMA: AULA PASSEIO PELO CENTRO HISTÓRICO DE PIRACURUCA – em anexo</b> |

|  |   |  |  |
|--|---|--|--|
| memória e à justiça sobre os casos de violação dos direitos humanos.   |   |  |  |
| <b>CONTEÚDOS DO LIVRO DIDÁTICO E/OU LIVROS COMPLEMENTARES:</b><br>Capítulo 11: nacionalismo africano e asiático, página 164.<br>Capítulo 12: Brasil: uma experiência democrática, página 178.<br>Boulos Júnior, Alfredo. História sociedade & cidadania : 9º ano : ensino fundamental : anos finais / Alfredo Boulos Júnior. — 4. ed. — São Paulo : FTD, 2018. |   |  |  |
| <b>MATERIAL DE APOIO (RECURSOS)</b>  | Livro didático para exposição e debate das ideias principais do assunto;<br>Quadro branco e pincéis;<br>Apostila com questões para resolução e debate.      |  |  |
| <b>AValiação</b>   | Avaliação quantitativa: Prova escrita com questões objetivas e subjetivas;<br>Avaliação qualitativa: participação, resolução das atividades, comportamento. |  |  |

DATA DE ENTREGA DO PLANEJAMENTO: 28 / 08 / 2023

**HABILIDADE:** Aplicação prática de uma determinada competência para resolver uma situação complexa. Simplificando bem, é o aluno saber fazer. Habilidade de acordo com o currículo.

**OBJETIVO DE APRENDIZAGEM:** O que o professor espera que o aluno adquira no processo de ensino.

**OBJETOS DE CONHECIMENTO** - São os conteúdos, conceitos e processos abordados nas habilidades.

**ESTRATÉGIA METODOLÓGICA:** Diz respeito às atividades desenvolvidas pelo professor para o alcance do objetivo de aprendizagem. Descrever os meios através dos quais o professor alcança os alunos.

**CONTEÚDOS DO LIVRO DIDÁTICO E/OU LIVROS COMPLEMENTARES:** Norteador do planejamento do professor, sugerem caminhos e sequências lógicas para aprendizagem, servem como ponto de apoio, tendo a liberdade de utilizar conteúdos de livros complementares para atingir os objetivos de aprendizagem.

**MATERIAL DE APOIO:** Recursos para aprimorar a qualidade das aulas. (Link, videoaula, arquivo PDF, livro didático, textos impressos, cartazes, jogos, etc.)

**AValiação:** Diversidade de instrumentais utilizados para verificar a aprendizagem dos alunos no ensino proposto. (Acompanhamento da realização das atividades, acesso ao material de estudo disponibilizado via internet, devolutivas das atividades propostas, avaliação mensal, participação no ambiente virtual e realização das atividades.)

## CONCLUSÃO

O desafio que me propôs de montar um roteiro de aula-passeio pelo Centro Histórico de Piracuruca não foi totalmente completo. O Produto Educacional aqui exposto é um exercício contínuo que pretendo dá forma e ampliá-lo no decorrer dos anos de pesquisa e no trabalho em sala de aula. Puxando pelo fio da narrativa desses dias, lembro da coincidência do projeto de aula-passeio proposta na Escola Municipal Argemiro Urquiza no ano de 2023, localizada na comunidade Santa Rosa, zona rural de Piripiri.

Aquele trabalho foi feito com base nos conhecimentos rasos que eu disponha, montando a parte escrita a partir daquilo que eu entendia ser o que os alunos precisavam aprender sobre o Centro Histórico de Piracuruca e fazendo o percurso da aula-passeio apenas com pontos de referência da minha experiência do dia a dia.

Colocar em prática o projeto da escola de Piripiri coincidiu com o período de início do meu mestrado do ProfHistória em Parnaíba, e o vislumbre com todo o universo de aprendizagens e temáticas proporcionadas com o mestrado, me abriram os olhos para a riqueza que estava diante de mim. No momento de fazer o projeto de pesquisa, não tive dificuldades em escolher: escolhi o Roteiro de aula-passeio pelo Centro Histórico de Piracuruca.

Outro fator que colaborou bastante foi cursar a disciplina optativa de Educação Patrimonial e Ensino de História da grade do ProfHistória, com Professor Doutor Danilo Alves Bezerra onde tive contato com autores como Gil (2022); Gonçalves (2009); Nora (1993), e Pollack (1989) e tantos outros que ajudaram a refletir e construir o arcabouço teórico e prático do Produto Educacional.

Temas como Ensino de História, Educação Patrimonial, aula-passeio e sequência didática foram desenvolvidos tanto pela colaboração da disciplina em questão, quanto pela orientação da Professora Doutora Mary Angélica no desenrolar do trabalho dissertativo. Cabe ressaltar também a colaboração dos demais professores do curso e suas respectivas disciplinas onde cada qual deu sua contribuição por vezes teórica, por vezes discursiva, por vezes, juntando tudo isso com uma palavra amiga.

O ano de 2023 bateu forte em mim, se por um lado iniciei essa jornada que tanto lutei, afinal de contas, desde 2018 tentava aprovação no ProfHistória, nesse ano também perdi minha mãe. No entanto, para além do conforto familiar, recebi o carinho dos colegas de curso e dos professores. Não somente pelo fato de ser minha orientadora, mas deixo meu

agradecimento à professora Mary Angélica de quem ganhei o abraço e palavras que até hoje não as esqueço, levarei comigo sempre.

O desenvolvimento do Produto Educacional buscou responder em partes, as perguntas formuladas na etapa do Projeto de Pesquisa: e se um professor da educação básica quisesse fazer uma aula-passeio pelo Centro Histórico de Piracuruca, quais subsídios ele teria disponível? Qual bibliografia para pesquisa? Qual material didática ele poderia usar? O que se pretendeu foi mostrar uma forma de fazer um roteiro de aula-passeio, dando a liberdade total ao professor, que conhece bem o chão da escola, por usar o trabalho em sua totalidade, em partes ou fazer algo diferente.

Como dito na introdução desse trabalho, ter chegado até aqui deixou, apesar de meus 40 anos, o adolescente Sebastião Rosa de outrora, hoje cheio de esperança e felicidade, por olhar novamente aquelas ruas, aqueles casarões, a Igreja de Nossa Senhora do Carmo e a Praça Irmãos Dantas com olhar mais sutil, por ter aprendido tanto sobre esse pedaço de chão cheio de história a ser ensinado, e tentado contribuir com essa obra, para a educação sobre a cidade de Piracuruca.

Como mencionei no início dessa conclusão, o trabalho não foi totalmente completo, no sentido que sempre se pode acrescentar, melhorar, revisar e dá continuidade a pesquisa proposta. O professor que eventualmente fizer uso do Produto Educacional *Roteiro de aula-passeio pelo Centro Histórico de Piracuruca*, poderá contar com noções sobre Educação Patrimonial, Ensino de História, a história da fundação da cidade de Piracuruca pelo olhar dos memorialistas e historiadores, questionar a versão lendária dos Irmãos Dantas enquanto heróis fundadores e pesquisar sobre os povos indígenas que habitavam e sempre serão legítimos donos das terras erroneamente intituladas “terra dos Irmãos Dantas”.



## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. In: \_\_\_\_\_. *História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história*. Bauru: EDUSC, 2007. P. 53-65.
- ARAÚJO, Denise Lino de. **Entrepalavras**. Fortaleza – ano 3, v. 3, p. 322-334, jan/jul. 2013.
- ARAÚJO, Johny Santa de. O Piauí e a construção da unidade territorial do Império pós-independência, 1823-824. In: LIMA, Nilsângela Cardoso (Org.). **Páginas da História do Piauí colonial e provincial**. Teresina. EDUFPI, 2020. pag. 71-95.
- AURÉLIO, Bernardo; OLIVEIRA, Caio. **Foices e Facões**. 2ª ed. Teresina: Quinta Capa/EDUFPI, 2018.
- AVELINO, Jarbas. **Riqueza e Modernização**. Revista Ateneu. Teresina: Gráfica do Povo. Ano 1, n 1, p. 16-19, jan. 2003.
- AZEVEDO, C. B. Educação patrimonial, ação educativa em museu e ensino-aprendizagem em história. **Akrópolis Umuarama**. v. 18, n. 4, p. 299-314, out./dez. 2010.
- BALANDIER, Georges. A situação colonial: abordagem teórica. **Cadernos CERU**. São Paulo, Brasil, v. 25, n. 1, p. 33-58, 2014. DOI:10.11606/issn2595-2336.v25i1p33-58. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/89147>. Acesso em: 01 ago. 2024.
- BARROS, J. D. **Ensino de História: Renovação e perspectivas**. Contexto: São Paulo. 2008.
- BITENCOURT, Jurenir. **Apontamentos Históricos da Piracuruca**. Teresina: Comepi, 1989.
- BITENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2ª ed. São Paulo: Cortez. 2008.
- BITENCOURT, Circe. Os confrontos de uma disciplina escolar: da história sagrada à história profana. **Revista Brasileira de História** (Memória, história e historiografia – Dossiê Ensino de História, ANPUH; Marco Zero), São Paulo, v. 13, n. 25/26, set. 1992/ago. 1993.
- BOMBARDI, Fernanda Aires. Jogos de alianças e inimizades: guerras justas, descimentos e políticas indígenas no Piauí colonial. In: LIMA, Nilsângela Cardoso (Org.). **Páginas da História do Piauí colonial e provincial**. Teresina. EDUFPI, 2020. pag. 41-71.
- BORGES, V. P. **O que é história?** Coleção Primeiros Passos. 2ª ed. Diamantina: Brasiliense. 1993.
- BLOCH, M. **Apologia da História: ou o ofício do historiador**. 1ª ed. Rio de Janeiro. Zahar, 2001.
- BRASIL. Constituição 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República. 2024.

BRASIL. **Coleções das Leis do Império do Brasil**, 1838.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia**. 3ª ed. Brasília. 2001.

BREFE, Ana Cláudia Fonseca. **A cidade inventada**. A paulicécia construída nos relatos memorialistas (1870 – 1920). Dissertação de mestrado em História. Enicamp, 1993.

BRITO, Anísio. **O município de Piracuruca** (Separata do “O Piahy no Centenário de sua Independência”). Papelaria Piauiense. Therezina – Piauí, 1922.

BRITTO, Maria do Carmo. **Remexendo o baú**. Piripiri: Gráfica e editora Ideal, 2002.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. Tradução Nilo Odalia. 2ª ed. São Paulo: Editora da Unesp. 2010.

CAINELLI, Marlene; SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Ensinar história** (Coleção Pensamento e ação na sala de aula). – São Paulo: Scipione, 2009.

CARVALHO, J. N. F.; GOMES, J. M. A. **Pobreza, emprego e renda na economia da carnaúba**. Revista Econômica do Nordeste. vol. 40, n. 2, p. 361-378, abr/jun. 2009.

CARVALHO, Padre Miguel de. “Descrição do sertão do Piauí remetida a Ilm.º e Rvd.º Sr. or Frei Francisco de Lima, Bispo de Pernambuco.” [1697]. In. ENNES, Ernesto. **As guerras nos Palmares**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1938, p. 386.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 3ª ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2011.

DAL MORO, Nataniél. **Os memorialistas e a Edificação de um Passado Glorioso**. Revista Crítica Histórica. Ano III, n. 6, dezembro de 2012. ISSN 2177-9961.

DEMARCHI, João Lorandi. **Patrimônio-gerador: perspectivas de Paulo Freire no Patrimônio Cultural**. *Revista Arqueologia Publica*. Campinas, v.16, n.02, 2021, p.71-83

DULCI, Tereza Maria Spyer; MALHEIROS, Mariana Rocha. **Um giro decolonial à metodologia científica: apontamentos epistemológicos para metodologias desde e para a América Latina**. Espirales, Edição Especial, janeiro 2021.

ESCORCIO, Fabricio. **Uma arquitetura em mudança. Ateneu**. Piracuruca. Ed. 1, ano 1. 2002. Disponível em: < <https://portalpiracuruca.com/download/revista-ateneu/> >. Acesso em: 25 de jun. de 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 2005.

GAMBINI, Roberto. **Espelho índio; a destruição da alma indígena**. São Paulo: Arx's Mundi, 2000.

GIL, Carmen Zeli de Vargas. Escrever o patrimônio na educação. In: NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos. **Patrimônio, Resistência e Direitos: histórias entre trajetórias e perspectivas em rede**. Vitória: Editora Milfontes, 2022.

GONÇALVES, José Reginaldo. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina. CHAGAS, Mário (orgs.). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro. Lamparina, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e Estados**. Rio de Janeiro, c2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Base de faces e logradouros do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/malhas-territoriais/28971-base-de-faces-de-logradouros-do-brasil.html?=&t=downloads> . Acesso em: 10 abr. 2024.

\_\_\_\_\_. **Malha municipal digital do Brasil: situação em 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: [ftp://geofp.ibge.gov.br/malhas\\_digitais/](ftp://geofp.ibge.gov.br/malhas_digitais/). Acesso em: 10 abr. 2024.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARTÍSTICO E NACIONAL. **Cidades do Piauí testemunhas da ocupação do interior do Brasil durante o século XVIII: Conjunto Histórico e Paisagístico de Piracuruca**. Ministério da cultura, BRASÍLIA. 2008.

MACIEL, Sheila Dias. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 48, n. 4, p. 551-558, out./dez. 2013.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/disenos globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo**. Madrid: Akal, 2003.

MIRANDA, Vicente. **Três séculos de caminhada**. Teresina: Halley S.A. Gráfica e Editora, 2001.

MORO, Nataniel Dal. **O pensar da elite sobre o povo comum: espaço público e reterritorialização do centro da cidade de Campo Grande (décadas de 1960-70)**. 2012. 310 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

NORA, P.; AUN KHOURY, T. Y. ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A PROBLEMÁTICA DOS LUGARES. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 10, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 2 ago. 2024.

PAIM, Antônio. Por uma universidade no Rio de Janeiro. In: Schwartzman, S. (org.). **Universidades e Instituições científicas no Rio de Janeiro**. Brasília: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), 1982.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

PEREIRA DA COSTA, F. A. **Cronologia histórica do Estado do Piauí**. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

PEREIRA, N. M. **O que pode o Ensino de História?** Sobre o uso de fontes em sala de aula. Revista anos 90, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 113-128. dez. 2008.

PERINOTTO, A. R. C.. **Turismo Pedagógico:** uma ferramenta para educação ambiental. Rio de Janeiro/RJ. Caderno virtual de turismo (IVT – Instituto Virtual do Turismo). UFRJ. Vol. 08, n1. 2008.

POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento e silêncio.** Estudos históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3. 1989. p. 3-15.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

REZNIK, Luís. **História Local:** pesquisa, ensino e narrativa. 2008. Disponível em: [https://www.institutocidadeviva.org.br/historiasdomedioparaiba/cms/wp-content/uploads/2008/11/historia\\_local\\_reznik.pdf](https://www.institutocidadeviva.org.br/historiasdomedioparaiba/cms/wp-content/uploads/2008/11/historia_local_reznik.pdf) . Acesso em: 27 de maio de 2024.

ROTHEN, José Carlos. **A universidade brasileira na Reforma de Francisco Campos 1931.** Revista Brasileira de História da Educação [en linea], 2008. ISSN. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=5761610666008>.

RÜSEN. J. **Aprendizagem histórica:** fundamentos e paradigmas. Curitiba: W. A. Editores. 2012.

SANTOS, A. P. S. Estudo sócio-econômico dos principais produtos do extrativismo vegetal do Piauí: **Carnaúba.** Teresina: CEPRO. 1979.

SANTOS, Gervásio. **Leonardo de Carvalho Castello Branco.** Teresina: Zodíaco, 2012.

SANTOS, Gervásio; Kruehl, Kernard. **História do Piauí.** Teresina: Halley / Zodíaco. 2ª ed. 2018.

SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL. **Geodiversidade do Piauí.** Rio de Janeiro: CPRM, 2006. Documento cartográfico em arquivo vetorial. Disponível em <http://geobank.sa.cprm.gov.br>. Acesso em: 14 abr. 2024.

SILVA, João Luiz Maximo da. **Contextos da Alimentação** – Revista de Comportamento, Cultura e Sociedade. vol. 4 no 1, set. de 2015.

SILVA FILHO, Olavo Pereira da. **Carnaúba, pedra e barro na Capitania de São José do Piauí.** Belo Horizonte: ed. do Autor, 2007. 3v.

SILVA, Rodrigo. **Educação patrimonial e a dissolução das monoidentidades.** Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 56, p. 207-224, abr./jun. 2015, p. 207-224.

VINHA, Maria Lúcia. **O Turismo Pedagógico e a Possibilidade de Ampliação de Olhares.** In: Hórus: Revista Eletrônica de Humanidades e Ciências Sociais Aplicadas. Ourinhos, SP. n. 3, 2005. Disponível em <<https://www.faeso.edu.br/horus>> Acessado em: 05 de maio de 2025.

SOUSA, Milca Fontenele de. **Brincar e aprender história:** o conjunto histórico e paisagístico de Piracuruca no Piauí como espaço educativo e de aprendizagem no ensino de história no 6º ano do ensino fundamental. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA. Campus Alexandre Alves de Oliveira, Parnaíba – Piauí, 2024.

ZABALA, A. **A prática educativa:** como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

**APÊNDICE A****SEQUÊNCIA DIDÁTICA: ROTEIRO DE AULA-PASSEIO PELO CENTRO  
HISTÓRICO DE PIRACURUCA**





# Sequência Didática:

*Roteiro de aula passeio pelo  
Centro Histórico de  
Piracuruca*



*Sebastião Rosa da Silva Filho  
Mary Angélica Costa Tourinho*



**PROF HISTÓRIA**  
MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA



Detalhe da entrada da cidade de Piracuruca (sentido Parnaíba para Teresina) com uma figura caracterizando o peixe piaú. Segundo o memorialista Jureni Machado Bittencourt no seu livro *Apontamentos Históricos da PIRACURUCA* de 1989, página 15 afirma que “o topônimo PIRACURUCA significa ‘peixe que ronca’ no idioma indígena. Há quem defenda o fato de haver sido PIRAC’RUCA, numa ligeira deformação da pronúncia. É possível levando-se em consideração que a Região da Ibiapaba foi, nos primeiros tempos da colonização, habitada e invadida por tribos de dialetos diferentes.”

Piracuruca carece muito de estudos sobre os povos indígenas que habitaram seu território.

### Legendas das imagens da capa

**Figura à esquerda no canto superior:** Busto do Senador Gervásio responsável por trazer a linha férrea para Piracuruca.

**Figura à direita no canto superior:** Imagem aérea do Centro Histórico de Piracuruca com áreas de tombamento e áreas do entorno.

**Figura à esquerda no canto inferior:** imagem aérea da Praça Irmãos Dantas, Igreja de Nossa Senhora do Carmo e casarões que circundam o entorno da praça.

**Figura à direita no canto inferior:** imagem da Igreja de Nossa Senhora do Carmo em destaque da sua lateral direita





## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>APRESENTAÇÃO: CARO (A) PROFESSOR(A).....</b>   | <b>4</b>  |
| <b>INFORMAÇÃO SOBRE OS AUTORES.....</b>   | <b>5</b>  |
| <b>SEQUÊNCIA DIDÁTICA: Roteiro de aula-passeio pelo Centro Histórico de Piracuruca.....</b>         | <b>6</b>  |
| <b>ORGANIZAÇÃO.....</b>   | <b>7</b>  |
| <b>Aula 1: Contextualizando o que é aula-passeio e a importância para educação patrimonial.....</b> | <b>9</b>  |
| <b>Aula 2: O IPHAN e o tombamento: centro de Piracuruca que eles/as conhecem.....</b>               | <b>10</b> |
| <b>Aula 3: O centro histórico de Piracuruca como patrimônio histórico.....</b>                      | <b>13</b> |
| <b>Aula 4: Ruas que compõem histórias.....</b>  | <b>23</b> |
| <b>Aula 5: Os irmãos Dantas no olhar memorialista.....</b>  | <b>27</b> |
| <b>Aula 6: Roteiro de aula-passeio pelo centro histórico de Piracuruca.....</b>                     | <b>32</b> |
| <b>Aula 7: Socialização.....</b>  | <b>51</b> |
| <b>Bibliografia de apoio.....</b>   | <b>52</b> |
| <b>Glossário – Educação Patrimonial.....</b>  | <b>53</b> |
| <b>Bibliografia.....</b>  | <b>57</b> |

## APRESENTAÇÃO: CARO (A) PROFESSOR (A),

*A sequência didática “Roteiro de aula-passeio pelo Centro Histórico de Piracuruca” tem como objetivo propor subsídios para o professor da educação básica (6º ao 9º ano) para a montagem de um roteiro básico de aula-passeio, demonstrando também como é viável junção de conceitos da Educação Patrimonial e Ensino de História. Trazemos aqui um modelo pré-estabelecido, com indicação de textos, atividades, informações e bibliografia de apoio para compor sua aula-passeio, podendo ser modificada como você precisar ou apenas usa-la como está proposto.*

*Para sugestões e outros assuntos relacionados ao trabalho da sequência didática “Roteiro de aula-passeio pelo Centro Histórico de Piracuruca”, entre em contato pelo e-mail [sebastiao\\_rosa\\_da\\_silva\\_f@aluno.uespi.br](mailto:sebastiao_rosa_da_silva_f@aluno.uespi.br) ou instagram @centro\_historico\_piracuruca ou nossa página <https://sites.google.com/aluno.uespi.br/centro-historico-de-piracuruca/in%C3%ADcio>*

## INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES



**MARY ANGÉLICA COSTA TOURINHO** é doutora em História Social pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2015), tem graduação em História Licenciatura pela Universidade Federal do Maranhão (1990), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Maranhão (2008). Atualmente é professora adjunta da Universidade Estadual do Piauí, da graduação e do Mestrado Profissional em História (PROFHISTORIA). Tem experiência na área de História, com ênfase em Contemporaneidade, Educação, Gênero, Ensino e Teoria. É coordenadora do Laboratório de Pesquisa em Política História, identidades, cultura e Contemporaneidade (LAPHIC), com a linha de pesquisa Culturas e Identidades Contemporâneas-GECIC.

### **SEBASTIÃO ROSA DA SILVA FILHO**

Possui graduação em LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA pela UESPI (Universidade Estadual do Piauí - 2010). Pós-graduação em História do Brasil pela FLATED (Faculdade Latino Americana - 2011) e atualmente (2023) cursando Mestrado Profissional em Ensino de História - ProfHistoria. Atuou como tutor presencial pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI), com carga horária de 20h, em três cursos (pós-graduação em Gestão e Educação Ambiental, pós-graduação História e Cultura Afro-brasileira e pós-graduação em Língua Espanhola) nos anos de 2015 a 2016. Atuou como tutor presencial pela Universidade Federal do Piauí UFPI, com carga horária de 20h, no curso de Graduação em Licenciatura Plena de Filosofia nos anos de 2018 a 2020. Atualmente é servidor efetivo da Secretaria de Educação do Estado do Piauí - SEDUC (vínculo desde 2018), servidor celetista na Secretaria Municipal de Educação de Piripiri.



## SEQUÊNCIA DIDÁTICA

### Roteiro de aula-passeio pelo Centro Histórico de Piracuruca

**Objetivo Geral:** Montar um roteiro base de aula-passeio pelo Centro Histórico de Piracuruca - PI.

**Objetivos Específicos:**

- Demonstrar possibilidades de utilização dos Centros Históricos, nesse caso, o de Piracuruca – PI, para ensino de história;
- Criar estratégias que proporcionem ao professor, subsídios para condução de uma aula-passeio;
- Utilizar a Educação Patrimonial, na elaboração de aulas-passeio que auxiliem a formação discente sobre história local.



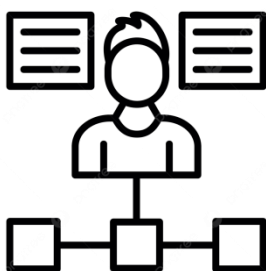
**Disciplina:** História

**Público-alvo:** Alunos do 6º ao 9º ano (ensino fundamental II)

**Duração:** 7 aulas

# ORGANIZAÇÃO

**Planejando: professor, anote essas dicas para organizar previamente sua aula-passeio**



Nesse primeiro momento é preciso fazer a organização geral da Sequência Didática, colocando todos os detalhes possíveis no papel, desde o planejamento das aulas em sala de aula, mas todo o movimento que vem antes, como por exemplo, como a aula-passeio vai entrar no seu planejamento mensal, comunicar ao núcleo gestor sua proposta e viabilidade da execução, definir seus objetivos pedagógicos que você deseja alcançar com a aula-passeio e muitos outros detalhes.

## Planejamento da metodologia e das ações na aula-passeio



**1. Definição dos objetivos:** estabelecer o foco Pedagógico da atividade. (Na página 05 temos alguns exemplos de objetivos, mas você professor pode acrescentar ou modificar);

**2. Escolha o local:** optar por espaços que contribuam para o aprendizado. (No caso da nossa proposta, o Centro Histórico

de Piracuruca);

**3. Para elaboração do roteiro:** planejar as paradas estratégicas e os temas abordados. O Centro Histórico de Piracuruca é composto por mais de 50 ruas. Tem muitas opções de roteiros de caminhadas e visitas, no entanto, nossa proposta se restringe à praça da Igreja Matriz. O que não impede de você professor montar

seu roteiro a partir do seu olhar e do seu interesse pedagógico. As paradas estratégicas aqui dizem respeito à hidratação, lanche, banheiro – geralmente um estabelecimento público ou casa de um terceiro que precise ser conversado antes da aula-passeio. Os temas abordados no caso da aula-passeio, são por exemplo, a fundação da cidade de Piracuruca, como foi construída a Igreja de Nossa Senhora do Carmo e etc.);

**4. Preparação dos alunos:** contextualizar sobre o conteúdo do passeio, previamente, em sala de aula. Fazer uso de questionário antes da aula-passeio para saber dos alunos seus conhecimentos sobre o Centro Histórico de Piracuruca para posteriormente, no momento de socialização, refletir sobre o aprendizado proposto com a aula-passeio. Planejamento das aulas que antecedem a aula-passeio. Nesse ponto é preciso dar ênfase aos detalhes, que são cruciais para o desenvolvimento da aula-passeio, como por exemplo, vestimentas adequadas para caminhada, levar água para hidratação, uso do celular para registro fotográfico, não dispersão com conversas paralelas, anotação dos pontos conversados durante a aula-passeio.

**5. Atividades complementares:** criar questionário, material informativo e/ou atividades para reforçar o aprendizado. São pontos de suma importância pensar nos questionários que devem ser aplicados, se possível, antes, durante e depois da aula (momento de socialização).

O material informativo deve ser produzido a partir de sua pesquisa. Aqui na Sequência Didática haverá informativos de criação autoral e indicação de bibliografia para complementação.

Esses questionários vão servir como documentação de sua produção, assim com outros itens como fotos, vídeos e postagens nas redes sociais para materializar seu trabalho.

## Aula 1: Contextualizando o que é aula-passeio e a importância para educação patrimonial.



**Palavras-chaves:** aula-passeio; educação patrimonial

### ***O que é uma aula-passeio***

É uma estratégia pedagógica que visa promover a aprendizagem por meio da interação e observação direta do ambiente.

### ***A relação aula-passeio com educação patrimonial***

Durante uma aula-passeio, os alunos podem interagir de perto com elementos que compõem o patrimônio histórico compreendendo sua importância para a comunidade. A educação patrimonial e seus saberes buscam a sensibilização dos alunos para a importância da preservação da história e cultura local.

### **Objetivos:**

- Explicar de forma geral o que é uma aula-passeio;
- Apresentar, sob o viés da educação Patrimonial as características do Centro Histórico e Paisagístico de Piracuruca;

### **Desenvolvimento/percurso metodológico**

Esse é o segundo momento da nossa sequência didática. Após a organização prévia dos passos para nossa aula-passeio é chegado o momento da conversa inicial com alunos sobre o tema. Conforme os objetivos preestabelecidos acima são propostos alguns materiais e texto para uso como base da explicação na aula, **que** vão trazer atividades para melhor aproveitamento do material, ficando a cargo do professor, quando conveniente, montar suas atividades ou alterar a ordem das propostas aqui expostas.

A educação patrimonial busca sensibilizar os alunos sobre a importância de preservar a história e a cultura local. Durante a aula-passeio, os alunos podem observar de perto os elementos que compõem o patrimônio histórico e compreender melhor sua relevância para a identidade da comunidade.

Para mais informações indicamos o



## Aula 2: O IPHAN e o tombamento: centro de Piracuruca que eles/as conhecem



*Palavras-chaves: IPHAN; tombamento; centro histórico de Piracuruca.*

### Objetivos:

- Averiguar conhecimentos prévios dos/as alunos/as sobre o Centro Histórico;
- Apresentar para os alunos de forma geral o que é o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico - IPHAN;
- Debater a importância de preservação do Centro Histórico de Piracuruca.

### Desenvolvimento/percurso metodológico



Nesse ponto da aula é interessante uma conversa sobre o que os alunos já conhecem do Centro Histórico de Piracuruca. Provavelmente a maioria possa dizer que não sabe onde fica o referido Centro Histórico. Isso pode ser decorrente de fatores como a pouca divulgação ou sinalização por parte da administração pública, dentre outros fatores. Na próxima página propomos um questionário com perguntas abertas para os alunos responderem que pode ser modificado. Adiante temos algumas informações relevantes sobre o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), sobre tombamento e o Centro Histórico de Piracuruca.



*Para maiores informações sobre o processo de tombamento do centro histórico de Piracuruca, consultar o texto **Cidades do Piauí testemunhas da ocupação do interior do Brasil durante o século XVIII: Conjunto Histórico e Paisagístico de Piracuruca** bibliografia de apoio no fim da sequência didática.*



# QUESTIONÁRIO

*aula passeio pelo Centro Histórico de Piracuruca*

Nome: \_\_\_\_\_

1. Você já ouviu falar sobre o Centro Histórico de Piracuruca? O que sabe sobre ele?

☐

2. Você sabe o que é IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional)? E qual sua função?

☐☐

3. O Centro Histórico de Piracuruca foi tombado pelo IPHAN em 2012. Você sabe o que significa “tombamento” de um patrimônio histórico?

☐☐

4. Você já reparou nas construções do Centro Histórico de Piracuruca?

☐☐

5. Quais construções ou espaços históricos você conhece em Piracuruca?

☐☐

6. Você acredita que preservar o patrimônio histórico de uma cidade é importante? Por quê?

☐☐

7. Como você acha que o Centro Histórico de Piracuruca pode ser usado na educação?

☐☐

8. Você acha que o Centro Histórico de Piracuruca recebe a valorização e os cuidados necessários? Por quê?

☐

**As origens:** o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN foi criado em 13 de janeiro de 1937, durante o governo de Getúlio Vargas, por meio do Decreto-Lei 25. Seu fundador, Rodrigo Melo Franco de Andrade foi um dos idealizadores da preservação do patrimônio no Brasil. Desde então, o IPHAN tem atuado na identificação, proteção e valorização do patrimônio cultural brasileiro.



## **As origens** **Atribuições** **Processo de tombamento**

**Atribuições:** atualmente o IPHAN é responsável por:

- Identificação e tombamento de bens de valor histórico, artístico e cultural;
- Promoção de políticas de educação patrimonial;
- Fiscalização e conservação de patrimônio materiais e imateriais;
- Pesquisa e documentação sobre patrimônio histórico e artístico;
- Apoio às comunidades na preservação de seus bens culturais.



**Processo de tombamento:** é um processo de proteção legal para bens culturais, garantindo sua preservação para as gerações futuras. As etapas de tombamento incluem:

1. identificação e proposição: a comunidade ou IPHAN propõe a proteção de um bem;
2. análise e documentação: estudos históricos, artísticos e culturais são realizados;
3. parecer técnico: o bem é avaliado pelo Conselho Consultivo do IPHAN;
4. publicação no Diário Oficial: o tombamento é oficializado e registrado nos livros do IPHAN;
5. monitoramento e fiscalização: o bem passa a ser protegido por normas específicas.

### Aula 3: O centro histórico de Piracuruca como patrimônio histórico



*Palavras-chaves: Centro histórico e paisagístico; poligonais de tombamento; poligonais de entorno*

#### Objetivos:

- Apresentar informações sobre o Centro Histórico de Piracuruca;
- Demonstrar através de mapas os limites do Centro Histórico de Piracuruca;
- Analisar a importância da Igreja de Nossa Senhora do Carmo e os currais de gado para o início do núcleo populacional de Piracuruca.

#### Desenvolvimento/percurso metodológico

O Centro Histórico e Paisagístico de Piracuruca foi tombado pelo IPHAN no ano de 2012 e teve como iniciativa principal por ser uma das cidades testemunhas da ocupação do interior do Brasil no século XVIII. O dossiê intitulado “Cidades do Piauí testemunhas da ocupação do interior do Brasil durante o século XVIII” é um documento produzido pelo IPHAN – Superintendência Regional do Piauí produzidos como subsídios de justificativa para reconhecer diversos processos históricos, sociais e culturais que formaram o Patrimônio Cultural Brasileiro.

O documento expõe a proposta e as justificativas do tombamento. O trabalho foi finalizado em 2008 sendo um dos instrumentos normativos dentre os muitos estudos feitos pelo IPHAN. O processo de tombamento em Piracuruca acontece no ano de 2012 sendo o segundo no Piauí. O primeiro foi em Parnaíba, mas há outras propostas e processos de tombamento em andamento no estado. Segundo a descrição do dossiê a justificativa do tombamento se dá, pois:

Razões históricas não faltariam para Piracuruca fosse reconhecida como Patrimônio Nacional Brasileiro, pois compõe, juntamente com Parnaíba, Oeiras e outras cidades que certamente serão incluídas nesse rol, um conjunto de bens que testemunharam e materializam a história da ocupação do Brasil durante o século XVIII. Estas cidades estão ligadas ao ciclo do gado no Nordeste e a uma política oficial da Coroa portuguesa de domínio do território através da fundação de vilas e cidades, fatores determinantes para a atual conformação do país, pois influenciaram diretamente a



integração das duas colônias portuguesas na América: a do Brasil e a do Maranhão (IPHAN, 2008, p. 87).

As justificativas para o tombamento do Centro Histórico de Piracuruca como atesta no documento do Iphan é que “apesar da origem comum, Piracuruca apresenta especificidades que a diferenciam das demais vilas da época” como, por exemplo, já citado nesse trabalho a construção da Igreja de Nossa Senhora do Carmo e seu papel como ponto centralizador urbano e de organização da futura cidade, pois a estruturação de suas quadras segue métricas que obedecem ao tamanho da igreja. Outros pontos de justificativa foram o ciclo da carnaúba e a chegada da malha ferroviária à cidade. A riqueza e disponibilidade de transporte e locomoção proporcionada por esses fatores, já que agora era muito mais fácil transitar entre Piauí, Ceará e Maranhão, fizeram com que aquele núcleo urbano inicial experimentasse mudanças urbanísticas significativas. A construção do que hoje é dito como Centro Histórico é fruto de várias mudanças arquitetônicas que são parte das testemunhas históricas. Ai reside sua importância como fonte histórica e sua possibilidade de servir como roteiro de aula-passeio.

Piracuruca em seu processo de formação urbana se inicia enquanto núcleo populacional inicial praticamente da mesma data das formações mais antigas do Piauí e se conectam pelo mesmo processo “a interiorização da ocupação do território a partir da expansão do gado no litoral para o sertão, iniciada ainda no século XVI a partir de Salvador e Pernambuco e logo, a exportação de carne e couro” (Iphan, 2008)

**Imagem 1:** Igreja de Nossa Senhora do Carmo Piracuruca - Piauí.



**Fonte:** De autoria própria, 2025

**Imagem 7:** Unidade Escolar Anísio Brito.



Fonte: De autoria própria, 2025

**Imagem 8:** Mercado Público Municipal



Fonte: De autoria própria, 2025

**Imagem 9:** Igreja de Santo Antônio



**Fonte:** De autoria própria, 2025



**Questões propostas sobre o texto**

Após a leitura com alunos, explanação dos principais pontos, releitura por parte dos alunos, são sugeridas algumas questões para resolução pelos alunos, sendo que o professor tem liberdade para aumentar, diminuir e modificar as questões para adequação à sua turma. Detalhe: os alunos por vezes, não terão subsídios teóricos de conhecimento para responder às questões propostas. No entanto, o professor ajudará os alunos na construção dessas respostas através da reflexão e importância desse conhecimento para o aluno.

1. Segundo o texto, explique o que é tombamento, e porquê o centro Histórico de Piracuruca foi tombado?
2. Qual o significado da sigla IPHAN e como acontece a atuação do IPHAN no processo de preservação do patrimônio histórico?
3. Como a Igreja de Nossa Senhora do Carmo ajudou a organizar o núcleo urbano de Piracuruca?
4. Qual o impacto da chegada do trem e o ciclo extrativista da carnaúba no desenvolvimento de Piracuruca?
5. Segundo o texto, qual a importância das fazendas de gado para formação do núcleo urbano de Piracuruca?
6. Após a leitura do texto, reflita e responda sobre a importância da preservação do Centro Histórico de Piracuruca para as gerações do presente e futuras.

#### Aula 4: Ruas que compõem histórias



*Palavras-chaves: Centro histórico de Piracuruca; negros e indígenas onde estão na história de Piracuruca?*

#### Objetivos:

- Ilustrar quais são as ruas que compõem o Centro Histórico de Piracuruca;
- Instigar os alunos ao questionamento dos nomes das ruas de Piracuruca e as razões de não haver nomes de indígenas e/ou negros nas ruas do Centro Histórico de Piracuruca.

#### Desenvolvimento/percurso metodológico

Analisando o Poligonal de Tombamento e Entorno a partir das informações contidas no Dossiê de Tombamento, essas são as ruas que fazem parte e delimitam o Centro Histórico e Paisagístico de Piracuruca. As referências aqui colocadas são simplificações do documento citado. Ao total são 27 Poligonais de Tombamento e 16 Poligonais de Entorno. Sendo que poligonais de tombamento e poligonais de entorno são as nomenclaturas usadas pelo IPHAN para se referir as áreas/delimitações do Centro Histórico. Quando uma área é tombada pelo IPHAN é delimitado as ruas que abrangem o bem que se pretende preservar. Nos mapas da aula 2 podemos observar duas cores: azul e verde. Sendo que a azul (poligonais de tombamento) é área que abarca os bens históricos de forma mais próximo, há uma rigidez mais forte quanto às reformas e mudanças por parte dos proprietários privados ou governamentais. Quanto a área verde (poligonais de entorno) são áreas ao redor dos bens históricos e serve como complemento das poligonais de tombamento.

**Tabela 1 - Ruas e Poligonais de Tombamento**

|        |   |
|--------|---|
| T – 00 | Av. Aurélio Brito e Rua Senador Gervásio  |
| T – 01 | Av. Aurélio Brito e Rua José de Moraes  |
| T – 02 | Lotes da quadra 81, setor residencial 01 e Rua João Martiniano                                      |
| T – 03 | Rua Rui Barbosa e Lotes da quadra 81, setor residencial 01  |
| T – 04 | Rua Rui Barbosa e Rua Luiza Amélia  |
| T – 05 | Rua Luiza Amélia e Rua Cel. Joaquim Onofre de Cerqueira   |
| T – 06 | Rua Cel. Joaquim Onofre de Cerqueira e Rua Teófilo Brito  |
| T – 07 | Rua Teófilo Brito e Rua Rui Barbosa   |
| T – 08 | Rua Rui Barbosa e Rua Luiza Amélia  |
| T – 09 | Rua Luiza Amélia e Rua Senador Gervásio   |
| T – 10 | Rua Senador Gervásio e Rua Ten. Rui Brito   |
| T – 11 | Rua Ten. Rui Brito e Rua Odilon Araújo  |
| T – 12 | Rua Odilon Araújo e Rua Raimundo de Sousa   |
| T – 13 | Rua Raimundo de Sousa e Av. Clementino Escórcio de Cerqueira  |
| T – 14 | Av. Clementino Escórcio de Cerqueira e Lotes da Quadra 17 do Setor Residencial 2 e Rua Luiza Amélia |
| T – 15 | Lotes da Quadra 17 do Setor Residencial 2 e Rua João Facundo  |
| T – 16 | Rua João Facundo e Rua Ten. Rui Brito   |
| T – 17 | Rua Ten. Rui Brito e Rua Félix Gomes  |
| T – 18 | Rua Félix Gomes e Rua João Martiniano   |
| T – 19 | Rua João Martiniano e Lotes Quadra 14 do Setor Residencial 2 e Av. Clementino Escórcio de Cerqueira |
| T – 20 | Lotes Quadra 14 do Setor Residencial 2 e Rua Dr. Resende  |
| T – 21 | Rua Dr. Resende e Lotes da Quadra 21 do Setor Residencial 3 e Travessa Pedro Melquíades             |

|        |   |
|--------|---|
| T – 22 | Lotes da Quadra 21 do Setor Residencial 3 e Lote 94 da mesma quadra e Travessa Pedro Melquíades |
| T – 23 | Lotes da Quadra 21 do Setor Residencial 3 e Lote 94 da mesma quadra e Travessa Pedro Melquíades |
| T – 24 | Travessa Pedro Melquíades a beira do Rio Piracuruca   |
| T – 25 | Eixo do leito do rio e Rua Piauí e Ponte Murilo Resende   |
| T – 26 | Rua Padre Sá Palácio  |
| T – 27 | Rua Senador Gervásio  |

**Fonte:** compilação do autor (2024)

**Tabela 2 - Ruas e Poligonal de Entorno**

|        |   |
|--------|---|
| E– 00  | Av. Aurélio Brito e Rua Rui Barbosa   |
| E – 01 | Rua Luiza Amélia e Rua Diógenes Benício                                       |
| E – 02 | Rua Diógenes Benício e Rua Walter Spindola                                    |
| E – 03 | Rua Walter Spindola e Av. Cel Pedro de Brito                                  |
| E – 04 | Av. Cel Pedro de Brito e Rua Rui Barbosa                                      |
| E – 05 | Rua Rui Barbosa e Rua Abdias Neves  |
| E – 06 | Rua Abdias Neves e Rua João Facundo   |
| E – 07 | Rua João Facundo e Av. Cel Pedro de Brito                                     |
| E – 08 | Av. Cel Pedro de Brito e Av. Clementino Escórcio de Cerqueira                 |
| E – 09 | Av. Clementino Escórcio de Cerqueira e Rua Tertuliano Vieira                  |
| E – 10 | Rua Tertuliano Vieira e Rua João Facundo                                      |
| E – 11 | Rua João Facundo e Rua Raimundo de Sousa                                      |
| E – 12 | Rua Raimundo de Sousa e Rua 21 de abril                                       |
| E – 13 | Rua 21 de abril, cruza o Rio Piracuruca e Rua Arcênio Ramos de Carvalho       |
| E – 14 | Rua Arcênio Ramos de Carvalho, Rua Piauí, Rua Vereador José Alves Viana Filho |
| E – 15 | Rua Vereador José Alves Viana Filho e Rua Rui Barbosa                         |
| E – 16 | Rua Rui Barbosa e Av. Aurélio Brito   |

**Fonte:** compilação do autor (2024)

**Questões propostas sobre o texto**

Após a leitura com alunos, explanação dos principais pontos, releitura por parte dos alunos, são sugeridas algumas questões para resolução pelos alunos, sendo que o professor tem liberdade para aumentar, diminuir e modificar as questões para adequação à sua turma. Detalhe: os alunos por vezes, não terão subsídios teóricos de conhecimento para responder às questões propostas. No entanto, o professor ajudará os alunos na construção dessas respostas através da reflexão e importância desse conhecimento para o aluno.

1. Ao ler as tabelas com nomes das ruas do Centro Histórico de Piracuruca, você consegue observar algum padrão?
2. Pesquisando nas tabelas, existe apenas um nome de mulher. Você sabe quem é ela? Caso não saiba, faça uma pesquisa.
3. O nome de rua é uma forma pública de homenagear pessoas. Observando as tabelas com nomes das ruas do Centro Histórico e das ausências de indígenas e negros, o que esse fato pode significar sobre a memória histórica de Piracuruca.
4. Converse com seus colegas sobre o que vocês conhecem sobre a história dos indígenas e negros na história de Piracuruca.
5. Imagine que você é um turista chegando a Piracuruca, ao observar os nomes das ruas do Centro Histórico, qual a imagem que passa sobre a história da cidade?
6. Quais outros elementos podem ajudar a contar a história de Piracuruca?

## Aula 5: Os irmãos Dantas no olhar memorialista



*Palavras-chaves: memorialistas; irmãos Dantas*

### Objetivos:

- Demonstrar como a história de Piracuruca foi escrita por memorialistas sob a narrativa dos Irmãos Dantas como fundadores;
- Questionar a lenda dos Irmãos Dantas enquanto heróis fundadores da cidade;
- Instigar nos alunos a percepção de que pessoas reais, os indígenas e negros ficaram de fora da narrativa real da fundação da cidade de Piracuruca.

### Desenvolvimento/percurso metodológico

#### ***O que é um memorialista?***

Os autores memorialistas tem papel fundamental como aporte para a construção da historiografia de uma cidade. Aqui não cabe a necessidade de juízo de valor ou sobre o não rigor científico na formatação desses trabalhos. É preciso pensar que as obras memorialistas “foram escritas a partir de um conceito de memória que compreende este tipo de produção como uma espécie de remate da existência” (Maciel, 2013). Os memorialistas se portam como os olhos que “viram” e/ou ouvidos que “ouviram”, responsáveis por documentar tal passado pelo recorte do seu olhar de escritor, se colocando como detentores da verdade da “história”, mas não a História disciplina, nem necessariamente a história, objeto da História, mas a versão que conta tudo e é toda verdadeira sempre.

As três obras dos autores memorialistas que citam a lenda dos Irmãos Dantas são, em ordem cronológica de publicação são o livreto O município de Piracuruca (Separata “O Piauí no Centenário de Sua Independência”) de Anísio Brito, publicado em 1922; Apontamentos Históricos da Piracuruca, de Jureni Machado Bitencourt, publicado em 1989 e Remexendo o Baú, de Maria do Carmo Fortes de Britto publicado em 2002. Vamos transcrever aqui apenas os trechos que citam a “lenda” dos Irmãos Dantas. Lembrando que o memorialista, assim como o histórico, usa uma série de fontes para sua escrita, desde relatos pessoais, sua própria vivência dos fatos para narrar um episódio

histórico. No entanto, o historiador se vale de uma série de métodos científicos específicos para validar seu trabalho, como por exemplo, a validação por pares, quando antes mesmo de ser publicado, o trabalho passa pela análise dos métodos, das fontes e observação crítica dos resultados para só depois, ser publicado. Não obstante o fato que tanto o trabalho do memorialista, quanto do historiador ter grande importância para produção do conhecimento histórico e científico.

---

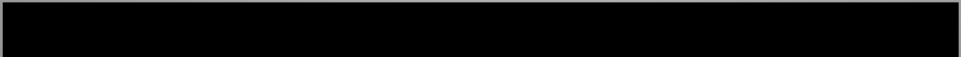
---

Memorialistas fazem suas produções pensando em deixar seu legado escrito, eles escrevem a história que eles querem contar e deixar para as próximas gerações, sem grandes preocupações metodológicas. Maciel (2013), tratando sobre essa modalidade de escrita, diz o seguinte: “o autor memorialista dispõe dessa dupla possibilidade: suas memórias são uma visão da história, mas uma visão personalizada, uma espécie de ‘micro-história’ – visão particularizada da História”. O memorialista procura em seu relato trazer detalhes e descrições da realidade que ele viu e viveu, passando a ideia de alguém que foi testemunha viva de um período histórico (Silva. 2015).



**Autor: Anísio Brito. Obra: O município de Piracuruca (Separata “O Piauí no Centenário de Sua Independência”). Ano de publicação: 1922. Página: 03.**

“Piracuruca, os seus primeiros dias estão envoltos na lenda. A sua existência história, o seu desenvolvimento, prende-se à construção da igreja de N.S. do Carmo, por bandeirantes portugueses, na primeira metade do século XVIII. [...] “Dois portugueses – Manoel Dantas Correia e José Dantas Correia, em princípios do século XVIII, se internaram nos sertões piauienses, explorando o vasto território da então capitania ainda sem autonomia. Riquíssimos, os dois aventureiros, depois de muito andarem e sem que receassem perigos sem conta, que lhes poderiam sobrevir, caíram inesperadamente em mãos selvagens que os aprisionaram. Eram índios antropófagos, habitantes do litoral, e, logo, os dois prisioneiros consideraram sobre a miserável sorte a que eram destinados, prisioneiros que estavam, daqueles bárbaros. Na emergência, desenhando-se-lhe na imaginação o momento lúgubre que iriam servir de repasto, sem outro recurso para reaver a suspirada liberdade, volveram-se aos braços consoladores, e, às vezes, infalíveis da fé: fizeram um voto a N.S. do Carmo de lhe mandarem construir majestoso templo, naquele local, onde se achavam prisioneiros, si a excelsa virgem lhe salvasse a vida. A virgem operou o milagre: recuperaram a liberdade os irmãos Dantas. E a construção do templo teve início em 1743, sendo a mais suntuosa, mais bela, mais bem construída e mais estética do Piauí.”



**Autor: Jureni Machado Bitencourt. Obra: Apontamentos Históricos da Piracuruca. Ano de publicação: 1989. Página: 57.**

“Em viagem aventureira em busca de ouro e pedras preciosas pelo interior da selva, foram os dois portugueses aprisionados por índios antropófagos; conscientes do perigo que passavam, apelaram para a fé. Suplicaram salvação à santa de quem eram devotos, Nossa Senhora do Carmo comprometendo-se, ambos, a construir um templo em sinal de gratidão, caso fossem liberados pelos índios. Como foram salvos, trataram de cumprir a promessa.”

**Autor: Maria do Carmo Fortes de Britto. Obra: Remexendo o Baú. Ano de publicação: 2002.**

“Quando os irmãos Dantas aqui chegaram, foram aprisionados por índios selvagens que comiam carne humana. Logo os dois prisioneiros sentiram que uma morte horrível deles se aproximava. Homens de fé e devotos de N. Sra. do Carmo volveram a ela suas orações e suas súplicas e à Virgem fizeram um voto de lhe construir, naquele lugar um majestoso templo, se a excelsa Santa os salvasse daquela terrível morte.”

**Questões propostas sobre o texto**

Após a leitura com alunos, explanação dos principais pontos, releitura por parte dos alunos, são sugeridas algumas questões para resolução pelos alunos, sendo que o professor tem liberdade para aumentar, diminuir e modificar as questões para adequação à sua turma. Detalhe: os alunos por vezes, não terão subsídios teóricos de conhecimento para responder às questões propostas. No entanto, o professor ajudará os alunos na construção dessas respostas através da reflexão e importância desse conhecimento para o aluno.

1. Quais os personagens citados na lenda de fundação da cidade de Piracuruca?
2. Quais as características dos personagens citados nos três fragmentos de textos?
3. Os indígenas são chamados de “antropófagos” e “selvagens” dentre outros adjetivos negativos. Por qual razão você acha que os autores usam esses termos para se referir aos povos originários?
5. Muitas cidades brasileiras têm histórias de fundação parecidas, com “heróis” brancos e religiosos enfrentando os perigos, desbravando e conquistando terras. O que isso revela sobre a forma como a história do Brasil foi escrita?
6. O que podemos aprender ao comparar diferentes versões da história? Como isso pode nos ajudar a ter uma visão mais próxima do passado?
7. Se você pudesse escrever sua versão da história fundação de Piracuruca, que aspectos destacaria para que fosse uma versão mais justa e representativa dos povos originários?

## Aula 6: Roteiro de aula-passeio pelo Centro Histórico de Piracuruca



**Palavras-chaves:** aula-passeio; centro histórico de Piracuruca

### Objetivos:

- Selecionar os trechos a percorrer com alunos dentro das delimitações do Centro Histórico e Paisagístico de Piracuruca;
- Demonstrar como as aulas propostas e os textos de apoio podem ser usados no decorrer da aula-passeio;

### Desenvolvimento/percurso metodológico

Nessa aula iremos propor um trecho específico para a aula-passeio pelo Centro Histórico de Piracuruca, sendo que o professor poderá optar por outras ruas, fazendo uso do tanto dos textos da aula 3: *Algumas características sobre o Centro Histórico de Piracuruca com os textos e mapas do Centro Histórico*, quanto da aula 4: *As ruas que compõem o Centro Histórico de Piracuruca*, onde é feito uma descrição sobre o que são poligonais de tombamento e poligonais de entorno.

**Imagem 10:** Visão aérea da Praça Irmãos Dantas e Igreja de Nossa Senhora do Carmo



Fonte: De autoria própria, 2025

Acima temos um recorte da visão aérea da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo, a praça da Igreja matriz (Praça Irmãos Dantas) e o conjunto de casas do entorno da praça. A igreja é construída no estilo barroco e sua fachada feita em pedra talhada. Como já mencionado aqui, a construção do templo religioso é dada como uma realização dos Irmãos Dantas. Pode-se inquirir aos alunos algumas outras questões para reflexão, como por exemplo: Os Irmãos Dantas foram os mecenas da obra, mas quem ergueu o templo? Quem foram os homens que trabalharam na construção? Eram de Piracuruca ou da região? E o material utilizado, foi retirado de Piracuruca ou trazido de outra localidade? Constam essas informações na paróquia da cidade? É possível obter as informações, caso existam registros?

**Imagem 11:** Igreja de Nossa Senhora do Carmo



**Fonte:** De autoria própria, 2025

Em relação às casas em torno da Praça Irmãos Dantas, a grande maioria ainda guarda as características do ciclo da carnaúba em Piracuruca no século XIX. Os proprietários eram ricos homens criadores de gado e que consequentemente tomaram de conta do trabalho de extrair o pó da carnaúba e comercializar. Mas todas as residências ali têm cunho residencial. Rústicas em seu formato, a grande maioria das casas seguiam padrão arquitetônico de Portugal, apesar de alguns exemplares que fugiam à regra. Abaixo segue imagens das casas em torno da Praça Irmãos Dantas.

**Imagem 12:** Conjunto de casas à esquerda da Igreja de N. S. do Carmo



**Fonte:** De autoria própria, 2025

**Imagem 13:** Casa em torno da Praça Irmãos Dantas.



**Fonte:** De autoria própria, 2025



**Imagem 14:** Antiga Casa Paroquial.



**Fonte:** De autoria própria, 2025

**Imagem 15:** Casa em torno da Praça Irmãos Dantas



**Fonte:** De autoria própria, 2025

**Imagem 16:** Casa em torno da Praça Irmãos Dantas.



**Fonte:** De autoria própria, 2025



**Imagem 16:** Casa em torno da Praça Irmãos Dantas.



**Fonte:** De autoria própria, 2025

**Imagem 17:** Casa em torno da Praça Irmãos Dantas



**Fonte:** De autoria própria, 2025

**Imagem 18:** Casa em torno da Praça Irmãos Dantas



**Fonte:** De autoria própria, 2025

**Imagem 19:** Casa em torno da Praça Irmãos Dantas



Fonte: De autoria própria, 2025

**Imagem 20:** Casa em torno da Praça Irmãos Dantas



Fonte: De autoria própria, 2025

**Imagem 21:** Casa em torno da Praça Irmãos Dantas.



Fonte: De autoria própria, 2025



**Imagem 22:** Casa em torno da Praça Irmãos Dantas.



**Fonte:** De autoria própria, 2025

**Imagem 23:** Casa em torno da Praça Irmãos Dantas



**Fonte:** De autoria própria, 2025

**Imagem 24:** Casa em torno da Praça Irmãos Dantas.



**Fonte:** De autoria própria, 2025

**Imagem 25:** Casa em torno da Praça Irmãos Dantas



**Fonte:** De autoria própria, 2025

**Imagem 26:** Casa em torno da Praça Irmãos Dantas.



**Fonte:** De autoria própria, 2025

**Imagem 27:** Casarão Padre Sá Palácio.



**Fonte:** De autoria própria, 2025



**Imagem 28:** Casa em torno da Praça Irmãos Dantas.



**Fonte:** De autoria própria, 2025

**Imagem 29:** Casa em torno da Praça Irmãos Dantas.



**Fonte:** De autoria própria, 2025

**Imagem 30:** Casa em torno da Praça Irmãos Dantas



**Fonte:** De autoria própria, 2025

**Imagem 31:** Casa em torno da Praça Irmãos Dantas.



**Fonte:** De autoria própria, 2025

**Imagem 32:** Casa em torno da Praça Irmãos Dantas



**Fonte:** De autoria própria, 2025

**Imagem 33:** Casa em torno da Praça Irmãos Dantas



**Fonte:** De autoria própria, 2025



**Imagem 34:** Casa em torno da Praça Irmãos Dantas



**Fonte:** De autoria própria, 2025

**Imagem 35:** Terreno no quarteirão ao da Igreja de Nossa Senhora do Carmo.



**Fonte:** De autoria própria, 2025

**Imagem 36:** Casa no quarteirão ao da Igreja de Nossa Senhora do Carmo



**Fonte:** De autoria própria, 2025



As duas últimas imagens são simbólicas, pois ali havia um casarão, dos mais antigos, recentemente derrubado, especificamente no fim do ano de 2024, para construção de pontos comerciais. Não vem ao caso aqui qual a finalidade da construção e nem há provas que a derrubada foi ilegal, já que a legislação sobre preservação de imóveis históricos prever que caso o imóvel venha cair por motivos causados pela natureza, como por exemplo, enchente ou forte chuva, o proprietário pode fazer uso do terreno para outros fins, desde que respeite a legislação sobre imóveis próximos aos bens tombados.

Outro ponto importante a ser levantado com os alunos é sobre a importância e pra que da preservação desses bens históricos. Falar que os bens são importantes é essencial, mas por quais razões? Qual a serventia desses imóveis para os estudantes, já que a propriedade é privada? Instigar a curiosidade e a reflexão dos alunos é o gancho para que eles tenham outro olhar o patrimônio da cidade.

**Imagem 37:** Praça Irmãos Dantas



**Fonte:** De autoria própria, 2025

Ainda dentro desse perímetro estipulado inicialmente, temos a Praça Irmãos Dantas. Ela possui arquitetura peculiar, mas são nos elementos que ela nega que podemos trazer os alunos para mais um ponto de reflexão. Abaixo temos o busto do Gervásio Britto de Passos, homem forte da política de Piracuruca tendo sido deputado provincial em 1908 e senador de 1908 a 1915. Idolatrado pelos conterrâneos de sua época por sua luta em trazer a

estrada de ferro para cidade, recebeu a homenagem que lhe eternizou à porta da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo.

**Imagem 38:** Praça Irmãos Dantas



**Fonte:** De autoria própria, 2025

**Imagem 39:** Busto de Gervásio Britto de Passos



**Fonte:** De autoria própria, 2025

É propício indagar aos alunos sobre questões. Tão importante quanto a iniciativa do Senador Gervásio em trazer a linha férrea para Piracuruca, é o trabalho dos homens que trabalharam na construção da estrada de ferro. Onde está a homenagem rendida a esses homens esquecidos na história? Eles têm importância para a história de Piracuruca? Fica a critério do professor a montagem e argumentação com seus alunos sobre esses pontos.

Por conta do trabalho de montar um roteiro de aula-passeio pelo Centro Histórico de Piracuruca, tive uma conversa com Secretário Municipal de Cultura e Turismo de Piracuruca Augusto Moraes, sobre dois pontos em específico. O primeiro tem haver com o busto do Senador Gervásio e uma série de questionamentos sobre os homens que participaram da construção da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, da construção da estrada de ferro Central do Piauí, ramal Piracuruca a Parnaíba, que ajudou a escoar a produção de pó de carnaúba para o litoral e trouxe, além do lucro obtido com a venda do “ouro branco”, o desenvolvimento para a pacata cidade interiorana de Piracuruca.



*Para maiores informações sobre o período do **auge da carnaúba** e a **chegada do trem** à Piracuruca no século XX consultar nossa bibliografia de apoio no final da sequência didática*

Para além desses homens e mulheres invisíveis na história da cidade, seja nas narrativas dos memorialistas, seja na historiografia oficial da cidade, falta a figura indígena e do negro a ser colocada em evidência e importância. Nisso, foi proposto ao secretário usar um espaço sem busto da praça, como demonstra a imagem abaixo, para prestar uma homenagem.



**Imagem 40:** suporte para busto vazio.



**Fonte:** De autoria própria, 2025

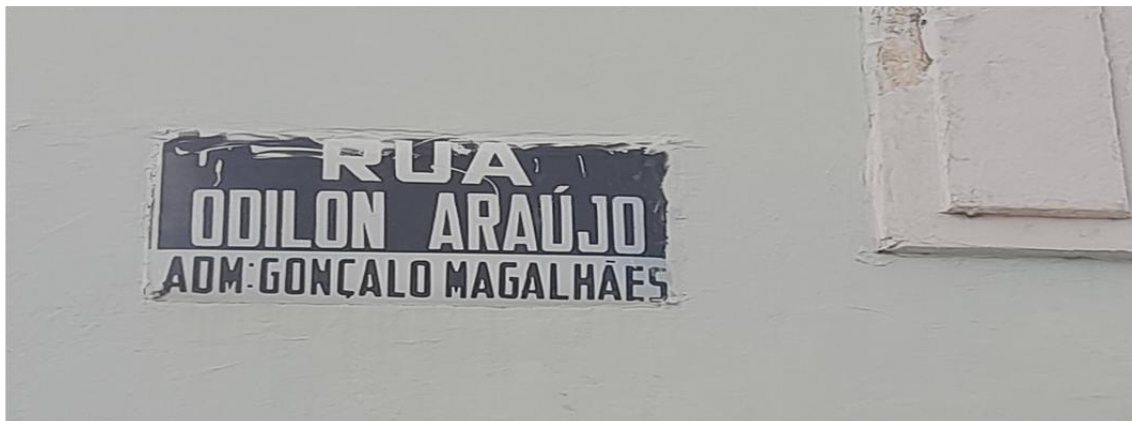
No entanto, existe uma burocracia gigantesca que envolve o tombamento do Centro Histórico de Piracuruca que impossibilita a ação proposta. Chegamos ao segundo ponto que é a falta de sinalização por parte dos órgãos competentes, seja municipal, estadual ou federal, no caso o IPHAN. Caso seja observado bem todas as imagens postadas nesse trabalho de sequência didática, pode-se notar que não há uma placa indicativa do Centro Histórico tombado pelo IPHAN. As próprias placas indicativas de endereço da cidade são antigas e não trazem informações além do nome da rua como mostram as imagens abaixo.

**Imagem 41:** Placa indicativa da Praça Irmãos Dantas.



**Fonte:** De autoria própria, 2025

**Imagem 42:** Placa indicativa da Rua Odilon Araújo



Fonte: De autoria própria, 2025

**Imagem 43:** Placa na Praça Irmãos Dantas apagada pela ação do tempo



Fonte: De autoria própria, 2025

**Imagem 44:** Placa indicativa da Rua Senador Gervásio



Fonte: De autoria própria, 2025

Para além dessa situação dentro do Centro Histórico, existe a falta de sinalização nas entradas/saídas da cidade, ou seja, o turista, o viajante de passagem pela cidade ou mesmo o cidadão residente em Piracuruca, não sabe da existência do Centro Histórico pela simples falta de placas. As imagens abaixo demonstram a falta de informação básica.

**Imagem 45:** Entrada de Piracuruca sentido Batalha/Piracuruca.



Fonte: De autoria própria, 2025

**Imagem 46:** Entrada de Piracuruca sentido Parnaíba/Piracuruca



Fonte: De autoria própria, 2025



**Imagem 47:** Entrada de Piracuruca sentido São João da Fronteira/Piracuruca



**Fonte:** De autoria própria, 2025

**Imagem 48:** Conversa com Secretário Municipal de Cultura e Lazer de Piracuruca Augusto Morais



**Fonte:** De autoria própria, 2025

**Imagem 49:** Entrada de Piracuruca sentido Teresina/Piracuruca



**Fonte:** De autoria própria, 2025

Essas questões levantadas no decorrer da construção dessa sequência didática podem ser incorporadas durante a aula-passeio com os alunos para que eles possam problematizar a questão da educação patrimonial no seu dia-dia. Esses problemas, aos olhos dos munícipes, por vezes passam despercebidos e se normalizam durante a vida dos que aqui vivem. A escola, o professor, seja ele de história ou de outra disciplina, pode atrás desse modelo de sequência didática, acrescentar quantos questionamentos quiser. Pode definir outras ruas, outros roteiros, fazendo as adaptações necessárias que lhe convier. Espera-se que o professor possa usar da melhor forma possível essa pequena contribuição para ensino de História fazendo uso da Educação Patrimonial no Centro Histórico e Paisagístico tombado de Piracuruca.

## **Aula 7: Socialização**

### **Objetivos:**

- Socializar com os alunos sobre a aula-passeio;
- Intermediar o diálogo entre os alunos, dando espaço para que eles possam se expressar sobre o que aprenderam;
- Propor outras formas de encerramento da sequência didática.

### **Desenvolvimento/percurso metodológico**

Chegamos ao final da Sequência Didática: Roteiro de aula-passeio pelo Centro Histórico de Piracuruca. Essa última aula é uma oportunidade para deixar os alunos a vontade para falar sobre todo o processo, desde a primeira aula com perguntas sobre seus conhecimentos do Centro Histórico, passando pelos textos e atividades propostas até a aula-passeio pelos trajetos citados na proposta. É preciso dizer que esse momento de socialização também pode ser complementado por outras atividades, como por exemplo, confecção de cartazes utilizando os conceitos do glossário e fotos impressas feitas pelos alunos; pinturas dos casarões em cartolina com as temáticas escolhidas pelos alunos; proposição de nomes para as ruas do Centro Histórico e etc. Fica a critério do professor implementar essa aula de encerramento.

### Bibliografia de apoio

**Manual de atividades práticas de educação patrimonial / Evelina Grunberg.**  
Brasília, DF: IPHAN, 2007.

Download: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat\\_ManualAtividadesPraticas\\_m.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_ManualAtividadesPraticas_m.pdf)

**Educação Patrimonial: Inventários Participativos Manual de Aplicação | IPHAN**  
Brasília-DF, 2016

Download: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/inventariodopatrimonio\\_15x21web.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/inventariodopatrimonio_15x21web.pdf)

**Cartilha de Educação Patrimonial - Sesc**

Download: <https://www.sescrrio.org.br/wp-content/uploads/2022/01/Educacao-Patrimonial.pdf>

**Cadernos do patrimônio cultural: educação patrimonial / Organização Adson**  
**Rodrigo S. Pinheiro. - Fortaleza: Secultfor: Iphan, 2015.**

Download:

[http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat\\_Cadernos\\_do\\_patrimonio\\_educacao\\_patrimonial\\_voll%283%29.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_Cadernos_do_patrimonio_educacao_patrimonial_voll%283%29.pdf)

**Livro O município de Piracuruca (Separata do “O Piahy no Centenário de sua Independência”). Anísio Brito. Papelaria Piahyense. Therezina - Piahy, 1922.**

Download: <https://portalpiracuruca.com/download/livro-o-municipio-de-piracuruca-anisio-brito/>

**Livro Apontamentos Históricos da Piracuruca. Jurenir Bitencourt. Teresina: Comepi, 1989.**

Download: <https://portalpiracuruca.com/download/apontamentos-historicos-da-piracuruca/>

**Revista Ateneu - Riqueza e Modernização. Teresina: Gráfica do Povo. 2003.**

Download: <https://portalpiracuruca.com/download/revista-ateneu/>

**IPHAN - Cidades do Piauí testemunhas da ocupação do interior do Brasil durante o século XVIII: Conjunto Histórico e Paisagístico de Piracuruca. Ministério da cultura, BRASÍLIA. 2008.**

Download: [https://drive.google.com/file/d/1ZTWz7eb8bsq\\_ybQb2uzMpmKRkB6GoAXn/view?usp=drive\\_link](https://drive.google.com/file/d/1ZTWz7eb8bsq_ybQb2uzMpmKRkB6GoAXn/view?usp=drive_link)

---

# GLOSSÁRIO

## ***Educação Patrimonial***

---

Sebastião Rosa da Silva Filho

Instagram: @centro\_historico\_piracuruca

e-mail: sebastiaoeducacional@gmail.com

---

**Acervo:** conjunto de bens culturais preservados por uma instituição ou comunidade.

**Apropriação cultural:** processo pelo o qual grupos sociais se identificam e utilizam elementos do patrimônio cultural.

**Bens culturais:** elementos materiais ou imateriais que representam a identidade de uma sociedade.

**Bens imateriais:** manifestações culturais não tangíveis, como festas, músicas e saberes.

**Bens materiais:** patrimônio cultural constituído por elementos físicos, como edifícios e objetos históricos.

**Cultura popular:** expressões artísticas e sociais oriundas das tradições de um povo.

**Curadoria:** processo de seleção, conservação e exposição de bens culturais.

**Documentação histórica:** registro e preservação de informações sobre o patrimônio cultural.

**Educação patrimonial:** processo educativo que visa conscientizar sobre a importância da preservação do patrimônio.

**Inventário:** levantamento, seleção, registro e catalogação de informações sobre um bem patrimonial.

**Legislação patrimonial:** conjunto de leis que regulamentam a proteção do patrimônio cultural.

**Memória coletiva:** conjunto de lembranças compartilhadas por uma comunidade ou grupo social.

**Monumentos:** construções, trabalhos de escultura e pintura monumentais, elementos ou estruturas de natureza arqueológica, inscrições, habitações rupestres e combinações de estilos, conjuntos de edifícios separados ou contíguos que sejam de valor universal do ponto de vista histórico, estético, etnológico, arqueológico ou antropológico.

**Paisagem cultural:** integração entre o meio natural e as transformações humanas ao longo do tempo.

**Patrimônio arqueológico:** objetos ou qualquer tipo de conjunto de material capaz de fornecer testemunhos, memórias e histórias sobre um indivíduo ou de uma coletividade. Em outras palavras, trata-se dos vestígios produzidos por seres humanos ou das intervenções realizadas por estes no meio em que vivem, englobando assim, paisagens, objetos, monumentos e quaisquer outros vestígios materiais resultantes de ação humana, aos quais se denomina cultura material.

**Patrimônio arquitetônico:** também chamado de patrimônio edificado, corresponde a uma categoria do patrimônio cultural que compreende as edificações isoladas, os conjuntos especiais e os sítios urbanos aos quais são atribuídos valores culturais.

**Patrimônio cultural:** conjunto de bens materiais e imateriais que refletem a identidade de um povo.

**Patrimônio natural:** conjunto de paisagens, formações geológicas e biodiversidade com relevância histórica e ambiental.

**Patrimônio e centros históricos:** são áreas urbanas que circunscrevem os núcleos antigos e/ou originais das cidades. Os centros históricos são assim chamados por serem consideradas



localidades importantes e indispensáveis para a compreensão da história da cidade, da evolução urbana e dos processos humanos de ocupação e disputa de território.

**Patrimônio e educação patrimonial:** uma das dimensões da educação cujo objetivo principal é promover a sensibilização sobre a importância do patrimônio, e de sua preservação, na formação de sujeitos de sua própria história, que atuem na reivindicação de seus direitos coletivos e no fortalecimento de sua cidadania. Nesse sentido, a educação patrimonial tem um caráter transformador e emancipatório.

**Patrimônio imaterial:** compreende práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas reconhecidas pelas comunidades como parte integrante de seu patrimônio cultural. É caracterizado por sua transmissão de geração em geração e por sua constante recriação, em função do ambiente, da interação com a natureza e da história.

**Patrimônio material:** constitui-se de um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza: históricos, arqueológicos, paisagísticos, etnográficos, belas artes e artes aplicadas. Eles estão divididos em bens imóveis (núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos) e bens móveis, individuais e nacionais (coleções arqueológicas, acervos museológico, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográfico).

**Patrimônio natural:** áreas com características físicas, biológicas e geológicas extraordinárias; habitats de espécies animais ou vegetais em risco: áreas de grande valor científico e estético ou do ponto de vista da conservação.

**Patrimônio religioso:** está concretizado materialmente nas formas arquitetônicas dos templos - igrejas, sinagogas, mesquitas, capelas, monastérios, conventos, escolas religiosas, hospitais, pensionatos e etc. São locais de culto e suas construções, como os templos de todas as religiões, que foram

construídos como espaços culturais nos quais se realizam os ritos religiosos desde a Antiguidade até os dias atuais.

**Preservação:** conjunto de medidas para garantir a integridade de bens culturais.

**Restauração:** processo de recuperação de elementos danificados de um bem cultural.

**Salvaguarda das cidades históricas:** diversas medidas necessárias para garantir a proteção, a conservação e o restauro, bem como o desenvolvimento de conjuntos urbanos históricos adaptados à vida contemporânea.

**Salvaguarda de patrimônio imaterial:** medidas para garantir a viabilidade do patrimônio cultural imaterial, como a identificação, a documentação, a investigação, a preservação, a proteção, a promoção, a valorização, a transmissão - essencialmente por meio da educação formal e não formal - e a revitalização desse patrimônio em seus diversos aspectos.

**Salvaguarda:** procedimentos dispensados à preservação de um bem patrimonial.

**Sítios patrimoniais:** bens materiais e imateriais relacionados às identidades e às memórias coletivas da humanidade. Expressam-se pela diversidade das manifestações artísticas, científicas e tecnológicas. Apresentam-se sob a forma de objetos, documentos, construções, paisagens culturais, conjuntos urbanos, e sítios históricos e arqueológicos.

**Tombamento:** tomar é registrar um bem cultural em um livro de tombo, definindo-se a proteção de objetos, monumentos, documentos, construções, manifestações culturais, etc. o tombamento estabelece a guarda e proteção de bens móveis e imóveis, tangíveis e intangíveis, para que os bens culturais preservem suas características originárias.

## Bibliografia

AVELINO, Jarbas. **Riqueza e Modernização**. Revista Ateneu. Teresina: Gráfica do Povo. Ano 1, n 1, p. 16-19, jan. 2003.

BARBOSA, José D'Assunção. **História e Memória: Reflexão sobre o campo historiográfico**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

BITENCOURT, Jurenir. **Apontamentos Históricos da Piracuruca**. Teresina: Comepi, 1989.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)**. Brasília. MEC. 1998.

BRITO, Anísio. **O município de Piracuruca** (Separata do “O Piahy no Centenário de sua Independência”). Papelaria Piahyense. Therezina – Piahy, 1922.

BRITTO, Maria do Carmo. **Remexendo o baú**. Piripiri: Gráfica e editora Ideal, 2002.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: UNESCO, 2001.

FIGUEIRA, Cristina Aparecida Reis. **Educação patrimonial no ensino de história nos anos finais do ensino fundamental: conceitos e práticas**. São Paulo: Edições SM, 2012.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Arqueologia**. São Paulo, Contexto, 2003.

LE GOFF, Jacques. **A História e os Historiadores**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MACIEL, Sheila Dias. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 48, n. 4, p. 551-558, out./dez. 2013.

MENEGHUELLO, Aline Carvalho Cristina. (Org.) **Dicionário temático de patrimônio**. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

NORA, P.; AUN KHOURY, T. Y. **ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A PROBLEMÁTICA DOS LUGARES**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.], v. 10, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1997.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Global, 2006.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARTÍSTICO E NACIONAL. **Cidades do Piauí testemunhas da ocupação do interior do Brasil durante o século XVIII: Conjunto Histórico e Paisagístico de Piracuruca**. Ministério da cultura, BRASÍLIA. 2008.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARTÍSTICO E NACIONAL. **Cidades do Piauí testemunhas da ocupação do interior do Brasil durante o século XVIII: Conjunto Histórico e Paisagístico de Piracuruca**. Ministério da cultura, BRASÍLIA. 2008.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARTÍSTICO E NACIONAL. **Normatização de Cidades Históricas**. Sistema Integrado de Conhecimentos e Gestão – SICG. Brasília, 2010.

PESAVENTO, Sandra. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica. 2003.

SOUZA, Maria Cecília Londres. **Educação Patrimonial: História e Práticas**. Brasília: IPHAN, 2009. 59

SILVA, Rodrigo. **Educação patrimonial e a dissolução das monoidentidades.**  
Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 56, p. 207-224, abr./jun. 2015, p. 207-224.



**PROF HISTÓRIA**  
MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA